



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**O Domínio das Novas Tecnologias e a Interação
entre Mães e Filhos/as Adolescentes**

Rita Isabel Passinhas Martinho

Orientação: Prof.^a Doutora Heldemerina Samutelela Pires

Mestrado em Psicologia

Área de especialização: *Psicologia Clínica e da Saúde*

Dissertação

Évora, 2017

“Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri”



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Psicologia

Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

**O Domínio das Novas Tecnologias e a Interação entre Mães
e Filhos/as Adolescentes**

Rita Isabel Passinhas Martinho

Orientadora:

Prof.^a Doutora Heldemerina Samutelela Pires

Évora, Setembro 2017

“Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri”

“Os nossos mundos, socialmente saturados de tecnologias, influenciam as relações familiares e as dinâmicas. As tradicionais noites passadas à volta da mesa a comer e a contar histórias, há muito que se foram”

(Pigeron, 2009)

Agradecimentos

Esta Dissertação de Mestrado não teria sido possível sem o apoio e a boa vontade daqueles a que agora me refiro. A todos, os meus sinceros agradecimentos.

Um especial agradecimento à Professora Doutora Heldemerina Samutelela Pires por, em primeiro lugar, me ter aceite como sua orientanda e, em segundo lugar, por me ter orientado de uma forma sistemática, exigente e compreensiva, por me ter motivado em cada sessão de orientação e por ter percorrido esta etapa a meu lado, ensinando-me a ser investigadora.

À minha família e amigos/as que estiveram sempre a meu lado, nos momentos bons e nos menos bons; por terem sido compreensivos e por me terem suportado e motivado quando a vontade de continuar era menor.

Ao Vasco, por ser aquele que me ilumina e me faz feliz com um único sorriso seu, por ser racional, por me ajudar a simplificar o que eu pensava ser complicado e por me fazer enfrentar os obstáculos que surgiram durante a concretização da Dissertação.

À Cátia, ao Emanuel, ao Nuno, à D. Cristina, à Carina e ao Senhor Souto, por terem sido os meus companheiros na realização da Dissertação durante o verão e, por me terem proporcionado momentos de descontração, de reflexão e até de diversão, pois sem eles a realização da Dissertação teria tido um outro sabor.

Aos/às participantes da minha investigação que foram excecionais na sua disponibilidade e na partilha de experiências, tendo contribuído para o meu à vontade na execução das entrevistas.

Por fim, mas não menos importante, à Universidade de Évora, mais concretamente ao Departamento de Psicologia, por me ter proporcionado a oportunidade de fazer o Mestrado e, conseqüentemente o Estágio e a Dissertação, tornando o ano letivo de 2015/2016 um ano recheado de aprendizagens e de conhecimento.

Um Muito Obrigada!

O Domínio das Novas Tecnologias e a Interação entre Mães e Filhos/as Adolescentes

Resumo

O presente estudo investiga a influência das novas tecnologias na interação familiar, especificamente entre mães e filhos/as adolescentes no seu quotidiano. No estudo participaram 14 mães com idades compreendidas entre os 41 e os 66 anos e 15 adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, a quem foi realizada uma entrevista semiestruturada. As respostas recolhidas foram analisadas através da técnica de análise de conteúdo. Os resultados revelaram que as tecnologias influenciam as relações familiares entre mães e filhos/as adolescentes. Para as mães, as tecnologias influenciam negativamente a interação que têm com os/as filhos/as, pois exigem que estes/as despendam de tempo que poderia ser aproveitado com a família. Os/as adolescentes consideraram que as tecnologias têm uma influência neutra na interação familiar, na medida em que conseguem equilibrar o tempo que despendem com tecnologias e o tempo que dedicam à família, não preterindo uma ou outra.

Palavras-chave: Comunicação, Interação, Adolescentes, Mães, Tecnologias.

The Influence of the New Technologies and the Interactions between Mothers and Adolescents

Abstract

This study aims to investigate how technologies influence family interactions between mothers and adolescents in their daily life. In this study participated 14 mothers aged 41 to 66 years old and 15 adolescents aged 14 to 18 years old, to whom was performed a semi-structured interview. The answers were analyzed through the content analysis technique. The results revealed that technologies influence family interactions between mothers and adolescents. For mothers, technologies influence negatively the interaction with the adolescents, because it requires them to spend time that could be enjoyed with the family. The adolescents considered that technologies have a neutral influence in family interactions, indicating that they are able to balance the time they spend with technologies and the time they devote to family, not disregarding anyone.

Keywords: Communication, Interaction, Adolescents, Mothers, Technologies

Índice

Introdução	1
Parte I- Enquadramento Teórico	5
Capítulo I – Família, Comunicação e Interação	5
1.1. Conceito e Definição de Família.....	5
1.2. A Comunicação na Família.....	8
1.2.1. A Interação do/a Adolescente com a Família.....	10
Capítulo II - As Novas Tecnologias no Contexto Familiar	17
2.1. A Introdução das Tecnologias na Família	17
2.2. Tecnologias Comummente Utilizadas.....	21
2.2.1. Televisão.....	21
2.2.2. Telemóveis	23
2.2.3. Computadores	25
2.2.4. Videojogos	25
2.2.5. Internet.....	27
2.3. As Novas Tecnologias na Interação Familiar.....	30
Parte II – Estudo Empírico.....	35
Capítulo III – Método	35
3.1. Enquadramento Metodológico	35
3.2. Problemática do Estudo	36
3.3. Objetivos do Estudo.....	37
3.4. Instrumentos	38
3.5. Procedimentos Gerais de Recolha e Tratamento dos Dados	38
3.6. Caracterização dos/as Participantes.....	40
Capítulo IV – Apresentação dos Resultados	47
Capítulo V: Análise e Discussão dos Resultados	73
Objetivo 3 – Tecnologias Utilizadas pela Família	73

Objetivo 4 - Importância das Tecnologias Pela Família e a Importância da Internet no/a Adolescente	75
Objetivo 5 - Percepção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente.....	79
Objetivo 6 - As Novas Tecnologias na Interação Familiar	85
Objetivo 7 - Opinião sobre a Frase “O Pai e a Mãe Utilizam as Tecnologias (os Média) como <i>Baby-Sitter</i> ”	92
Conclusão	95
Bibliografia	103
Anexos	117
Anexo I - Guião de Entrevista Semiestruturada das Mães.....	119
Anexo II - Guião de Entrevista Semiestruturada dos/as Adolescentes	123
Anexo III – Consentimento Informado.....	127
Anexo IV – Excerto da Entrevista de uma Mãe	129
Anexo V – Excerto da Entrevista de um/a Adolescente	133
Anexo VI.....	137
Anexo VII.....	137
Anexo VIII.....	139
Anexo IX.....	139
Anexo X.....	141
Anexo XI.....	141
Anexo XII.....	143
Anexo XIII.....	143
Anexo XIV – Grelha de Análise Categorical das Mães Entrevistadas	145
Anexo XV – Grelha de Análise Categorical dos/as Adolescentes Entrevistados/as	155

Índice de Quadros

Quadro 1: Caracterização Sociodemográfica das Mães Entrevistadas.....	43
Quadro 2: Caracterização Sociodemográfica dos/as Adolescentes Entrevistados/as..	44
Quadro 3: As Tecnologias e a sua Distribuição na Residência segundo as Mães Entrevistadas	141
Quadro 4: As Tecnologias Utilizadas pelos/as Filhos/as, segundo as Mães.....	141
Quadro 5: Conhecimento sobre Tecnologias dos/as Adolescentes segundo as Mães.....	143
Quadro 6: A Percepção das Mães relativamente ao Tempo Despendido do/a Filho/a com Tecnologias.....	143
Quadro 7: Comunicação.....	50
Quadro 8: Lazer e Entretenimento.....	50
Quadro 9: Formação e Informação.....	51
Quadro 10: Vantajosa.....	51
Quadro 11: Desvantajosa.....	52
Quadro 12: Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias.....	53
Quadro 13: Momentos de Interação Familiar Com Tecnologias.....	54
Quadro 14: Relação Positiva.....	54
Quadro 15: Relação Negativa.....	55
Quadro 16: Relação Neutra.....	55
Quadro 17: Comunicação Igual.....	56
Quadro 18: Comunicação Diferente.....	57
Quadro 19: Sub-subcategorias da subcategoria Melhoria da Comunicação.....	57
Quadro 20: Tecnologias (os Média) como Recurso Positivo.....	58

Quadro 21: Tecnologias (os Média) como Recurso Negativo.....	59
Quadro 22: As Tecnologias e a sua Distribuição nas Residências segundo os/as Adolescentes	145
Quadro 23: O Tipo de Tecnologia Utilizada pelo/a Adolescente.....	145
Quadro 24: Conhecimento sobre Tecnologias segundo os/as Adolescentes.....	147
Quadro 25: A Percepção dos/as Adolescentes relativamente ao Tempo Despendido com Tecnologias.....	147
Quadro 26: Formação e Informação.....	62
Quadro 27: Lazer e Entretenimento.....	62
Quadro 28: Lazer e Entretenimento.....	63
Quadro 29: Informação e Estudo.....	64
Quadro 30: Comunicação	64
Quadro 31: Comportamentos.....	65
Quadro 32: Sentimentos.....	66
Quadro 33: Contexto.....	66
Quadro 34: Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias	67
Quadro 35: Momentos de Interação Familiar Com Tecnologias.....	68
Quadro 36: Relação Negativa.....	69
Quadro 37: Relação Neutra.....	69
Quadro 38: Comunicação Igual.....	70
Quadro 39: Comunicação Diferente.....	70
Quadro 40: Tecnologias (os Média) como Recurso Positivo.....	71
Quadro 41: Tecnologias (os Média) como Recurso Negativo.....	72

Introdução

A família é um sistema que se tem modificado ao longo do tempo, nomeadamente, ao nível da sua estrutura, dinâmica e composição, adaptando-se às mudanças sociais, económicas e geográficas a que tem sido sujeito (Sallés & Ger, 2011). A família não deve ser considerada apenas como um conjunto de pessoas que convivem e partilham os laços de sangue e apelidos (Comesaña, 2011), mas sim como um grupo em que as relações entre os seus membros têm um profundo carácter afetivo, sendo essa a característica principal que o diferencia de outros grupos (Comesaña, 2011).

Na família, a comunicação é extremamente importante porque, ao ser a peça fundamental na potencialização e no auxílio do estabelecimento de relações mais satisfatórias e saudáveis (Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002), permite aos seus membros expressarem as suas necessidades, desejos e preocupações com os outros, daí que uma comunicação aberta e honesta seja o ideal (Peterson & Green, 2009). Contudo, quando a comunicação familiar é pobre e pouco clara, podem desenvolver-se conflitos familiares excessivos, uma abordagem na resolução de problemas ineficaz, problemas ao nível da intimidade e ainda uma fraca ligação emocional (Peterson & Green, 2009).

Nas famílias, a adolescência reflete-se como um período do desenvolvimento repleto de alterações e desafios, quer para o/a adolescente em questão quer para o seu pai quer para a sua mãe (McNeely & Blanchard, 2009), uma vez que obriga a família nuclear a redimensionar o seu papel por meio de uma série de adaptações na sua dinâmica interna (Ruzany et al., 2008). Por si só, a comunicação com adolescentes é caracterizada pela existência de um acréscimo na complexidade das relações e nos confrontos com o pai e com a mãe (Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002), que podem dever-se às próprias características da puberdade (Jiménez & Delgado, 2002), ao normal desejo pela autonomia (Fleming, 1993), à formação da identidade (Manning, 1977) e ainda ao efeito de novas influências externas ao subsistema parental (Alarcão, 2006), que podem questionar os valores familiares anteriormente definidos (Cardoso, Espanha & Lapa, 2008).

Um exemplo das influências supramencionadas são as novas tecnologias e a “invasão” das mesmas na residência e vida familiares que, por acompanharem as crianças e adolescentes diariamente desde o seu nascimento, tornam-se em algo natural e muito atrativo (Díazgranados, 2007), passando de meros instrumentos para

“(…) extensões de nós próprios e das nossas relações; são um elemento fundamental na nossa relação com o mundo e com os outros” (Giaccardi, 2012 como citado em Segatto & Dal Ben, 2013, p.102). Hoje, o estilo de vida e os processos de comunicação sofreram alterações devido à presença de tecnologias na família (Prados, Vicent & Estéban, 2014), mais concretamente, a televisão, o telemóvel, o computador, a Internet e os videojogos (Díazgranados, 2007), que forçaram a reformulação dos significados e dos valores familiares, bem como o tempo despendido no convívio familiar, nas atividades de lazer, nos rituais diários, na interação entre pai, mãe e filho/a e, ainda, a reformulação da privacidade e da intimidade (Hintz, 2001).

A rápida introdução das tecnologias nas famílias, juntamente com o facto dos/as adolescentes crescerem entre uma multiplicidade de escolhas no que respeita às formas de comunicação, entretenimento e informação, sugere que possam estar a ocorrer transformações no âmbito da interação familiar (Cardoso, Espanha & Lapa, 2008), resultado da inevitabilidade da presença das tecnologias nos momentos familiares.

No que respeita ao impacto das tecnologias na família, um estudo realizado pela Kaspersky Lab (Jornal de Notícias, 2012), que investigou os hábitos e riscos dos/as utilizadores/as de dispositivos móveis em Portugal, concluiu que os *smartphones* e os *tablets* estão cada vez mais presentes na vida dos indivíduos. De acordo com o mesmo estudo, 62% dos/as portugueses/as confessaram usar o telemóvel durante as refeições e 19% levam o dispositivo para a cama na hora de dormir. Quanto à população infantil e adolescente, Rideout, Foehr e Roberts (2010) referem que, crianças e adolescentes, com idades compreendidas entre os oito e os dezoito anos, parecem ser quem mais utiliza tecnologias, dedicando uma média de 7,38 horas por dia com tecnologias destinadas ao entretenimento. Assim, é possível inferir que as tecnologias parecem deter um efeito significativo na forma como as famílias e os/as adolescentes lidam diariamente com as mesmas, originando transformações familiares progressivas, daí ter surgido o interesse na realização do presente estudo.

Autores/as como Schulz (2004, como citado em Livingstone & Das, 2011) alertam para a evolução das tecnologias, resultando em quatro tipos de transformações sócio-históricas:

Primeiro, os meios de comunicação estendem os limites naturais da capacidade de comunicação humana; segundo, as tecnologias substituem as atividades sociais e as instituições sociais; terceiro, os meios de comunicação

unem-se com várias atividades não-tecnológicas da vida social; e, quarto, os atores e as organizações de todos os setores da sociedade acomodam-se às lógicas das tecnologias (p.40).

Se na literatura são mencionadas as alterações notadas ao nível da estrutura, da dinâmica, da interação e da comunicação entre os membros de uma família, então é importante conhecer se as tecnologias contribuem para que as interações familiares se modifiquem, positiva ou negativamente, especialmente na interação entre mães e filhos/as adolescentes.

Partindo da breve introdução sobre a temática em estudo, a Dissertação tem como objetivo investigar de que modo o uso das novas tecnologias influencia as interações familiares em famílias com adolescentes, especialmente entre mães e filhos/as no seu quotidiano. Atendendo ao mesmo, pretende-se identificar as tecnologias utilizadas pela família, identificar a importância das tecnologias pela família e a importância da Internet no/a adolescente, identificar a perceção das mães e dos/as adolescentes quanto à utilização de tecnologias pelo/a adolescente, investigar as novas tecnologias na interação familiar e, também conhecer a opinião dos/as entrevistados/as sobre uma frase relacionada com a temática da família e das tecnologias (os média).

A Dissertação encontra-se estruturada em duas partes. A primeira, composta pelo enquadramento teórico, encontra-se subdividida em dois capítulos, sendo que o primeiro capítulo aborda os conceitos de família, de comunicação e de interação e, descreve a interação dos/as adolescentes com a família. Enquanto o segundo capítulo diz respeito às novas tecnologias no contexto familiar, à introdução das mesmas na família, às tecnologias comumente utilizadas e ao modo como as novas tecnologias podem facilitar ou impedir a interação social na família. A segunda parte é constituída pelo estudo empírico onde se apresentam o método, a problemática, os objetivos, a apresentação dos instrumentos de recolha de dados, os procedimentos gerais, a caracterização dos/as participantes, a apresentação dos resultados, a análise e discussão dos resultados, tendo em consideração a revisão bibliográfica realizada. Também será exposta uma breve conclusão do estudo, as respetivas limitações e, por fim, os anexos.

Parte I- Enquadramento Teórico

Capítulo I – Família, Comunicação e Interação

A família e a comunicação são dois elementos indissociáveis, uma vez que a família é o lugar onde se aprende a comunicar, enquanto a comunicação determina as interações da família. Mas antes de avançar na relação entre estes dois elementos, será pertinente defini-los.

1.1. Conceito e Definição de Família

Torna-se difícil definir família por ser um termo abrangente e frequentemente utilizado para identificar situações bastante diversificadas. Em 1981, Andolfi define família como:

Um sistema de interação que supera e articula dentro dela os vários componentes individuais (...) onde é essencial a exploração das relações interpessoais e das normas que regulam a vida dos grupos significativos a que o indivíduo pertence, para uma compreensão do comportamento dos membros e para a formulação de intervenções eficazes (Alarcão, 2000, p. 38).

Para completar esta ideia, outros/as autores/as definem família como “(...) um grupo institucionalizado, relativamente estável e constitui uma importante base da vida social” (Alarcão, 2000, p. 35), que é “(...) a primeira fonte de influência que está na base da formação da personalidade e do crescimento das crianças” (Macionis, 2011 como citado em Villegas, 2013, p. 3), sendo essencial a qualquer pessoa por ser “(...) a sua maior fonte de segurança, amor, pertença e identidade” (Lalor et al., 2009 como citado em McGrath, 2012, p.6). Recentemente, Dias (2011) considera família como um sistema e, simultaneamente, um processo de interação e integração entre os seus membros, em que a comunicação revela ser o elo de ligação que possibilita a sustentação de todo o sistema.

Hoje em dia, existem muitas definições de famílias, mas possivelmente, o mais importante é considerá-la como um todo, una e única (Alarcão, 2000). Deste modo, enquanto sistema, a família apresenta características muito próprias: i) é perspectivada como um sistema social, aberto e auto-organizado; ii) é vista como um todo (é mais do que a soma dos elementos que a constituem), mas é também parte de outros sistemas,

de contextos mais vastos nos quais se integra; iii) insere-se no sistema, onde existem totalidades mais pequenas que são parte do grupo total (individual, conjugal, parental e fraternal); iv) exige a conceção de limites e de fronteiras do sistema (ou subsistema) que permitam a sua diferenciação face aos contextos que o envolvem e nos quais podem ser mais ou menos abertos conforme a organização da família (Relvas, 2000); e v) o comportamento de cada um dos seus membros é indissociável do comportamento dos restantes e, aquilo que acontece afeta a família no seu conjunto, tanto ao nível dos indivíduos como das relações do sistema (Alarcão, 2000).

Para Relvas (2000) a família desempenha duas importantes funções: a primeira dá lugar ao desenvolvimento e à distinção entre os seus membros, simultaneamente a criação e a presença de um sentimento de pertença; a segunda tem que ver com a integração dos seus elementos no contexto sociocultural que os acolher.

De acordo com Caniço, Bairrada, Rodríguez e Carvalho (2010) e com Galvin, Braithwaite e Bylund (2016) o conceito de família tradicional (constituída por um homem e uma mulher legalmente unidos em matrimónio e filhos/as, em que os papéis estão bem definidos, o pai e a mãe são heterossexuais, o pai é considerado o chefe da família e que a sustenta; por sua vez, a mãe tem o dever de cuidar da casa e dos/as filhos/as e, existe a manutenção do casamento de acordo com regras e diretrizes católicas) sofreu alterações para dar lugar a um conjunto de famílias com características bem diferentes, obrigando a um reenquadramento social (Fonseca, 2012): a família nuclear (constituída pelo pai, mãe e filhos/as; pai e filho/a(s); ou mãe e filho/a(s)), a família extensa (família nuclear mais a avó e o avô, os/as tios/as e os/as primos/as), a família recasada (esposo, esposa e filhos/as de casamentos anteriores), a família de facto (um homem e uma mulher e possivelmente filhos/as, sem ter havido um casamento formal), a família monoparental (lar com apenas um dos pais – homem ou mulher – possivelmente devido a um divórcio, morte ou porque nunca se casou), família comunitária (homens, mulheres e filhos/as que vivem juntos, partilhando direitos e responsabilidades, possuindo e utilizando conjuntamente direitos de propriedade, abandono e, muitas vezes, casamentos monógamos), família em série (homem ou mulher com uma sucessão de casamentos com vário(s) esposo(a)s ao longo da sua vida, mas com uma família nuclear de cada vez), família composta (uma forma de casamento polígamo em que duas ou mais famílias nucleares partilham o mesmo esposo ou esposa, embora a primeira forma seja a mais comum), família em coabitação (um relacionamento mais ou menos permanente entre duas pessoas não casadas do

sexo oposto) e, atualmente, pode acrescentar-se a família homossexual (constituída por casais do mesmo sexo e/ou seus/as filhos/as).

Desde o século passado, a organização das famílias altera-se de dia para dia devido à complexidade e à diversidade das relações pessoais (Cheal, 2002 como citado em McGrath, 2012) e, tem-se assistido a um declínio da qualidade das relações nas famílias nucleares, verificando-se que os indivíduos tornaram-se mais individualistas e as famílias passam cada vez menos tempo juntas (McGrath, 2012). Tem-se igualmente constatado que os membros da família já não tomam algumas refeições em conjunto, a gestão das famílias com crianças tornou-se num desafio maior (Turtiainen, Sakari & Rahkonen, 2007) e, a própria parentalidade tem sofrido alterações devido às mudanças sociais e às novas exigências da vida familiar, que dificultam uma maior proximidade do pai e da mãe na vida das crianças e adolescentes (Ferri & Smit, 1996 como citado em Turtiainen et al., 2007). Autores/as como Turtiainen et al. (2007) alegam que, dadas as alterações atuais, a posição da família na sociedade mudou e conseqüentemente os valores familiares também se modificaram.

Nesta perspetiva de mudança, têm-se sentido transformações na família que conduzem à adaptação dos seus membros a novas condições, nomeadamente, "(...) o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, um decréscimo na taxa de nascimentos, uma taxa flutuante de casamentos, um aumento dos divórcios e do número de crianças que nascem fora dos casamentos" (Lalor et al., 2009 com citado em McGrath, 2012, p.7). Atualmente, para McGrath (2012) as funções sociais executadas pelas famílias são o consumo, a socialização e a gestão da tensão.

Esta ideia parece incompleta na medida em que Alarcão (2006) afirma que a família é considerada o primeiro mediador entre a criança e o mundo externo, tornando-se o primeiro grupo de socialização, fundamental na aprendizagem de dimensões importantes da interação, isto é, os contactos corporais, a linguagem, a comunicação e as relações interpessoais. Assim sendo, a família proporciona a vivência de experiências como as relações afetivas profundas, a filiação, a fraternidade, o amor e a sexualidade, num conjunto de emoções e afetos positivos e negativos, que caracterizam o Ser Humano e fazem-no sentir parte daquela e não de outra família (Alarcão, 2006).

Em suma, a família é um grupo com características próprias que a definem como sendo a relação base de qualquer indivíduo e, quando se fala deste conceito, é impossível não falar de comunicação, uma vez que esta é uma forma constante e exigente que permite a interação e o convívio entre os seus membros

1.2. A Comunicação na Família

Na obra *Pragmática da Comunicação Humana* (1967), os autores consideram interação como "(...) uma série de mensagens trocadas entre pessoas" (p.46). Por sua vez, Comunicação define-se como "o ato ou efeito de comunicar; a troca de informação entre indivíduos através da fala, da escrita, de um código comum ou do próprio comportamento" (Dicionário da Língua Portuguesa, 2016). Neste sentido, comunicação e interação apresentam-se como processos indissociáveis, pois não existe interação se não houver comunicação e vice-versa. Watzlawick, Beavin e Jackson (1967) determinam comunicação como "(...) um processo de interação" (p.14).

Para Galvin e Brommel (1982, como citado em Smith, Freeman & Zabriskie, 2009) a comunicação é considerada "(...) um processo transacional simbólico de criação e de partilha de significados" (p.9) e desempenha um papel significativo na relação entre os indivíduos. A comunicação é gradual e contínua desde o nascimento até à morte do indivíduo, permitindo uma constante interação com os demais, especialmente com a família. Em cada família, aprende-se a comunicar, aprende-se o estilo comunicacional do pai e da mãe e formula-se o seu próprio estilo, com os seus valores e com a sua forma de pensar e de ver o mundo (Guamán & Guamán, 2010).

No contexto familiar, a comunicação assume um papel decisivo para o seu bom funcionamento e, neste sentido, Smith, Freeman e Sabriskie (2009) afirmam que, na família, a comunicação "(...) tem um papel significativo na relação entre os momentos de lazer da família e o funcionamento da mesma" (p.12). Portanto, caso exista disfuncionalidade da comunicação, esta pode resultar num impacto prejudicial na interação e na coesão familiares (Smith et al., 2009).

De um modo geral, para comunicar recorre-se a dois tipos de comunicação: a verbal e a não-verbal e, ambas podem utilizar-se simultaneamente. A comunicação verbal caracteriza-se por recorrer à linguagem e pode realizar-se através de duas formas – a oral (através de sinais orais ou palavras faladas) e a escrita (por meio da representação gráfica de sinais) (Guamán & Guamán, 2010). Inseridas na forma oral, podem existir formatos como os gritos, os assobios e os risos, que podem expressar-se em diferentes contextos. No que respeita às formas de comunicação escrita, podem apontar-se os hieróglifos, os alfabetos, as siglas e os logotipos (Guamán & Guamán, 2010). Autores como Watzlawick, Beavin e Jackson (1967) referem que a comunicação digital é uma sintaxe lógica extremamente complexa e poderosa, porém é carente de adequada semântica no campo das relações.

Quando se indica comunicação, principalmente de comunicação verbal, o diálogo é referenciado como tendo inúmeros benefícios no que respeita às relações interpessoais e, Rodríguez (2011, como citado em Prados, Vicent & Esteban, 2014) assume que esta “(...) permite conhecer melhor as expectativas, as opiniões e a capacidade de verbalizar os sentimentos do outro” (p. 38).

Quanto à comunicação não-verbal, Watzlawick, Beavin e Jackson (1967) declaram que este termo é equívoco porque “ (...) está frequentemente restringido aos movimentos corporais, apenas ao comportamento conhecido como cinético” (p.57). Todavia, este tipo de comunicação realiza-se também através da postura, dos gestos, da expressão facial, da inflexão da voz, da sequência, do ritmo e da cadência das próprias palavras. Galvin e Brommel (1982, como citado em Smith, Freeman & Sabriskie, 2009) acrescentam que a comunicação não-verbal abrange sinais que carecem de estrutura sintática e que incluem imagens, gestos, sinais e movimentos corporais como meios para comunicar com os outros. No interior da família, enviam-se constantemente mensagens não-verbais como sinais ou gestos que indicam que um membro está a comunicar. Aqui, enfatiza-se a comunicação corporal como uma parte essencial do sistema comunicacional (Guamán & Guamán, 2010).

Em suma, o conceito de família tem sofrido alterações na sua definição, na estrutura e nas dinâmicas subjacentes. Inerente à família, encontra-se a comunicação que é um fator fundamental entre os seus membros, contribuindo para o seu funcionamento, ao conjugar a comunicação verbal e a não-verbal, permitindo que os indivíduos interajam e comuniquem efetivamente. Tal como a família evolui através de diferentes fases no seu ciclo de vida (Relvas, 1996; Alarcão, 2000), prevê-se que a comunicação, no seio desta, também se vá alterando consoante a sua fase de desenvolvimento. Gaete (2015) refere que, algumas das transformações familiares visíveis ao longo do ciclo de vida familiar são a relação e a comunicação entre pai, mãe e filho/a(s) que, de um modo geral, pode ser alterada e mobilizada para fora da família, ganhando o grupo de pares uma importância significativa, uma vez que aumenta o desejo de independência do/a adolescente e diminui o seu interesse pelas atividades familiares. Neste sentido, numa família com filhos/as na adolescência, as características de desenvolvimento deste período poderão influenciar a comunicação e a interação na relação pai-mãe-filhos/as, colocando desafios diários aos/às progenitores/as.

1.2.1. A Interação do/a Adolescente com a Família

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a adolescência define-se como o período compreendido entre os 10 e os 19 anos de idade (Gaete, 2015), caracterizando-se por ser uma etapa do desenvolvimento com características próprias e tarefas bem definidas, onde ocorrem transformações fundamentais de ordem biológica, cognitiva, psicológica e social (Fonseca, 2012).

A adolescência, tal como em outras etapas do ciclo vital, possui as suas próprias tarefas de desenvolvimento que, segundo Gaete (2015):

Surgem num determinado período da vida do indivíduo cuja realização conduz à felicidade e ao êxito nas tarefas posteriores e cujo fracasso conduz à infelicidade do indivíduo, à desaprovação da sociedade e a dificuldades na concretização de tarefas futuras (p. 438).

Na adolescência surgem duas tarefas desenvolvimentais: a construção da identidade e a concretização da autonomia. De acordo com Erikson (Manning, 1977; Claes, 1985; Papalia, Olds & Feldman, 2001; Gaete, 2015), a tarefa principal da adolescência caracteriza-se pela construção da identidade *versus* confusão de identidade. A identidade pode ser concetualizada como um modo em que os/as adolescentes se percecionam, refletem sobre si próprios/as e se revalorizam (Neuenschwander, 2002), adquirindo uma nova subjetividade que modifica a representação de si próprio e do outro (Claes, 1985). Segundo Erikson (1968, como citado em Papalia et al., 2001), os/as adolescentes formam a sua identidade não por modelagem a partir de outras pessoas, mas modificando e sintetizando identificações mais precoces. Deste modo, para Papalia et al. (2001), o/a adolescente deve assegurar e organizar as suas capacidades, necessidades, interesses e desejos, objetivando a expressão dos mesmos num contexto social.

Outra tarefa de desenvolvimento na adolescência é a concretização da autonomia (Gaete, 2015), que juntamente com a maturação física, psíquica e hormonal acelera o processo de separação do pai e da mãe. A autonomia resulta num modo de diferenciação e de autonomização do/a adolescente face à relação com a família de origem (Beja & Franco, 2013), através de um distanciamento primeiramente psíquico e, posteriormente, físico (Legendre, De Coster & Duret, 2011). A autonomia promove a oportunidade de desenvolvimento de exploração, em que o/a adolescente pode

distinguir-se das relações complementares (e.g., pai e mãe) e pode procurar integrar-se e ser aceite fora do contexto parental (Mota & Rocha, 2012). Para o efeito, o/a adolescente deverá estabelecer vínculos emocionais profundos com adolescentes da sua idade, transferindo o seu “centro de gravidade emocional” da família para o grupo de pares (Gaete, 2015). Adicionalmente, o/a adolescente deverá igualmente adquirir competências vocacionais e profissionais que lhe permitam, aos poucos, tornar-se financeiramente autossuficiente (Gaete, 2015).

Para que a conquista da autonomia seja favorável, importa uma maior abertura das fronteiras do sistema familiar em relação ao exterior, dado que o contexto social adquire uma importância crescente para o/a desenvolvimento do adolescente e da vida familiar (Beja & Franco, 2013). A título de exemplo, Beja e Franco (2013) referem que o pai e a mãe podem renegociar aspetos como a autonomia, o controlo, o suporte e a autoridade na relação com os/as filhos/as adolescentes, tanto para favorecer o seu desenvolvimento saudável como para que, posteriormente, possam “retornar” à família (Gaete, 2015). Contudo, apesar da existência do desejo de ser autónomo/a, o/a adolescente pode experienciar uma ambivalência entre a necessidade de se afirmar e contestar perante o pai e a mãe e, simultaneamente, pertencer ao mundo dos adultos e a necessidade de se sentir protegido/a sempre que surgem dificuldades (Fonseca, 2012). Assim, para Mota e Rocha (2012), torna-se fundamental uma flexibilização das fronteiras do sistema familiar que possibilite aos/às adolescentes manterem um laço parental quando não conseguem organizar-se individualmente e lhes permita autonomizarem-se quando se sentem preparados/as (Beja & Franco, 2013).

Quando os/as filhos/as chegam à adolescência as relações familiares transformam-se e torna-se necessário transpor a autoridade unilateral parental para uma comunicação cooperativa com o/a adolescente (Musitu, Estévez, Jiménez & Herrero, 2007 como citado em Özdemir & Çok, 2011). Neste período podem surgir problemas familiares, na medida em que, até aqui, a criança dependia integralmente da família, contudo, a partir desta fase, a família é obrigada a alterar o seu papel através de uma série de adaptações na sua dinâmica interna (Ruzany et al., 2008). Neste caso, os pais e as mães começam a perder progressivamente a autoridade e, nos/nas adolescentes é notória a crescente autonomia, justificando-se por haver um maior questionamento do/a mesmo/a em relação às regras, valores e crenças familiares (Aberastury & Knobel, 1990 como citado em Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002), notando-se uma discrepância de interesses, de expectativas ou de aspirações (Ramos & Martínez, 2015). Como resultado, os/as autores/as Wagner et al. (2002) referem que a comunicação

numa família com adolescentes “(...) é caracterizada por um acréscimo nos confrontos entre cuidadores/as e filho/a(s)” (p.76).

Segundo Ruzany et al., (2008), o pai e a mãe surpreendem-se face às atitudes do/a(s) filho/a(s) e:

Este redimensionamento, aliado às diversas questões culturais, económicas, sociais, religiosas e afetivas, pode criar nos pais uma grande dificuldade de comunicação com os seus filhos e, conseqüentemente, a falta de oportunidade de conhecer as suas atitudes e experiências de vida (p.30).

O próprio desenvolvimento pode levar os/as filhos/as a passarem de crianças calmas, disponíveis e estáveis para adolescentes instáveis, irritadiços/as e questionadores/as, o que por sua vez, pode revelar-se uma via possível de diferenciação das figuras parentais e a busca da sua própria identidade (Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002).

A iniciativa dos/as adolescentes com vista à sua autonomização torna-se num processo difícil para o pai e para a mãe porque, para além de a adolescência ser um período de uma vulnerabilidade significativa para a família (Fonseca, 2012), obriga-os à redefinição do seu posicionamento face aos/às filhos/as bem como, ao estabelecimento de um novo equilíbrio no subsistema conjugal (Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002). Deste modo, perante os novos desafios do relacionamento familiar, é essencial um aumento da flexibilidade das fronteiras do sistema relativamente ao exterior, dado que o contexto social adquire uma relevância cada vez maior para o/a adolescente (Beja & Franco, 2013); um equilíbrio crescente e uma tolerância firme na autoridade do pai e da mãe, com o objetivo de manter a harmonia familiar (Rodríguez & López, 1999) e convergir nas necessidades reais do/a adolescente (Fonseca, 2012); e uma nova focalização do pai e da mãe na sua vida conjugal e profissional, quer em função aos desafios específicos da meia-idade, quer em função da redefinição da parentalidade inerente ao processo de separação/individuação dos/as filhos/as (Beja & Franco, 2013). Ao considerar as tarefas supramencionadas, o pai e a mãe podem contribuir para a diminuição de possíveis conflitos com o/a adolescente, visto que as dificuldades de comunicação entre pai-mãe-filho/a(s) estão na base de inúmeros desentendimentos neste subsistema (Fonseca, 2012) e, para Rodríguez e López (1999), a causa dos

desentendimentos pode ocorrer principalmente em três áreas: autoridade, sexualidade e valores (Rodríguez & López, 1999).

Durante a adolescência, mais concretamente na adolescência média (13 aos 16 anos), a interação entre o subsistema parental caracteriza-se pela presença de conflitos que, por um lado podem ter que ver com assuntos familiares diários tais como tarefas domésticas, higiene pessoal, grupo de pares, vida social e trabalho escolar (Collins & Laursen, 2004 como citado em Moed et al., 2015; Pérez & Pineda, 2013 como citado em Ramos & Martínez, 2015); e, por outro, a própria natureza dos conflitos pode decorrer da modificação gradual da relação vertical entre pai, mãe e filho/a para uma relação simétrica (De Goede, Branje & Meeus, 2009).

Para Collins e Laursen (2009, como citado em Moed et al., 2015), os conflitos supramencionados podem não indicar uma perturbação grave ou duradoura nas relações entre pai, mãe e adolescente, mas antes como algo natural das relações familiares durante a adolescência e, os mesmos têm a clara função no desenvolvimento da autonomia e da individuação adolescente (Steinberg, 2001 como citado em Branje, Van Doorn, Van Der Valk & Meeus, 2009).

Adicionalmente, os/as autores/as Rodríguez e López (1999) referem que, durante a adolescência, a interação entre o pai, a mãe e o/a adolescente é distinguida por uma pobre comunicação e uma expressão emocional negativa porque o grupo de pares ganha uma importância crescente e, o pai e a mãe podem sentir-se como a “reserva” do/a filho/a. Neste contexto, Rodríguez e López (1999) identificaram algumas barreiras à comunicação que podem surgir na relação do subsistema parental: i) a exigência, por parte do pai e da mãe, de comportamentos adequados que demonstrem alguma maturidade; ii) a dificuldade do pai e da mãe em diminuir gradualmente a sua autoridade parental; iii) a pouca capacidade dos/as progenitores/as em identificar e satisfazer as necessidades do/a adolescente; e iv) a dificuldade do pai e da mãe em negociar regras (Fonseca, 2012). Segundo Rodríguez e López (1999), todos estes fatores parecem contribuir para um maior desejo dos/as adolescentes em escapar e em rejeitar os valores impostos pelo pai e pela mãe (e.g., um bom rendimento académico, boas competências sociais, a responsabilidade).

Neste âmbito, é essencial notar que a natureza e as características do sistema familiar (i.e., o nível de coesão e de flexibilidade do sistema) podem afetar positiva ou negativamente a relação pai-mãe-filho/a(s) e os consequentes conflitos (Bernal, 2012). Segundo Musitu, Buelga, Lila e Cava (2004, como citado em Bernal, 2012), se o contexto familiar é coeso, o surgimento de conflitos pode proporcionar benefícios

peçoais e uma melhoria das relações. Mas, de acordo com Pérez e Aguilar (2009, como citado em Ramos & Martínez, 2015) e Bernal (2015), em famílias em que o pai e a mãe adotam um estilo parental e comunicacional autoritário e violento, pode ocorrer a existência de conflitos entre o subsistema parental, denotando uma certa inflexibilidade familiar.

Para que haja um diálogo saudável entre os membros da família, os autores Guamán e Guamán (2010) recomendam um conjunto de quatro ideias principais: i) não falar com agressividade nem chorar, de modo a que se compreenda claramente o problema ou o conflito; ii) falar de maneira clara e precisa sobre o que se passa dentro da família; iii) dar a conhecer o que cada membro sente numa dada situação para que os restantes compreendam o que está a sentir; e iv) fazer referência ao que cada membro quer do outro com o objetivo de solucionar o problema.

Para que a qualidade da comunicação familiar seja superior, Mesch (2006a) sugere que as famílias devem partilhar atividades que facilitem a discussão e a divergência de ideias, evitando a transformação das mesmas para conflitos abertos. Num estudo desenvolvido pela Ericsson ConsumerLab (2015), identificam-se algumas atividades familiares diárias que favorecem a comunicação, nomeadamente, as refeições, o tempo passado no carro e o tempo em família. Nas refeições, o jantar é dos momentos em que a família se junta e interage pessoalmente, permitindo um momento de relaxamento face ao dia de trabalho, ajudando a reforçar a união familiar. É igualmente uma ocasião em que se partilham as experiências relacionadas com as atividades e os eventos diários. Para algumas famílias, é o espaço onde podem ser contadas histórias, ideias, pensamentos e sentimentos fortes e significativos que, por si só, poderiam ser impossíveis de partilhar durante o dia (Ericsson ConsumerLab, 2015).

Os estudos (Bowen, 1998 como citado Villegas, 2013; Fulkerson, Neumark-Sztainer & Story, 2006 como citado Villegas, 2013; Sater, 1987 como citado Villegas, 2013) inferem que as refeições em família podem ser positivas, na medida em que apresentam alguns benefícios para o desenvolvimento geral, para o desenvolvimento das ligações familiares e para o estabelecimento de uma sensação de segurança e de pertença à família. Para Fulkerson, Neumark-Sztainer e Story (2006), atualmente, as oportunidades para as refeições em família têm sido negativamente afetadas pelas mudanças sociais, nomeadamente, as atividades extracurriculares dos/as adolescentes, as mudanças na estrutura familiar, as condições de vida, o aumento da procura de comida de conveniência e o aumento das refeições tomadas fora de casa.

Para além das refeições, o tempo passado no carro é igualmente referido como um momento importante em família, sendo esta uma oportunidade para se comunicar pessoalmente, facilitando conversas mais profundas (Ericsson ConsumerLab, 2015). Neste sentido, sem distrações maiores, poderão haver conversas de maior qualidade, uma vez que em casa as mesmas são geralmente mais rápidas e intencionais (Ericsson ConsumerLab, 2015). Outra ocasião que promove atividades familiares é o tempo para a família, que decorre após o jantar. Geralmente, as famílias dividem-se em atividades independentes, mas de acordo com o estudo da Ericsson ConsumerLab (2015), 74% das famílias têm o chamado “tempo de família” algumas vezes por semana, em que a atividade mais comum é o visionamento de televisão. Apesar da elevada percentagem do número de famílias que assiste televisão em conjunto do estudo da Ericsson ConsumerLab (2015), atualmente observa-se que, após as refeições, os/as adolescentes vão diretamente para o seu quarto, tendo esta divisão ganho uma importância significativa por ser um espaço privado e seguro, promovendo um bem-estar considerável (McGrath, 2012).

Presentemente, os momentos familiares têm sido invadidos por uma panóplia de novas tecnologias, onde se confirma uma presença acentuada destes dispositivos que se caracterizam por serem indispensáveis e intrínsecos à rotina contemporânea (Church, Weight, Berry & MacDonald, 2010). Esta realidade foi associada ao fenómeno de “domesticação” (Mesch, 2006a) que corresponde à introdução das tecnologias como auxílio ao funcionamento da residência, alterando o significado e a influência das tecnologias e afetando o processo de cultura e os padrões de interação familiar. Neste processo de “domesticação”, Silverstone e Haddon (1996, como citado em Mesch, 2006a) aludem que o indivíduo desempenha um papel ativo na medida em que leva as tecnologias para casa, tornando-as como parte integrante da sua família. Esta realidade poderá dever-se à diminuição do preço dos aparelhos, o facto de terem maior variedade e mobilidade e, por serem utilizados em quantidades de tempo significativas (Livingstone, 2007), facilitando a individualização do/a adolescente, fazendo com que os transporte para o seu quarto (Livingstone, 2007), originando a chamada “Cultura de Quarto”.

A “Cultura de Quarto” é um fenómeno recentemente abordado na literatura e que Bovill e Livingstone (2001) elucidam por as crianças e adolescentes, ao terem novas tecnologias no seu quarto, passam “*proporções consideráveis do seu tempo de lazer em casa com as tecnologias, em vez de passarem o seu tempo com a família ou no espaço familiar*” (p.3). Para Bovill e Livingstone (2001), é uma realidade frequente na

medida em que os quartos se tornaram espaços privilegiados onde os/as adolescentes passam cada vez mais tempo e, naturalmente, pode contribuir para uma privatização da vida dos/as mesmos/as.

A “Cultura de Quarto” pode estar associada a: i) uma mudança dos/as adolescentes da vida pública para a vida privada, que se pode relacionar, por um lado, com o declínio da “cultura de rua” (Livingstone, 2006) e com a retirada para casa, especialmente em contextos urbanos; por outro lado, com o declínio do convívio familiar em torno de tecnologias como a televisão (Livingstone, 2002); ii), o quarto é o espaço social privado onde os/as adolescentes podem expressar-se e experimentar uma sensação de identidade pessoal (Bovill & Livingstone, 2001), que se pode associar aos desafios desenvolvimentais característicos da adolescência; e iii) os quartos das crianças e adolescentes europeus estão cada vez mais equipados com tecnologias, que se tornaram também num espaço de lazer (Bovill & Livingstone, 2001). Em termos de prevalência da “Cultura de Quarto”, as autoras Bovill e Livingstone (2001) referenciam que os/as adolescentes passam mais tempo no seu quarto comparativamente às crianças; no que respeita ao género, as raparigas tendem a passar mais tempo do que os rapazes.

Como vantagens, a “Cultura de Quarto” favorece o encorajamento da interação social com o grupo de pares, em vez de encorajar os/as adolescentes a passarem o tempo sozinhos/as (Bovill & Livingstone, 2001). Como desvantagens, pode contribuir para o isolamento dos/as seus/as utilizadores/as, reduzindo a interação entre a família, aumentando a exposição de crianças e adolescentes que passam maioritariamente o seu tempo com tecnologias, podendo originar conflitos com os pais e mães, devido à utilização dos dispositivos (Bovill & Livingstone, 2001).

Considerando o que anteriormente foi exposto, é possível inferir que a interação e a comunicação entre pais, mães e filhos/as adolescentes, dado as características da adolescência e das relações familiares e, sendo acompanhadas pelo uso de tecnologias de última geração que assumem um lugar de destaque na sociedade atual, sejam afetadas implicando, deste modo, um desafio às famílias.

Capítulo II - As Novas Tecnologias no Contexto Familiar

2.1. A Introdução das Tecnologias na Família

No âmbito deste estudo, as Novas Tecnologias são entendidas como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) ou Novas Tecnologias, onde se agrupam os elementos e as técnicas no tratamento e na transmissão de informações, principalmente a informática, a Internet e as telecomunicações (e.g., televisão, computador, videojogos, telemóveis) (Moreno & Cataño, 2010). As novas tecnologias promovem essencialmente a comunicação, mas podem igualmente informar, educar, transmitir, entreter, formar opinião, ensinar e controlar (Moreno & Cataño, 2010).

Desde há muito que as novas tecnologias se têm inserido nos domicílios e nas rotinas dos indivíduos tornando-se, aos poucos, imprescindíveis nas tarefas diárias (Spigel, 1992 como citado em Church, 2010). Morrison e Krugman (2001) alertam para o facto de estes dispositivos estimularem novos padrões de consumo, daí ser importante conhecer o impacto que estes detêm junto das famílias com filhos/as adolescentes e as consequentes transformações relacionais que se têm presenciado.

O surgimento, desenvolvimento e utilização das novas tecnologias tem provocado mudanças sociais e culturais e, principalmente nas famílias, tem influenciado as suas dinâmicas (Arza, 2010). Além disso, as tecnologias são presentemente perspectivadas como canais de socialização importantes (Moreno & Cataño, 2010). No que respeita à população infantil e adolescente, reconhece-se que esta cresce rodeada de uma oferta variada de conteúdos audiovisuais e de tecnologias de comunicação (Arza, 2010). Neste contexto de influências, os/as autores/as Moreno e Cataño (2010) afirmam que, nas crianças e adolescentes, "(...) o seu passado, presente e futuro estão ligados às tecnologias" (p.19).

Através da evolução da sociedade e do próprio ciclo vital da família, a família tem perdido a sua influência e socialização absolutas para partilhá-las com outras influências externas, particularmente, os espaços, as instituições, o grupo de pares e os média (Relvas, 1996). A mesma autora refere que tal pode justificar-se pelo normal desenvolvimento dos/as adolescentes, na medida em que estes/as procuram a autonomia, a independência e a identidade fora do sistema familiar (Relvas, 1996), associando-se a grupos exteriores à família que lhes ofereçam segurança, calor, felicidade e poder (Reymond-Rivier, 1965). Kirchler, Palmonari e Pombeni (1993) fazem referência que, no caso específico do grupo de pares, este é altamente significativo, uma vez que: i) oferece aos/às adolescentes múltiplas oportunidades para falarem sobre

os seus problemas e para poderem testemunhar estratégias que outros pares utilizam para lidar com problemas semelhantes; ii) disponibiliza um espaço de aprendizagem em que o/a adolescente pode apresentar-se à sociedade; e, iii) permite ao/à adolescente explorar a sua autonomia sem o controlo dos adultos (Olbrich, 1985 como citado em Kirchler et al., 1993; Weinstein, 1973 como citado em Kirchler et al., 1993; Youniss & Smollar, 1990 como citado em Kirchler et al., 1993). Os/as autores/as Kirchler et al., (1993) acrescentam que o grupo de pares é concetualizado como um suporte instrumental e emocional que proporciona a oportunidade de construir e manter as amizades.

Para além do grupo de pares, os/as adolescentes estão igualmente expostos/as a outras influências, mais concretamente os media. Os média definem-se como “todo o suporte de difusão de informação (e.g., a rádio, a televisão, a imprensa, a publicação na Internet, o videograma) que constitui ao mesmo tempo um meio de expressão e um intermediário na transmissão de uma mensagem” (Priberam Dicionário, 2016) que, de acordo com Abreu (2012) constituem-se como agentes socializadores de referência, capazes de contrastar, complementar, potenciar ou anular a influência dos agentes socializadores de pertença. Não obstante, aponta-se para a coexistência dos grupos de referência (e.g., os media) e dos grupos de pertença (e.g., a família, o grupo de amigos ou a escola) (Abreu, 2012). Apesar de os grupos de pertença e de referência cumprirem funções muito importantes, os média promovem novas formas de estabelecer relações sociais, de aceder a informações, de criar conteúdos e de comunicar (Arza, 2010). Resumidamente, face às crianças e adolescentes, as funções da família incluem a promoção saudável do desenvolvimento físico, emocional, educacional e social (Peterson & Green, 2009).

Para além das funções que a família, o grupo de pares e os média detêm junto das famílias com filhos/as adolescentes, é importante referir que no final da infância e no início da adolescência é evidente a grande abertura que o sistema familiar vai mantendo com o exterior e a alteração relacional consequente (Relvas, 1996). Na lidação com adolescentes, Alarcão (2000) considera a necessidade do estabelecimento de regras e de flexibilidade que pais e mães devem ter na relação com os/as filhos/as, porque “por um lado, os adolescentes precisam de regras claras, precisas e coerentes (...) necessitam de um sistema executivo forte ainda que flexível” (p.168). Para Sampaio (2006) existem duas dimensões fundamentais na relação pai-mãe-filho/a(s), o controlo e a compreensão-apoio, em que pais e mães mais eficazes nas suas práticas educativas são capazes de apoiar afetivamente de forma consistente e continuada, ao mesmo

tempo que não se demitem de negociar regras e traçar limites ao comportamento dos/as filhos/as. Contudo, é fundamental que os/as progenitores/as não restrinjam a liberdade dos/as filhos/as, permitindo-lhes que vivenciem novas situações e possam aprender com as experiências da vida e, evitando (se possível) situações traumáticas (Sampaio, 2006).

Alarcão (2000; 2006) ainda realça que a nível comunicacional, a complementaridade das posições ¹*one-up* e *one-down* torna-se mais oscilante entre pais, mães e filhos/as adolescentes e a simetria relacional deve ser mais facilitada a nível intelectual. No que respeita ao plano comportamental, os elementos do sistema paterno-filial passam menos tempo juntos e realizam um menor número de atividades e de tarefas em conjunto. Já no plano cognitivo, Alarcão (2000; 2006) salienta a relevância dos pais e das mães escutarem

As opiniões dos filhos, incentivando-os a desenvolver ideias originais, facilitando-lhes a busca de informação e o treino do debate, valorizando os seus pontos de vista e aceitando-os como parceiros intelectuais, os pais ajudam os filhos a diferenciarem-se e a tornarem-se adultos (2000, p.170; 2006, p.172).

Dado o “afastamento” dos/as filhos/as, alguns pais e mães podem sentir-se frequentemente preteridos/as comparativamente ao grupo de pares, que recebe uma importância notória. Como resultado, Alarcão (2000; 2006) refere que pais e mães passam a ser as figuras de vinculação de reserva, sentindo-se menos solicitados/as, menos úteis, controlam menos os comportamentos, os pensamentos e os afetos dos/as filhos/as, sentem-se menos obedecidos/as e perdem alguma autoridade.

Para além das modificações evidentes no sistema familiar durante a adolescência, são vivenciados novos desafios na família com a introdução das tecnologias (Moreno & Cataño, 2010). Nos dias de hoje, devido às imposições sociais e

¹ As posições *one-up* e *one-down* integram-se no quinto axioma da comunicação humana, especificamente na comunicação complementar, em que na posição *one-up* o indivíduo dirige e detém a responsabilidade da interação; na posição *one-down*, o sujeito ajusta-se ao comportamento do outro e responde à sua iniciativa (Alarcão, 2006).

académicas, os/as adolescentes assumem a necessidade de domínio das novas tecnologias, sendo estas parte da sua forma de estar, de ser e de agir no quotidiano (Prados, Vicent & Estebán, 2014), estando rodeados/as de uma oferta variada, inesgotável e omnipresente de conteúdos e tecnologias de comunicação (Arza, 2010). De acordo com Arza (2010), para além de as tecnologias serem uma constante quase “obrigatória” na vida dos/as adolescentes, são atrativas na medida em que promovem novas formas de estabelecer relações sociais, de aceder a informações, de criar conteúdos, de comunicar, em suma, de viver em sociedade.

As novas tecnologias afetam a forma como as pessoas aprendem e se entretêm e, facilitam a privatização de atividades sociais previamente executadas no exterior e, tal tem-se verificado maioritariamente na população mais jovem (Howkins, 1987 como citado em Morisson & Krugman, 2001). Autores/as como Rideout, Foehr e Roberts (2010) referem na sua investigação que crianças e adolescentes, com idades compreendidas entre os oito e os dezoito anos, passam em média sete horas e meia por dia, sete dias por semana, com tecnologias. É uma realidade frequente visto que a rotina de uma grande parte de crianças e adolescentes envolve o uso constante de qualquer tecnologia, como por exemplo, o telemóvel, a televisão e o computador (Villegas, 2013), evidenciando-se a existência de uma interação continuada com estas.

A relação entre os/as adolescentes e as tecnologias foi-se alterando ao longo dos anos, sendo visíveis diferenças dos/as adolescentes atuais com os/as adolescentes de gerações anteriores, na medida em que para os/as de hoje “(...) as tecnologias são concebidas como elementos necessários, chegando a formar parte da sua realidade quotidiana, promovendo uma nova geração de adolescentes” (Prados, Vicent & Estebán, 2014, p.38), contrariamente aos/às adolescentes de outras gerações, que valorizavam maioritariamente o exterior e a cultura de rua (Prados et al., 2014).

De acordo com Prados, Vicent e Estéban (2014), atualmente, a nova geração de adolescentes tem sido denominada como “e-Generation ou a Geração do Homo Sapiens”; “Nativos Digitais”; “Geração Net e Geração X”; “Geração Google”; “Geração Digital e Geração Interativa” ou “Geração @”.

Segundo os/as autores/as Rideout, Foehr e Roberts (2010), o motivo que sustenta a relação dos/as adolescentes com as tecnologias é o facto de existir uma grande variedade de oportunidades para o fazerem – isto é, mais televisões, mais computadores, mais telemóveis e mais *Tablets*, tornando-se tecnologias diariamente utilizadas.

2.2. Tecnologias Comumente Utilizadas

Existe um conjunto de tecnologias maioritariamente utilizadas pelos/as adolescentes e pelos adultos e, McGrath (2012) justifica por estas serem consideradas positivamente impactantes na interação entre os membros das famílias e com as pessoas fisicamente distantes. Por sua vez, Mesch (2006b) considera que as tecnologias originam o chamado fenómeno de “domesticação” por serem associadas às atividades e ao funcionamento doméstico e por serem utilizadas pela maioria dos indivíduos e respetivas famílias (Mesch, 2006b). Neste sentido, seguidamente, para um melhor conhecimento das funcionalidades e características das tecnologias serão apresentadas as comumente utilizadas.

No âmbito do presente estudo, a expressão “tecnologias” é empregada num sentido abrangente, englobando não só os dispositivos electrónicos de processamento de dados tais como a Televisão, o Telemóvel, o Computador ou os Videojogos como também os meios de partilha de informação e comunicação como as redes sociais ou os canais de partilha de conteúdos (eg. Youtube), em ambos os casos baseados numa outra tecnologia, neste caso intangível, que é a Internet.

2.2.1. Televisão

Entre as diversas tecnologias, a televisão é o meio audiovisual por excelência, sendo considerada a “rainha” dos meios de comunicação audiovisual por ser uma via unidirecional, não permitindo o diálogo com o/a espetador/a, impossibilitando-o/a de responder (Moreno & Cataño, 2010). Esta tecnologia permite conhecer o mundo em redor sem ter que sair de casa, conhecer os costumes e as modas de outros países (Moreno & Cataño, 2010), transmitir valores, gerar estereótipos (Arza, 2010) e facilitar o acesso a séries, filmes, programas e publicidade que manipulam e convencem que a realidade decorre de determinado modo (Moreno & Cataño, 2010).

Esta tecnologia é aquela que os pais e mães dos/as adolescentes atuais, pertencentes à *TvGeneration* (i.e., experiências de mediação face aos média tradicionais como a rádio e a televisão) (Cardoso, Espanha & Lapa, 2008), puderam utilizar na sua infância e adolescência e, desde aí, tem acompanhado várias gerações e apresentado uma importância e influência marcantes. No momento atual, apesar de ter que concorrer com outras tecnologias (Internet, videojogos e telemóveis) que atraem a atenção e interesse da população infantil e adolescente, a televisão é considerada a escolha predileta dos/as adolescentes para passarem o seu tempo (Villegas, 2013).

De acordo com a investigação de Aran, Barata, Busquet, Medin e Moron (2003) a televisão é a tecnologia presente na maioria dos lares dos/as adolescentes (72%), conduzindo à ocupação de uma parte significativa do seu tempo, nomeadamente, antes e depois da escola e, em simultâneo com a realização de outras atividades, tais como lanchar ou fazer as tarefas de casa. Um estudo realizado por Carrilho (2006, como citado Jóluskin, 2011), verifica que o público infanto-juvenil assiste mais televisão durante o fim-de-semana (e.g., mais do que quatro horas) comparativamente à restante semana (e.g., uma ou duas horas por dia), sendo que metade dos/as participantes afirmou ter televisão no quarto.

Para além das vantagens que sustentam o uso crescente da televisão, vão-se notando transformações que podem igualmente contribuir para o consumo atual. Em primeiro lugar, Villegas (2013) referiu que “o número de televisões que existem em casa e os hábitos dos próprios pais” (p.5) podem ocasionar tendência para um consumo de televisão mais individualizado. Os/as autores/as Rideout, Foehr e Roberts (2010) confirmam na sua investigação que 71% das crianças e adolescentes, com idades compreendidas entre os oito e os dezoito anos, têm televisões nos quartos. Jordan, Hersey, McDivitt e Heitzler (2006, como citado em Villegas, 2013) referem que 98% das famílias possui televisão na sala de estar e 46% tem televisão na sala de jantar. Neste sentido, partindo das investigações realizadas nesta área, parece verificar-se que ver televisão em família é uma atividade que vai sendo cada vez menor porque o pai e/ou a mãe podem estar a ver um filme na sala, o filho pode estar no quarto a ver uma série ou desenhos animados e a filha a visionar um concurso televisivo no seu quarto (Arza, 2010). Ao longo do tempo, o número de televisões em casa e a própria localização destes aparelhos parecem ter tido uma influência significativa no uso de tecnologias pela família e “(...) possivelmente, molda a forma como os membros da família socializam” (Villegas, 2013, p.5).

Em segundo lugar, outra causa que pode estar na origem da popularidade da televisão junto dos/as adolescentes diz respeito aos hábitos domésticos, uma vez que cerca de metade dos/as adolescentes (com idades entre os oito e os dezoito anos) declaram que, em sua casa, a televisão está ligada grande parte do tempo e, 64% destes/as comentam que esta tecnologia está ligada durante as refeições (Rideout, Foehr & Roberts, 2010). A investigação dos autores Moreno e Cataño (2010) demonstra que em Espanha, 70% dos/as adolescentes veem televisão à hora da refeição, onde assistem às notícias a meio do dia e à noite. No México, a percentagem é igualmente elevada (50%) uma vez que os/as adolescentes começam a ver televisão a partir das

14h30 ou das 15h, que corresponde ao horário da refeição e, podem continuar a vê-la por mais duas ou três horas.

Em terceiro lugar, pode evidenciar-se as transformações associadas ao facto de as próprias emissões televisivas já não precisarem de um aparelho televisivo, podendo antes ser visionadas através da Internet que, por sua vez, é acedida através do telemóvel, do computador e do *Tablet* (Arza, 2010). A título de exemplo, os/as autores/as Rideout, Foehr e Roberts (2010) evidenciam que cerca de 48% dos/as adolescentes dizem ver televisão online. Nas plataformas de partilha de vídeos (e.g., YouTube) também podem encontrar-se cenas retiradas de programas ou séries; através de programas de *downloads* pode aceder-se a numerosos conteúdos já emitidos na televisão; e, ainda, existem páginas *web* que permitem ver determinadas emissoras de televisão (Arza, 2010).

2.2.2. Telemóveis

Os telemóveis definem-se como “um aparelho portátil com autonomia energética que permite efetuar ou receber conversações em telefones móveis” (Priberam Dicionário, 2016). Hoje em dia, segundo o grau de inclusão das novas tecnologias e a idade do/a utilizador/a, os telemóveis não servem apenas para enviar e receber chamadas (Arza, 2010). Esta tecnologia, para além das chamadas de voz, pode ser completada pelo envio de mensagens escritas curtas (SMS) e de mensagens de multimédia (MMS); pelo *download* de conteúdos multimédia (e.g., fotografias, músicas, jogos, aplicações) gratuitos ou pagos; pelo fotografar ou filmar; pela troca de conteúdos de multimédia com utilizadores/as através de *Bluetooth*; pelo ouvir música e, por outras funcionalidades, particularmente o relógio, o despertador e a agenda (Arza, 2010).

Presentemente, os telemóveis são uma das tecnologias de informação e de comunicação que tem mais êxito nos mercados ocidentais (Moreno & Cataño, 2010) e, no que respeita ao tempo de utilização desta tecnologia, a investigação dos/as autores/as Rideout, Foehr e Roberts (2010) demonstra que cerca de 66% de crianças e adolescentes, com idades compreendidas entre os oito e os dezoito anos, têm um telemóvel e passam, em média, 33 minutos a falar e cerca de uma hora e meia a mandar e a receber mensagens de texto por dia.

De acordo com Arza (2010), para os/as adolescentes, os telemóveis são encarados como uma ferramenta que facilita a resposta a três das suas necessidades fundamentais: i) Relações Sociais – Na adolescência o grupo de pares comporta um papel fundamental por juntar pessoas com idades, interesses e necessidades

semelhantes, cujos membros preferem disponibilizar mais tempo uns com os outros do que com as respetivas famílias (Fonseca, 2012). Para Faria, Sousa Lima e Soares (2013), as relações sociais com o grupo de pares vão sendo fortalecidas ao nível da intimidade, reciprocidade, proximidade e apoio emocional e instrumental, onde o/a adolescente pode receber um *feedback* relativo ao comportamento social, à influência e informação social e também ao sentimento de vinculação e de pertença. Neste contexto, o telemóvel torna-se fulcral na medida em que facilita as relações sociais, permitindo um contacto constante com os outros de forma rápida, fácil e confortável (Arza, 2010); ii) Identidade – De acordo com Ives (2014), o/a adolescente necessita conhecer-se, pois é essencial sentir-se respeitado e amado por aqueles/as que o/a rodeiam. Deste modo, para Fonseca (2012), o/a adolescente começa como que a definir a sua identidade ao falar, ao vestir-se e ao comportar-se de determinado modo, aspetos esses que originam a auto-imagem que tem sobre si próprio/a e que transmite perante os/as demais. Associando a necessidade de construção da identidade, o telemóvel tornou-se num instrumento distintivo na identidade pessoal, atendendo à marca, ao modelo e aos acessórios oferecidos, nomeadamente, as capas intercambiáveis, os *ringtones* e os *wallpapers* (Arza, 2010); e, iii) Autonomia – A autonomia é um conceito complexo quanto à sua definição e, Pappámikail (2013) argumenta que esta “(...) pode ser tomada como equivalente de liberdade, mas também de autorregulação ou de soberania (...) é associada à dignidade, à integridade, à individualidade, à independência, à responsabilidade e ao autoconhecimento” (p.13). Segundo Pappámikail (2013), ao longo da adolescência, as regras e limites familiares flexibilizam-se à medida que o/a adolescente cresce e demonstra ser responsável e confiável e, naturalmente que lhe vão sendo concedidas algumas liberdades de ação e de circulação, mesmo que a vigilância parental se mantenha à distância. Atualmente, o contributo do telemóvel na busca da autonomia permite desfrutar das tecnologias de comunicação de uma forma mais independente, sem que os/as adolescentes tenham de negociar com outros membros da família e, possam mais facilmente evitar a supervisão parental (Arza, 2010; Moreno & Cataño, 2010).

Na perspetiva de Arza (2010), apesar da autonomia e liberdade de ação proporcionada aos/às adolescentes, o telemóvel apresenta uma função de segurança e de “controlo” parental face aos/às filhos/as na medida em que permite aos/às progenitores/as saberem a localização física dos/as adolescentes, possibilita o contacto diário e conseqüentemente a monitorização dos passos destes/as quando estão fora de casa (GSM Association, 2013).

2.2.3. Computadores

O computador é uma outra tecnologia que, para Villegas (2013) é “(...) a grande atração para os adolescentes e existem vários aspetos que podem contribuir para a quantidade de tempo que passam nesta tecnologia” (p.5). De acordo com os/as autores/as Rideout, Foehr e Roberts (2010), os/as adolescentes passam em média uma hora e meia por dia no computador, não incluindo o trabalho escolar. Quanto aos propósitos de tal utilização, podem apontar-se as atividades mais populares tais como *sites* de redes sociais, jogos de computador e o visionamento de vídeos nas plataformas de partilha de vídeos (e.g., YouTube) (Rideout et al., 2010), ou seja, entretenimento e lazer.

Além de o computador servir para processar, guardar e tornar acessível a informação de variados tipos (Priberam Dicionário, 2016), no contexto das relações familiares, a investigação de Lanigan, Bold e Chenoweth (2009) conclui que o computador é utilizado para entretenimento, comunicação, aquisição de informações e gestão doméstica. Para os/as mesmos/as autores/as, na família o computador parece providenciar meios alternativos de desempenhar as funções e as necessidades familiares existentes. Adicionalmente, possibilita reduzir as distâncias familiares, uma vez que permite uma conexão online diária com o/a (s) companheiro/a (s), pai e mãe ou outros familiares e, ajuda na organização de várias atividades (Lanigan et al., 2009). Autores/as como Morrison e Krugman (2001) revelam que, nos resultados da sua investigação, o computador facilita a interação social em casa, na medida em que: i) pode servir para o entretenimento, principalmente para jogos coletivos; e ii) origina uma experiência de partilha, em que alguém com um conhecimento mais abrangente sobre computadores pode ensinar a sua família a conhecer e a usar o aparelho (Watt & White, 1999 como citado em Morrison & Krugman, 2001).

2.2.4. Videojogos

Arza (2010) considera que os videojogos são “(...) programas informáticos de entretenimento que podem ser utilizados através de diferentes fontes” (p.29), tais como o computador e a consola, que “(...) permitem desfrutar de experiências que, em muitos casos, não poderiam ser vividas na realidade” (Moreno & Cataño, 2010, p. 68).

Durante a infância, o jogo detém um papel relevante não apenas por remeter para memórias agradáveis, mas também por permitir o desenvolvimento da criatividade e da imaginação em simultâneo com as competências físicas, cognitivas e emocionais (Milteer & Ginsburg, 2012). Para Neto (1997), o jogo é um processo que possibilita à

criança a liberdade de exprimir a sua motivação intrínseca e de explorar o mundo circundante, reproduzindo singularmente uma determinada realidade (Nascimento, Araujo & Miguéis, 2009). Neste âmbito, o jogo é considerado uma das formas mais comuns de comportamento e é crucial na delimitação de hábitos saudáveis para uma vida ativa (Neto, 1997). A título de exemplo, Milteer e Ginsburg (2012) referem que o jogo facilita a interação da criança com os outros, ajustando-a e integrando-a nos diversos contextos onde está inserida: no contexto escolar e social, a criança aprende comportamentos e aptidões de resolução de conflitos, a partilha, a negociação e o espírito de equipa e de liderança; no contexto emocional, desenvolve laços primeiramente no seio da família em que se fortalece a relação com os/as cuidadores/as e, posteriormente com as crianças com as quais se relaciona.

Goldenstein (2012) refere que o jogo corresponde a uma lente através da qual a criança experiencia o seu mundo e o mundo dos outros, sendo crucial no seu desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento da linguagem, das competências sociais e emocionais (Anderson-McNamee & Bailey, 2010) e desenvolvimento físico (Goldenstein, 2012). O jogo é uma atividade igualmente benéfica para os pais e mães visto que é uma oportunidade de promoção da interação e permite-lhes estar mais tempo com os/as filhos/as, integrando-se e inteirando-se das suas brincadeiras (Goldenstein, 2012). Neste âmbito, Milteer e Ginsburg (2012) consideram que o pai e a mãe podem perspetivar o mundo através dos “olhos da criança” e, deste modo, poderão aprender a comunicar ou a orientar proximamente a criança.

Quando a criança joga, desenvolve competências de aprendizagem universais, o seu potencial para a progressão da criatividade e da imaginação é maximizado, promove-se alegria que é necessária para a sua autoestima e para a sua saúde (Goldenstein, 2012).

Para além das implicações supramencionadas, Anderson-McNamee e Bailey (2010) evidenciam que o jogo ajuda a criança a aprender as regras da própria família e aquilo que dela é expectável e, à medida que a criança cresce, o jogo auxilia-a na forma como deve agir em sociedade. Hoje em dia, com a integração das tecnologias nos domicílios, o jogo tomou outras proporções, sendo executado preferencialmente em computadores e videojogos (Anderson-McNamee & Bailey, 2010).

Os videojogos tornaram-se numa popular e profunda forma de entretenimento para crianças e adolescentes (Prot, Anderson, Gentile, Brown & Swing, 2014) de modo que, em média, esta população joga pelo menos duas horas diárias (Rideout, Foehr & Roberts, 2010). Como vantagens dos videojogos, Arza (2010) menciona o facto de

serem uma fonte de divertimento, uma via para estabelecer relações sociais na companhia de pares, uma ajuda no desenvolvimento de habilidades manuais, de coordenação e de orientação espacial, treina a tomada de decisões e a resolução de problemas e, ainda, permite uma familiarização com as novas tecnologias. A popularidade dos videojogos junto das crianças e adolescentes explica-se pelos motivos seguintes: i) são parte integrante das tecnologias; ii) a interatividade entre o/a adolescente e os videojogos faz com que o papel do/a jogador/a seja mais ativo do que na televisão, onde desempenha um papel passivo de espetador/a; iii) através das imagens, da música e das animações, os videojogos conseguem criar uma realidade atrativa e credível; e iv) esta tecnologia incorpora-se na cultura dos/as adolescentes, desenvolvendo códigos que os/as diferenciam do mundo adulto (Arza, 2010).

2.2.5. Internet

A Internet é definida como “um sistema que interliga em rede as novas tecnologias, à qual pode aceder qualquer tipo de utilizador, possibilitando o acesso à mais variada informação” (Priberam Dicionário, 2016). Investigadores como Leung (2007) elucidam que a Internet, tal como outras tecnologias (e.g., telemóveis e computadores) parecem satisfazer as necessidades sociais dos indivíduos. Especificamente, para a Internet são notadas as funções de utilidade interpessoal, assim como a construção e manutenção de relações e o reconhecimento social, bem como funções de entretenimento e de informação (Leung, 2007). Além do mais, pode acrescentar-se que outras das motivações para o uso da Internet são a vigilância, o lazer e o escape (Leung, 2007).

Quando surgiu, a Internet não apresentava estas funcionalidades, sendo maioritariamente utilizada por professores/as universitários/as e funcionários/as do governo para fins de investigação e comunicação (Martins, 2013). No momento atual, o seu uso disponibilizou-se a pessoas de qualquer idade, de qualquer profissão e de qualquer estatuto “(...) permitindo realizar tarefas de forma rápida e eficiente tais como fazer compras, procurar emprego, estar atualizado quanto às notícias, fazer pesquisa, comunicar com indivíduos” (Weiser, 2001 como citado em Martins, 2013, p.4).

Na sua investigação, Arza (2010) verifica que, ao incorporar-se no quotidiano com rapidez e intensidade significativas, a Internet provocou alterações na forma de trabalhar, de estudar, de aceder a informações, de comunicar, de negociar e de entreter, convertendo-se numa ferramenta necessária (Moreno & Cataño, 2010). Quanto à população infantil e adolescente atual, Arza (2010) relata que a Internet foi integrada

nas suas vidas antes de nasceram, num mundo em que esta tecnologia já existia, não fazendo sentido entender a sua existência sem a sua presença. Para estas duas populações, a Internet tem-se revelado uma constante, cuja aplicação pode passar pelo acesso à informação, pelos contactos com vários grupos sociais e a expansão das relações interpessoais (Yoo, Cho & Cha, 2014).

Tem-se evidenciado que a Internet tem sido introduzida na vida dos/as adolescentes e intensamente utilizada, daí serem expostas algumas das razões para tal: i) possibilitar o/a adolescente expressar-se anonimamente, tornando-se benéfico para alguém que poderá estar a lidar com o desenvolvimento da identidade e do autoconceito (Gaete, 2015); ii) ser um modo de descontração face ao stresse e às experiências geradoras de tensão (Lam, Peng, Mai & Jing, 2009); iii) estar muito orientada para a realização de multitarefas (i.e., os/as adolescentes podem estar simultaneamente a ouvir música, a jogar e a conversar no *chat*) (Arza, 2010); iv) ser uma ferramenta que permite a comunicação rápida, cómoda e simples com o grupo de amigos/as mas também com pessoas de qualquer parte do mundo (Arza, 2010); v) facilitar os/as adolescentes a construírem uma identidade diferenciada do mundo adulto, permitindo-lhes disfrutar de conversas com termos incompreensíveis para os adultos, como por exemplo: (“Cliquei num *link* de um *blog* e entrei num tutorial para sacar um DVD para que possa fazer o *upload*”) (Arza, 2010, p.36).

Em 2015, o Instituto Nacional de Estatística (INE) estimou que 70% das famílias tem acesso à Internet em casa, uma percentagem relativamente superior à percentagem apresentada nos inquéritos realizados em 2012 e 2014. Durante o ano de 2015, 7 em cada 10 pessoas, com idades compreendidas entre os dezasseis e os setenta e quatro anos, conectaram-se à Internet, tendo o sexo masculino maior prevalência do que o sexo feminino e tal pode justificar-se por os rapazes terem mais experiência com computadores, sobretudo com jogos, o que poderá indicar maiores níveis de competência e conforto (Martins, 2013); determina-se também que o uso desta tecnologia é superior em indivíduos com níveis de escolaridade mais elevada. Ainda neste estudo, apura-se que as funções prediletas pelos/as adolescentes aquando da utilização da Internet foram a participação em videojogos, fazer *downloads* de jogos, de imagens, de filmes ou de músicas; gestão da conta bancária, redes sociais e armazenamento de documentos (Instituto Nacional de Estatística, 2015). Os/as autores/as (Weiser, 2000; Shaw & Grant, 2002 como citado em Martins, 2013) concluem que as raparigas utilizam preferencialmente a Internet para comunicarem com os outros,

enquanto os rapazes utilizam-na para efeitos de entretenimento e pesquisa de informação.

Nos últimos anos, assistiu-se ao surgimento das denominadas redes sociais que são compreendidas como “espaços na Internet onde os utilizadores podem criar um perfil e conectá-lo a outros para criar uma rede pessoal” (Martins, 2013, p.4), permitindo unir pessoas, grupos ou comunidades com interesses comuns (Pirocca, 2012). Estas oferecem diferentes utilidades, tais como procurar pessoas, criar grupos virtuais, ter um perfil, conversar no *chat* e criar e organizar eventos (Arza, 2010). Para os/as adolescentes, as redes sociais são vantajosas uma vez que lhes permite a oportunidade de se apresentarem ao grupo de pares, ter *feedback* e ser aceites através da informação que expõem e, como tal, “(...) chegam a sentir-se como parte de um grupo de amigos que pensam do mesmo modo” (Lenhart & Madden, 2007, p.14). As redes sociais são aliciantes para os/as adolescentes porque, em parte, abrangem muitas ferramentas *online* e atividades de entretenimento que esta população conhece e preza (Lenhart & Madden, 2007). Neste sentido, as redes sociais compreendem o grupo de pares e, tal como Alarcão (2000; 2006) sugere, este grupo desempenha um papel relevante ao oferecer ao/à adolescente um suporte essencial na contenção de muitas das suas angústias, na experimentação de diversos papéis, na vivência de certos afetos e no desenvolvimento de atitudes, valores e ideias.

Apesar de terem sido expostas as funcionalidades e vantagens das tecnologias supramencionadas, é fundamental ter em consideração os riscos significativos que as mesmas apresentam para os/as seus/as usuários/as.

No que respeita à televisão observa-se que o consumo de televisão mais individualizado por parte de crianças e adolescentes dificulta uma monitorização mais próxima dos pais e das mães sobre o tipo de conteúdos que os/as filhos/as assistem, daí que a sua utilização individual priva os/as progenitores/as da comunicação, que é na realidade, a sua ferramenta educativa (Arza, 2010).

Quanto ao telemóvel, por ser um dispositivo móvel, dificulta a supervisão parental, contrariamente a outras tecnologias que estão normalmente em casa (e.g., *Playstation*, computador fixo, televisão). Os riscos mais comuns podem ser: i) o impacto negativo sobre outro tipo de atividades (a inconveniência, voluntária ou involuntária, que a presença do telemóvel pode provocar em determinadas circunstâncias, por exemplo, numa reunião familiar); ii) o seu uso em assédio entre colegas (a utilização das funções do telemóvel para fins impróprios – enviar mensagens anónimas ameaçadoras ou

insultantes, tirar fotografias ou gravações e distribuí-las sem o consentimento das pessoas que nelas aparecem); e, iii) a falta de controlo nos custos económicos (o descontrolo das despesas pode provir de um excesso no número e duração das chamadas, mas muitas vezes é causado pelo envio de SMS's ou pelo *download* de conteúdos multimédia) (Arza, 2010; Moreno & Cataño, 2010).

Quanto aos riscos provenientes do excesso de uso do computador pelos/as adolescentes, refere-se a probabilidade de risco de obesidade, de convulsões, de lesões nas mãos (e.g., tendinites) e, de alterações na frequência cardíaca (Subrahmanyam, Kraut, Greenfield & Gross, 2000). Ao nível das relações sociais, nota-se que, o facto de haver um computador no quarto do/a adolescente, pode contribuir para o aumento de atividades solitárias, “roubando-lhe” tempo que poderia empregar em outras tarefas (Subrahmanyam et al., 2000).

Os videojogos apresentam alguns riscos nomeadamente a possibilidade de desenvolver um uso excessivo ou até adição e, a dificuldade em distinguir entre a realidade e a fantasia, tornando o realismo dos jogos uma preocupação para alguns/as utilizadores/as. Ainda, devido ao conteúdo agressivo de alguns jogos, os/as utilizadores/as podem apresentar alterações comportamentais, ao nível de comportamentos e atitudes violentas (Houses of Parliament, 2012).

Por fim, no que respeita aos riscos da Internet, evidenciam-se a adição à Internet, o *cyberbullying*, a exposição a material sexual explícito e a vitimização online (Guan & Subrahmanyam, 2009). Quanto às redes sociais, são mencionados riscos para os/as seus/as utilizadores/as, principalmente nos/as adolescentes cujo processo de crescimento e maturação está em curso, uma vez que podem não saber selecionar e gerir adequadamente a informação e as relações, arriscando-se a que essa informação seja empregada inapropriadamente por outros (Arza, 2010). Outros/as autores/as, como Mesch (2006a) e Wellman, Haase, Witte e Hampton (2001), são da opinião de que a Internet, por exemplo, aliena os indivíduos da interação com os demais, enfraquece as relações e está associada negativamente a conflitos familiares, sendo a comunicação e a interação prejudicadas.

2.3. As Novas Tecnologias na Interação Familiar

É possível inferir que hoje em dia as tecnologias têm sido uma mais-valia para as famílias dado que promovem a interação social entre os seus membros, diminuem as distâncias, permitem uma comunicação mais próxima, ajudam na descoberta de outros lugares e possibilitam o acesso a informações necessárias para o âmbito escolar e

profissional. Contudo, investigadores/as como McGrath (2012) têm revelado que a “tecnologização” da infância e da adolescência conduziu a um isolamento social dos indivíduos dentro das habitações e, Livingstone (2012) indica que tal tem gerado falhas ao nível das gerações familiares no seu quotidiano.

Através da “domesticação” das tecnologias, podem surgir conflitos entre pais, mães e filho/a(s) adolescente(s) pelo facto de o maior conhecimento e desempenho destes/as últimos/as poder ser uma afronta à autoridade parental, visto que a família é um sistema social caracterizado por uma hierarquia de autoridade (Mesch, 2006b). A introdução das tecnologias na família pode ter o potencial de influenciar a hierarquia de autoridade familiar, bem como a transformação do/a adolescente no/a especialista em que a família se suporta e apoia tecnicamente, podendo contribuir para a diferenciação de papéis (Watt & White, 1999). A investigação de Mesch (2006b) infere que, enquanto novo perito, o/a adolescente é uma fonte de desequilíbrio na família, desafiando a autoridade parental e aumentando a probabilidade de conflito com o pai e com a mãe.

Quando se menciona novas tecnologias, existem opiniões muito díspares acerca do impacto das mesmas na relação entre os membros de uma família, encontrando-se na literatura estudos que corroboram ou não a ideia das novas tecnologias facilitarem a interação social. Através da revisão de literatura, autores/as como Prados, Vicent e Esteban (2014) assinalam que a presença das tecnologias no contexto familiar é cada vez maior e, para Church, Weight Berry e MacDonald (2010) e Villegas (2013) estas tornaram-se numa componente fundamental nas rotinas das famílias, tendo a sua presença o papel de agregá-las (Mesch, 2006b; Villegas, 2013). Neste âmbito, na sua investigação, Villegas (2013) salienta que, na família, as tecnologias podem ter duas funções: servirem como um dispositivo em atividades independentes e, serem consideradas mecanismos no processo de socialização e comunicação. Já Church et al., (2010) fazem referência que as tecnologias “(...) servem as necessidades pessoais, originam relações funcionais e envolvem o mundo social” (p.272). Livingstone (2002, como citado em Livingstone & Das, 2010) indica algumas utilidades das tecnologias nas residências familiares: i) a prestação de atividades de lazer comum, reunindo as gerações e, simultaneamente, estimulando e permitindo a comunicação familiar; ii) a prestação de recursos simbólicos para os mitos e as narrativas da família, desde a simples facilitação da comunicação através do fornecimento de um tópico de conversa, a uma complexa negociação de regras e expectativas; e, iii) a regulação do tempo e do espaço familiares, tal inclui o uso das tecnologias para definir atividades apropriadas ou horários (e.g., trabalhos de casa, hora de dormir).

Na família, as tecnologias podem desempenhar um papel ativo por possibilitar que pais e mães possam utilizá-las como algo que lhes permite cumprir certas responsabilidades que advêm com a parentalidade, conseguindo com isso manter o sistema funcional (Villegas, 2013). De acordo com Mesch (2006a), as tecnologias podem facilitar a união familiar, podendo igualmente reformular o significado do tempo, fazendo com que os indivíduos passem mais tempo em casa. O mesmo autor refere que as tecnologias em casa podem promover oportunidades para o desenvolvimento de atividades partilhadas (Mesch, 2006a); por sua vez, McGrath (2012) e Villegas (2013) referem que as tecnologias possibilitam a interação social, mas também podem conduzir a que os indivíduos se envolvam em atividades tecnológicas solitárias (Daly, 1996 como citado em Mesch, 2006a; Mesch, 2006a; McGrath, 2012).

Para além de algumas das vantagens supramencionadas, as tecnologias podem igualmente ser prejudiciais nas interações entre os membros de uma família. Por exemplo, Saxbe, Graesch e Alvik (2013) indicam que, numa família, a televisão pode contribuir para o isolamento das crianças e dos/as adolescentes por estes/as preferirem vê-la sozinhos/as no quarto ao invés de assistirem televisão na sala com o pai e com a mãe. De acordo com Rideout, Foehr e Roberts (2010), 58% dos/as participantes de uma investigação afirmam que o computador conduz a que passem menos tempo com os/as seus/as familiares e amigos/as e, que tal pode afetar negativamente o funcionamento e relacionamento familiares. Relativamente ao telemóvel, Hameededdin (2010) frisa que, hoje, a simples utilização do telemóvel encoraja os indivíduos a interagir com outros, maioritariamente pelo telemóvel do que presencialmente, ou seja, diminuindo o contacto próximo.

Face aos videojogos, Redmont (2010) menciona que as horas passadas a jogar, especialmente os de carácter mais violento, podem ser associados a uma diminuição na comunicação dos/as adolescentes com os/as irmãos/ãs. Por fim, Mesch (2006b) conclui que 40% dos pais e mães da amostra da sua investigação revelam que a Internet é motivo de alteração na relação paterno-filial. Outros estudos, como é o caso de Kraut et al., (1998) apontam que a Internet reduz significativamente a importância da proximidade física entre sujeitos, fortalecendo em simultâneo os laços e relações online.

Em suma, neste capítulo compreendeu-se que as tecnologias são simultaneamente vantajosas e desvantajosas para as famílias com filhos/as adolescentes porque podem promover ou não interação social entre os seus membros. Por um lado, podem possibilitar momentos de união, de comunicação, de partilha de experiências e de aprendizagem, em que os diferentes membros da família podem

interagir em torno da televisão, do computador, do telemóvel, dos videojogos e da Internet. Por outro, podem contribuir para o isolamento dos indivíduos pelo facto de as suas atividades terem um carácter individual, reduzindo a interação; adicionalmente, podem originar conflitos intrafamiliares devido ao uso das tecnologias e ao conhecimento avançado da população mais jovem, podendo conduzir a uma alteração na hierarquia e nos papéis familiares.

Parte II – Estudo Empírico

“Como Einstein também dizia isso, há-de haver um dia em que a tecnologia ultrapassa a interação humana” J10

Na segunda parte da Dissertação, será apresentado o estudo empírico, descrevendo primeiramente a sua metodologia orientadora, a problemática em estudo, os objetivos de investigação, os instrumentos utilizados e a caracterização dos participantes. Finalmente, serão apresentados os procedimentos adotados, os dados resultantes da análise de conteúdo, a discussão dos resultados e a conclusão geral do trabalho.

Capítulo III – Método

3.1. Enquadramento Metodológico

Em definições mais recentes, Arnal et al. (1992, como citado em Almeida & Freire, 2008) concetualizaram Ciência como “um modo de conhecimento rigoroso, metódico e sistemático que pretende otimizar a informação disponível em torno de problemas de origem teórica e/ou prática” (p.16).

No que respeita à Psicologia, Almeida e Freire (2008) consideram que a Ciência procura descrever, explicar, prever e controlar o comportamento humano não se baseando em suposições de senso comum (i.e., formada a partir de rotinas, tradições e observações não sistematizadas) (Silva, 2010). Nesta área de conhecimento, Ciência é aquela que restringe os factos a investigar e que estabelece procedimentos metodológicos para a observação e para a investigação, que constrói igualmente instrumentos para a pesquisa e cujos processos servem para que o objeto de estudo seja investigado com veracidade e cientificidade (Silva, 2010).

O método de investigação qualitativa, o método escolhido para o presente estudo, interessa-se por uma ampla e absoluta compreensão do caso a investigar (Fortin, 1999), investigando-se «com» e não «para» as pessoas de interesse. O objetivo desta abordagem de investigação é descrever ou interpretar, mais do que avaliar, promovendo a importância da compreensão do/a investigador/a e dos/as participantes (Fortin, 1999). No mesmo sentido, Almeida e Freire (2008) referem que a metodologia qualitativa procura a globalidade e a compreensão dos fenómenos, ou seja, um enfoque de análise de cariz indutivo, holístico e ideográfico, de modo a não a descontextualizar.

A técnica de tratamento de informação, através da “Análise de Conteúdo”, segundo Krippendorff (2013) permite a elaboração de inferências replicáveis e válidas a partir de dados provenientes de entrevistas, de documentos ou de outro tipo de registos (Almeida & Freire, 2008), promovendo novos *insights*, reforçando a compreensão do/a investigador/a para um fenómeno (Krippendorff, 2013). Segundo Almeida e Freire (2008), a análise de conteúdo de pendor mais qualitativo é mais intensiva e tende a centrar-se nas informações, possivelmente nas menos frequentes, contudo mais detalhadas e complexas, podendo conduzir ao ensaio ou à projeção de hipóteses.

A análise de conteúdo diferencia-se de técnicas mais objetivas por ser, na realidade, uma interpretação pessoal do/a investigador/a em relação à perceção que tem dos dados, originando interpretações e impossibilitando uma leitura neutra (Moraes, 1999). De acordo com Moraes (1999), a análise de conteúdo, centrada em estudos qualitativos, recorre às seguintes etapas: i) preparação das informações; ii) unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; iii) categorização ou classificação das unidades em categorias; iv) descrição; e, v) interpretação.

3.2. Problemática do Estudo

A presente investigação pretende compreender o impacto das novas tecnologias nas relações entre mães e filho/as adolescentes, sendo a pertinência do tema fundamentada no facto de as tecnologias terem sido, ao longo das últimas duas décadas, introduzidas nas residências e rotinas familiares, podendo alterar a comunicação e interação entre os seus membros. De acordo com Gonçalves (2012), atualmente, o trabalho e a família impõem necessidades cada vez maiores na vida dos indivíduos, constituindo-se uma dificuldade crescente em alcançar um equilíbrio aceitável entre eles. Como possível resultado, os pais, as mães e os/as filhos/as passam menos tempo juntos/as, substituindo por vezes a presença e a comunicação da família por tecnologias (Teixeira, Froes & Zago, 2006). Para Cardoso, Espanha e Lapa (2008), a apropriação das novas tecnologias pelos/as adolescentes sugere que também possam estar a ocorrer transformações no âmbito da interação familiar, podendo incluir a ocorrência de conflitos intergeracionais relativos à privacidade, ao tempo de utilização e à falha nas expectativas (Mesch, 2003).

Na literatura, encontram-se resultados e conclusões divergentes sobre o impacto das tecnologias junto das famílias e das relações. Autores/as como Mesch (2006a), Plowman, McPake e Stephen (2010) e McGrath (2012) criticam as tecnologias por estas

impedirem a interação social e contribuirão para o isolamento, para a “Cultura de Quarto” e para a diminuição do contacto próximo entre membros da família. Contrariamente, outros autores/as como Vitalari e Venkatesh e Gronhaug (1985), Morrison e Krugman (2001), Salaff (2002) e Saxbe, Graesch e Alvik (2011) valorizam as novas tecnologias, perspetivando-as como um apoio e uma ponte para a interação social, especialmente dentro da família, por julgarem que as mesmas proporcionam momentos de partilha, de aprendizagem, de união e de auxílio no âmbito profissional, de lazer, de entretenimento e de estudo.

Assim, na parte empírica deste estudo pretende-se investigar a influência das tecnologias nas dinâmicas e relações em famílias com adolescentes, especialmente entre mães e filho/a(s) adolescente(s), procurando expor e descrever as alterações notadas por ambos/as.

3.3. Objetivos do Estudo

A presente investigação tem como objetivo investigar de que modo o uso das novas tecnologias influencia as interações familiares em famílias com adolescentes, especialmente entre mães e seus/as filhos/as adolescentes no seu quotidiano.

Tendo em consideração o objetivo do estudo foram propostos os objetivos seguintes que serviram de orientação à presente investigação:

O Objetivo 1 - Legitimar a Entrevista: visa informar o/a participante sobre os objetivos do estudo, os/as responsáveis pelo mesmo, a metodologia de investigação e a futura divulgação dos dados. Ainda, solicita-se a colaboração do/a participante para a concretização do estudo, dá-se a conhecer os objetivos principais da entrevista, assegura-se a confidencialidade e o anonimato, pede-se autorização para a gravação áudio da entrevista e coloca-se a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.

O Objetivo 2 - Caracterizar Sociodemograficamente do/a Entrevistado/a: tem como objetivo recolher os dados necessários à caracterização sociodemográfica dos/das participantes, em que se abrangem dados como a idade, o sexo, o estado civil, as habilitações literárias, o número de filhos/as, a profissão, a área de residência e o conhecimento acerca das novas tecnologias.

O Objetivo 3 - Tecnologias Utilizadas pela Família, tem como objetivo identificar as tecnologias existentes em casa dos/as participantes e a sua distribuição pelas diferentes divisões da residência.

O Objetivo 4 – Importância das Tecnologias pela Família e Importância da Internet no/a Adolescente, tem como objetivo identificar a importância e a utilização das tecnologias bem como a importância da Internet no/a adolescente.

O Objetivo 5 – Perceção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente, tem como propósito conhecer a perceção das mães e dos/as adolescentes sobre as tecnologias utilizadas pelo/a filho/a adolescente (tipo, grau de conhecimento e tempo despendido).

O Objetivo 6 - As Novas Tecnologias na Interação Familiar, tem por objetivo: (i) identificar a presença de tecnologias em momentos de interação familiar (ii) identificar o modo como as tecnologias utilizadas pelo/a adolescente influenciam a interação da família.

O Objetivo 7 - Opinião sobre a Frase “*O Pai e a Mãe Utilizam os Média como Baby-Sitter*” tem como objetivo conhecer a opinião das mães e dos/as adolescentes, sobre a afirmação acima, tentando compreender que leitura fazem os/as participantes da mesma.

O Objetivo 8 do Guião de Entrevista corresponde à finalização da entrevista e, pretende agradecer pela participação e renovar o compromisso de confidencialidade e anonimato assim como a disponibilidade de se colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.

3.4. Instrumentos

Para a recolha de dados na presente investigação, decidiu-se pela utilização da entrevista semiestruturada. Na entrevista semiestruturada, o/a investigador/a organiza uma lista de temas a abordar, formula questões a partir desses temas e apresenta-os ao/à entrevistado/a segundo uma ordem que lhe convém, tornando-se uma conversação informal (Fortin, 1999). O principal intuito é que, no fim da entrevista, todos os objetivos propostos tenham sido cobertos (Wilson, 1985 como citado em Fortin, 1999). Com efeito, elaborou-se um guião de entrevista, organizado em objetivos propostos à *priori* (acima referidos) os quais serviram de base à formulação das questões colocadas aos/às participantes.

3.5. Procedimentos Gerais de Recolha e Tratamento dos Dados

Num primeiro momento, contactou-se as Associações de Pais das escolas secundárias da cidade de Évora para poder ter acesso a pais, mães e adolescentes.

Como só houve resposta de duas mães que se mostraram interessadas em participar no estudo, optou-se por procurar participantes fora das Associações de Pais que cumprissem os critérios de inclusão, ou seja, ser pai ou mãe de filho/a adolescente com idade compreendida entre os 14 e os 18 anos e, possibilidade de entrevistar o par mãe/filho/a ou pai/filho/a. Esta opção conduziu à utilização do sistema de amostragem de Bola de Neve “Snowball” que, segundo Fortin (1997) e Ribeiro (2010), pretende que o/a investigador/a construa a amostra de população perguntando a um conjunto de informadores/as iniciais que forneçam nomes de outros potenciais membros. De acordo com Ribeiro (2010), este tipo de amostra deriva das Amostras Não Probabilísticas ou Intencionais.

Deste modo, quando se entrevistaram as duas primeiras mães e os/as respetivos/as filhos/as, questionou-se se poderiam fornecer o contacto de amigos/as ou conhecidos/as que pudessem estar igualmente interessados/as em participar na investigação e que tivessem filhos/as adolescentes. Contactaram-se os/as futuros/as participantes e agendaram-se as entrevistas, de acordo com a disponibilidade dos/as mesmos/as. Durante o contacto com os/as participantes, houve duas mães que se disponibilizaram para participar, porém não cumpriram um dos critérios de inclusão, ou seja, ter um/a filho/a adolescente, sendo por isso excluídas da amostra. O processo de recolha de dados decorreu entre os meses de Março a Maio de 2016. É importante referir que ao longo da recolha dos dados, apesar de terem sido contactados pai e mãe, apenas as mães se mostraram disponíveis para participar no estudo, ficando o grupo de participantes constituído apenas por elementos do sexo feminino.

Num segundo momento e, após a realização das entrevistas, concretizou-se a transcrição das mesmas para o computador e posterior impressão para facilitar a sua análise, assim como a sua codificação de modo a garantir o anonimato das entrevistas e dos/as próprios/as entrevistados/as – sendo que o código de cada entrevista das mães corresponde à letra E, seguida de um número compreendido entre 1 a 14, que representa a ordem dos/as participantes. No que concerne às entrevistas dos/as adolescentes, o código de cada entrevista corresponde à letra J, seguida do número associado à sua mãe. Em anexo, apresenta-se dois excertos de duas entrevistas, uma da mãe e outra do/a filho/a (Anexo IV e V).

Tendo em consideração as características do presente estudo (i.e., qualitativo e exploratório) as entrevistas foram submetidas à técnica de análise de conteúdo. Assim, após a transcrição das entrevistas e leitura mais pormenorizada do material recolhido,

procedeu-se ao estabelecimento de categorias. Este procedimento visa fornecer uma representação simplificada dos dados recolhidos em categorias (Bardin, 2009).

No presente estudo, a categorização foi criada *à posteriori* porque se tratou de um processo indutivo de análise dos dados (Moraes, 1999). Ainda, durante o processo de análise de conteúdo foram, definidos dois tipos de unidades, o primeiro relativo às unidades de registo (UR), que são palavras e expressões chaves referentes aos aspetos individuais da experiência dos/as participantes e que permitiram organizar as categorias dentro de um determinado objetivo em análise; e as segundas, que se referem às unidades de contagem (UC), dizem respeito ao número de vezes que cada entrevistado/a faz referência a determinada experiência. Neste sentido, após a gravação, transcrição e leitura atenta dos elementos transcritos foram identificadas as unidades de registo (UR) ou unidades de análise (palavras e expressões chaves do discurso dos/das participantes). Estas, representando um conjunto de informações com o mesmo significado, posteriormente, permitiram criar as categorias de forma a definir o que é essencial em função dos objetivos. A categorização dos conteúdos aconteceu ao longo de todo o processo de análise e os títulos foram sendo definidos até ao final do mesmo (Moraes, 1999).

Em resumo, após a gravação das entrevistas, o seu tratamento foi sujeito aos seguintes passos: i) Transcrição das entrevistas; ii) Análise de conteúdo das entrevistas, respeitando a) leitura pormenorizada dos registos; b) sinalização e identificação das unidades de registo (UR) ou unidades de análise constituídas por verbalizações dos participantes (informações com significado no âmbito das questões em estudo); e iii) agregação das unidades de registo (UR) ou unidades de análise relacionadas entre si resultando estas nas categorias que suportam os objetivos em análise.

Por fim, procedeu-se à compreensão e interpretação através de análise reflexiva e crítica do conteúdo das entrevistas, relacionando os resultados obtidos e a fundamentação teórica anteriormente referida.

3.6. Caracterização dos/as Participantes

Participaram no presente estudo catorze mães e quinze adolescentes, sendo que foram apenas entrevistadas mães, uma vez que os pais dos/as adolescentes não apresentaram disponibilidade para participar na investigação. Foram ponderados para a participação no estudo os seguintes critérios de inclusão: ser pai ou mãe de filho/a adolescente com idade compreendida entre os 14 e os 18 anos; possibilidade de entrevistar o par mãe/filho/a ou pai/filho/a. Os seguintes quadros apresentam a

caracterização sociodemográfica dos/as participantes do estudo (Objetivo 2 do Guião de Entrevista).

Quadro 1: Caracterização Sociodemográfica das Mães Entrevistadas

Sujeito	Sexo	Idade	Estado Civil	Número de Filhos	Habilitações Literárias	Profissão	Situação Profissional	Conhecimento sobre Tecnologias
E1	F	46	Casada	2	Pós-Graduação	Inspetora do Trabalho	Ativa	Algum
E2	F	42	Casada	2	Ensino Secundário	Cabeleireira	Ativa	Pouco
E3	F	46	Casada	1	Bacharelato	Administrativa	Ativa	Algum
E4	F	50	Divorciada	2	Licenciatura	Professora de Ensino Primário	Ativa	Algum
E5	F	48	Solteira	1	Mestrado	Tradutora	Ativa	Muito
E6	F	47	Divorciada	1	Licenciatura	Professora	Desempregada	Algum
E7	F	53	Casada	3	Pós-Graduação	Técnica Superior	Ativa	Algum
E8	F	43	Casada	3	Licenciatura	Gestora	Ativa	Algum
E9	F	42	Casada	2	Pós-Graduação	Técnica Superior	Ativa	Algum
E10	F	54	Solteira	3	3º Ciclo	Assistente Técnica	Ativa	Pouco
E11	F	46	Casada	1	Ensino Secundário	Assistente Técnica	Ativa	Algum
E12	F	66	Viúva	1	1º Ciclo	Empregada Fabril	Ativa	Pouco
E13	F	44	Casada	2	Pós-Graduação	Dentista	Ativa	Algum
E14	F	42	Casada	2	3º Ciclo	Assistente Operacional	Ativa	Pouco

Quadro 2: Caracterização Sociodemográfica dos/as Adolescentes Entrevistados/as

Sujeito	Sexo	Idade	Habilitações Literárias	Profissão	Conhecimento sobre Tecnologias
J1	M	17	Ensino Secundário	Estudante	Muito
J2	F	18	Ensino Secundário	Estudante	Algum
J3	F	14	3º Ciclo	Estudante	Muito
J4	M	15	Ensino Secundário	Estudante	Algum
J5	M	15	3º Ciclo	Estudante	Algum
J6	M	17	Ensino Secundário	Estudante	Muito
J7	M	14	3º Ciclo	Estudante	Algum
J8	F	14	3º Ciclo	Estudante	Muito
J9	F	14	3º Ciclo	Estudante	Algum
J10	F	15	3º Ciclo	Estudante	Algum
J11	M	16	Ensino Secundário	Estudante	Muito
J12	F	17	Ensino Secundário	Estudante	Algum
J13	M	16	Ensino Secundário	Estudante	Algum
J14_1	F	15	Ensino Secundário	Estudante	Algum
J14_2	F	15	Ensino Secundário	Estudante	Algum

Como se pode verificar pelo Quadro 1, Caracterização Sociodemográfica das Mães Entrevistadas, foram entrevistadas 14 mães (N=14). No Quadro 2, Caracterização Sociodemográfica dos/as Adolescentes Entrevistados/as, observa-se existirem (N=8) participantes do sexo feminino e (N=7) do sexo masculino. O número de adolescentes entrevistados/as é superior ao de mães entrevistadas porque uma das participantes (E14) tem duas filhas gémeas (J14_1 e J14_2), tendo sido ambas entrevistadas.

As idades das mães variam entre os 41 e os 66 anos, com uma média de 48 anos. A entrevistada mais velha (E12) é na realidade a avó e encarregada de educação da adolescente correspondente (J12). Relativamente às idades dos/as adolescentes, estas variam entre os 14 e os 18 anos, sendo as idades mais frequentes os 14 e 15 anos.

Quanto às habilitações literárias, verifica-se que nove das mães entrevistadas frequentaram o Ensino Superior e as restantes frequentaram o Ensino Básico (1º ou o 2º ou o 3º Ciclos) e/ou o Ensino Secundário. No que respeita às habilitações dos/as adolescentes, notou-se que nove frequentam o Ensino Secundário e seis o 3º Ciclo.

Capítulo IV – Apresentação dos Resultados

No presente capítulo serão apresentados os resultados recolhidos através das entrevistas das mães e dos/as adolescentes, referentes aos objetivos (3 à 7):

O Objetivo 3 - Tecnologias Utilizadas pela Família, tem como objetivo identificar as tecnologias existentes em casa dos/as participantes e a sua distribuição pelas diferentes divisões da residência.

O Objetivo 4 – Importância das Tecnologias pela Família e Importância da Internet no/a Adolescente, tem como objetivo identificar a importância e a utilização das tecnologias bem como a importância da Internet no/a adolescente.

O Objetivo 5 – Perceção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente, tem como propósito conhecer a perceção das mães e dos/as adolescentes sobre as tecnologias utilizadas pelo/a filho/a adolescente (tipo, grau de conhecimento, tempo despendido).

O Objetivo 6 – As Novas Tecnologias na Interação Familiar, tem por objetivos: (i) identificar a presença de tecnologias em momentos de interação familiar e (ii) identificar o modo como as tecnologias utilizadas pelo/a adolescente influenciam a interação da família.

O Objetivo 7 - Opinião sobre a Frase “*O Pai e a Mãe Utilizam os Média como Baby-Sitter*” tem como objetivo conhecer a opinião das mães e dos/as adolescentes, sobre a afirmação acima, tentando compreender que leitura fazem os/as participantes da mesma.

Os resultados serão apresentados considerando uma análise estatística simples (i.e., dados meramente informativos, Objetivos 3 e 5) e uma análise de conteúdo (i.e., os dados permitem uma análise de conteúdo, Objetivos 4, 5, 6 e 7). Em primeiro lugar serão apresentados os resultados da análise estatística simples com o objetivo de recolher dados meramente informativos referentes aos objetivos 3 e 5 das entrevistas das mães e, posteriormente, serão apresentados os resultados da análise de conteúdo referentes aos objetivos 4, 6 e 7 das mesmas participantes.

Em segundo lugar, apresentar-se-ão os resultados das entrevistas dos/as adolescentes, seguindo a mesma ordem e acrescentando os resultados de análise de conteúdo referentes ao objetivo 5. Tendo os objetivos sido definidos à *priori*, os conteúdos das entrevistas foram reunidos sistematicamente tendo sido em primeiro lugar sinalizadas e identificadas as unidades de registo (UR) ou unidades de análise constituídas por verbalizações dos/as participantes (informações com significado no âmbito das questões em estudo); seguida da agregação das unidades de registo (UR) relacionadas entre si, resultando estas nas categorias e subcategorias.

Objetivos 3 e 5

Conforme referido, anteriormente, passamos a apresentar em primeiro lugar, os resultados de carácter meramente informativo referentes aos Objetivos 3 e 5 (extraídos das respostas das mães entrevistadas). Os quadros com os resultados estatísticos encontram-se nos Anexos, estando nesta parte apenas a descrição dos mesmos.

Objetivo 3 – Tecnologias Utilizadas pela Família

O terceiro objetivo, Tecnologias Utilizadas pela Família, tem como objetivo identificar as tecnologias existentes em casa dos/as participantes e a sua distribuição pelas diferentes divisões da residência.

No Quadro 3 – Tecnologias e a sua Distribuição na Residência (Anexo VI) – apresentam-se as tecnologias existentes nas residências das mães entrevistadas e a sua distribuição pelas mesmas. Pelo que é visível, de acordo com as mães, as televisões estão maioritariamente fixadas nos quartos e na sala, enquanto o computador fixo está essencialmente nos quartos e no escritório. A *Playstation*, os outros jogos (e.g., *Wii*) e o *Tablet* estão preferencialmente localizados na sala. Porém, tecnologias como o computador portátil, o *Tablet*, o *iPod* e o *iPad* circulam pela residência que, pela sua portabilidade, podem ser utilizadas em qualquer espaço.

Objetivo 5 – Perceção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente

O presente objetivo, Perceção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente, tem como propósito conhecer a perceção das mães sobre as tecnologias utilizadas pelo/a filho/a adolescente (tipo, grau de conhecimento e tempo despendido). Ainda relativamente a este objetivo 5, mais adiante, algumas respostas das mães entrevistadas serão alvo de uma análise de conteúdo.

De acordo com o Quadro 4 - As Tecnologias Utilizadas pelos/as Filhos/as segundo as Mães (Anexo VII), o telemóvel e o computador são as tecnologias mais utilizadas pelos/as filhos/as. A televisão, a *Playstation* e o *Tablet*, de acordo com as mães, são as menos utilizadas pelos/as adolescentes.

O Quadro 5 - Conhecimento sobre Tecnologias dos/das Adolescentes segundo as Mães (Anexo VIII), resume os dados sobre o grau de conhecimento dos/das filhos/as comparado ao seu. Doze mães alegaram ter um conhecimento sobre tecnologias inferior ao do/a adolescente, fundamentando: “Ai, ela é super, em relação à mãe que tem” E10;

“Ele está muito avançado em relação a mim” E11. Duas mães afirmaram ter um conhecimento equivalente ou parecido com o conhecimento do/a filho/a sobre tecnologias: “Eu acho que não estamos muito distantes, elas têm mais facilidades” E8.

O Quadro 6 - A Percepção das Mães relativamente ao Tempo Despendido do/a Filho/a com Tecnologias (Anexo IX) apresenta a opinião das mães sobre o tempo que o/a filho/a despende com tecnologias: Dez mães declararam que o/a filho/a adolescente despende de muito tempo: “Muito, muito mesmo, é demais” E13. Três mães referiram que o tempo despendido com tecnologias pelo/a filho/a é adequado, justificando: “Não acho mal, acho que é equilibrado, acho bem, até agora, não quer dizer que depois, à medida que vá crescendo, que vá ficando mais propensa” E8.

Uma mãe que fez referência ao próprio contexto, momento ou estado meteorológico serem um fator preponderante no tempo utilizado com tecnologias pelo/a filho/a adolescente, ilustrou da seguinte forma: “Ao fim-de-semana, eu às vezes gostava que fosse um bocadinho menos, (...) quando o bom tempo chega, ele diminui o tempo (...) passa muito tempo na rua a jogar e a brincar com os colegas aqui da vizinhança” E7.

Objetivos 4, 6 e 7

De seguida serão apresentados os resultados da análise de conteúdo dos objetivos 4, 6 e 7: 4 - Importância das Tecnologias pela Família e Importância da Internet no/a Adolescente, 6 - As Novas Tecnologias na Interação Familiar e 7- Opinião sobre a Frase “*O Pai e a Mãe Utilizam os Média como Baby-Sitter*”.

Objetivo 4 – Importância das Tecnologias pela Família e Importância da Internet no/a Adolescente

O objetivo 4, Importância das Tecnologias pela Família e Importância da Internet no/a Adolescente, tem como objetivo identificar a importância e a utilização das tecnologias bem como a importância da Internet no/a adolescente, segundo a perspetiva das mães. Da análise dos resultados emergiram 3 categorias (Comunicação, Lazer e Entretenimento e Formação e Informação) e 5 subcategorias.

Categoria 1: Comunicação

A presente categoria indica que, de acordo com as mães entrevistadas, no contexto familiar as tecnologias assumem um lugar importante ao nível da comunicação entre as pessoas na medida em que estas permitem uma facilidade no contacto das pessoas umas com as outras, bem como ter acesso à informação.

Quadro 7 – Categoria 1: Comunicação

Subcategorias	UR	UC
Facilidade de Contacto entre as Pessoas	6	6
Informação Pública	2	3

O Quadro 7- Categoria 1: Comunicação, evidencia que esta categoria é constituída por duas subcategorias. Ao nível da comunicação entre as pessoas, as tecnologias favorecem o contacto entre indivíduos através de chamadas, de mensagens, de Emails, de *Skype* e do *WhatsApp*. Deste modo, a subcategoria *Facilidade de Contacto entre as Pessoas* resulta da percepção de seis mães (UC=6), destacando-se os seguintes exemplos: “Às vezes é no *Skype* com o meu irmão, porque o meu irmão vai muitas vezes para Madrid trabalhar e, então de vez em quando, usamos o *Skype*” E2; “Ainda bem que há os telemóveis. Por exemplo, quando ele sai à noite, ali à meia-noite e tal mando-lhe um SMS a perguntar se está tudo bem e fico mais descansada (...) no meu tempo não havia isso” E1. A subcategoria *Informação Pública*, destacada pelas verbalizações de duas mães (UC=3) é sustentada pelas afirmações: “Eu gosto de ver os telejornais” E12. “Vemos o que se passa no mundo no dia-a-dia e abre fronteiras e a gente fica a saber” E14.

Categoria 2: Lazer e Entretenimento

Esta categoria reúne as percepções das mães, pelas quais as tecnologias, nomeadamente a televisão e o computador, são tidas como importantes em atividades de lazer e de entretenimento. Esta categoria reúne 2 subcategorias: Visionamento de Conteúdos e Ligação a Redes Sociais.

Quadro 8 - Categoria 2: Lazer e Entretenimento

Subcategorias	UR	UC
Visionamento de Conteúdos	2	2
Ligação a Redes Sociais	6	6

No Quadro 8 - Categoria 2: Lazer e Entretenimento, é possível verificar que as tecnologias, como a televisão e o computador são importantes para a família porque permitem que se desenvolvam atividades de lazer e de entretenimento tais como assistir conteúdos “indiscriminadamente” e frequentar as redes sociais. Na subcategoria *Visionamento de Conteúdos* destacam-se as verbalizações de duas mães (UC=2) tendo sido referido que as tecnologias permitem-lhes ver televisão, séries, filmes e outros

conteúdos: “Também gosto de ver filmes, pronto e a novela” E14. A subcategoria *Ligação a Redes Sociais* reúne as percepções de seis mães (UC=6) exemplificadas pelas seguintes afirmações: “Vou ao *Facebook*” E6; “Ver o *Facebook*, é ver coscuvilhices das outras pessoas e fotografias e piadolas” E8.

Categoria 3: Formação e Informação

Esta categoria diz respeito ao acesso a conteúdos formativos, sendo a formação uma das possibilidades que as tecnologias proporcionam, segundo as mães entrevistadas.

Quadro 9 - Categoria 3: Formação e Informação

Subcategorias	UR	UC
Pesquisa	3	3

O Quadro 9 - Categoria 3: Formação e Informação, evidencia a subcategoria *Pesquisa* referenciada por três mães (UC=3) que consideraram que esta é uma funcionalidade importante das tecnologias: “Normalmente vou [ao computador] quando preciso de pesquisar alguma coisa ou tenho algum assunto que quero saber” E6; “Pesquisar coisas na *net*” E3.

Ainda no objetivo 4, A Importância das Tecnologias pela Família e a Importância da Internet no/a Adolescente, quanto ao objetivo: a importância da Internet no/a adolescente, as 2 seguintes categorias identificadas resultam da percepção das mães entrevistadas relativamente à importância atribuída à Internet no/a adolescente.

Categoria 1: Vantajosa

Esta categoria evidencia que, segundo as mães, a Internet apresenta benefícios aos/às adolescentes por lhes facilitar determinadas atividades.

Quadro 10 - Categoria 1: Vantajosa

Subcategorias	UR	UC
Pesquisa e Conhecimento	4	6
Contacto e Proximidade	3	4
Estudo	4	4
Escolha da Profissão	1	1
Lazer	1	1

O Quadro 10 - Categoria 1: Vantajosa, reúne cinco subcategorias. No que concerne à subcategoria *Pesquisa e Conhecimento*, quatro mães (UC=6) referiram que a Internet permite ao/à filho/a o acesso a pesquisa e ao conhecimento: “Facilita o acesso ao conhecimento” E5; “Acho que é bom porque elas pesquisam coisas que, se calhar se não tivessem acesso à Internet, não conseguiam pesquisar” E14.

A subcategoria *Contacto e Proximidade* resulta das percepções de três mães (UC=4) e é sustentada pelas seguintes verbalizações: “Possibilita o estar em contacto com os amigos e isso é importante” E7; “(...) Entram em contacto uns com os outros, às vezes estão os três ou quatro a falar ao mesmo tempo” E11. A subcategoria *Estudo* foi descrita por quatro mães (UC=4) tendo como exemplo: “Acho que ele já não conseguiria fazer os trabalhos da escola” E1; “Em termos escolares tem ajudado bastante” E6.

A subcategoria *Escolha da Profissão* foi criada pela verbalização de uma mãe (UC=1): “Ele vive em função da Internet. Agora quer fazer até engenharia informática” E13. Ainda, a última subcategoria *Lazer*, que integra atividades como ouvir música, foi referida por uma mãe (UC=1) que disse: “Para ouvir música sobretudo” E5.

Categoria 2: Desvantajosa

A presente categoria reúne a percepção das mães entrevistadas segundo as quais existem desvantagens da utilização da Internet na vida dos/as adolescentes.

Quadro 11 – Categoria 2: Desvantajosa

Subcategorias	UR	UC
Perigos	1	1
Dependência da Internet	3	3

O Quadro 11 - Categoria 2: Desvantajosa, é composto por duas subcategorias. A subcategoria *Perigos* apresenta a verbalização de uma mãe (UC=1): “Ela tem que ter cuidado com tudo o que é pesquisa, com quem fala, tudo aquilo que posta nessas redes sociais” E3. Quanto à subcategoria *Dependência da Internet*, três mães (UC=3) referiram: “Ele é viciado na Internet, eu tenho plena consciência disso” E13 “Sem Internet é muito complicado, qualquer sítio que ela vá e que não tenha Internet, que não tenha Wi-Fi, é um stresse. Portanto, é muito importante para ela” E9.

Objetivo 6: As Novas Tecnologias na Interação Familiar

O objetivo 6, As Novas Tecnologias na Interação Familiar, tem por objetivos: (i) identificar a presença de tecnologias em momentos de interação familiar e (ii) identificar

o modo como as tecnologias utilizadas pelo/a adolescente influenciam a interação da família.

Com vista a identificar a presença de tecnologias em momentos de interação familiar sugeriram duas categorias: *Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias* e *Momentos de Interação Familiar com Tecnologias*. De acordo com a percepção das mães entrevistadas, foi possível destacar duas categorias, reunindo respetivamente, atividades em que a família interage realizando atividades na ausência de tecnologias e um outro conjunto de atividades realizado em presença de tecnologias.

Categoria 1: Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias

A categoria 1 - Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias põe em evidência, de acordo com a percepção das mães, os momentos de interação familiar que não incluem tecnologias.

Quadro 12 – Categoria 1: Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias

Subcategorias	UR	UC
Refeições	7	7
<i>Hobbies</i>	2	3
Lazer	10	11
Conversa	6	8

O Quadro 12 - Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias, reúne as respetivas subcategorias: *Refeições*, reúne as percepções de sete mães (UC=7) e, são ilustradas da seguinte forma: “Juntamos às refeições, sobretudo” E5; “Aquela que fazemos realmente mais juntos é as refeições” E1; *Hobbies*, apresenta as verbalizações de duas mães (UC=3) que afirmaram: “Jogamos jogos de tabuleiro” E8; “Fazer desporto” E9; *Lazer* reúne verbalizações de dez mães (UC=11) sustentada pelos exemplos: “Damos um passeio” E14; “Vamos às lojas, a algumas lojas, aos hipermercados, fóruns (...) há pouco tempo fomos ao teatro cá em Évora” E3; e, *Conversa*, seis entrevistadas (UC=8) justificaram a sua escolha, dizendo: “Costumamos conversar” E6; “Conversamos, às vezes brincamos um bocado” E7.

Categoria 2: Momentos de Interação Familiar Com Tecnologias

A categoria 2 - Momentos de Interação Familiar Com Tecnologias refere-se aos momentos em que, de acordo com a percepção das mães, a família interage realizando atividades que incluem tecnologias.

Quadro 13 – Categoria 2: Momentos de Interação Familiar Com Tecnologias

Subcategorias	UR	UC
Entretenimento	7	7
Música	1	1
Usar Computador	1	1

De acordo com o Quadro 13 - Momentos de Interação Familiar Com Tecnologias são identificadas três subcategorias que referem as atividades realizadas em presença de tecnologias: *Entretenimento*, reúne a percepção de sete mães (UC=7): “Vemos televisão, vemos filmes” E14; “Vemos um bocadinho de televisão, vemos um filme que ela gosta” E3; *Música*, uma mãe (UC=1) fez referência a esta atividade, dizendo: “Costumamos ouvir música, ele mostra músicas novas” E6; e, *Usar Computador*, somente uma mãe (UC=1) afirmou: “Utilizamos realmente o computador muito os dois” E6.

Ainda no objetivo 6 - As Novas Tecnologias na Interação Familiar, quanto ao objetivo: identificar o modo como as tecnologias utilizadas pelo/a adolescente influenciam a interação da família, as categorias identificadas resultam da percepção das mães relativamente à relação entre o tempo que os/as adolescentes despendem com novas tecnologias e a comunicação destes/as com a família e, também da possibilidade da inexistência de tecnologias.

Categoria 1: Relação Positiva

A categoria 1 - Relação Positiva, resulta da percepção, pelas mães entrevistadas, de aspetos positivos sobre a relação entre o tempo que os/as adolescentes despendem com tecnologias e a comunicação com a família, demonstrando que as tecnologias parecem facilitar o contacto da família com o/a adolescente, estando estes/as sempre acessíveis.

Quadro 14 - Categoria 1: Relação Positiva

Subcategorias	UR	UC
Facilidade de Contacto	2	2
Aprendizagem de Conteúdos	3	3

Pelo que é visível no Quadro 14 - Categoria 1: Relação Positiva, duas mães (UC=2) consideraram que o tempo que os/as adolescentes despendem com tecnologias pode facilitar o seu contacto: “É bom porque ela está contactável, portanto, nesse aspeto

é positivo” E9. Na subcategoria *Aprendizagem de Conteúdos*, evidencia-se que para três mães (UC=3) o tempo gasto com as tecnologias facilita a comunicação entre a família, principalmente no âmbito da aprendizagem de conteúdos: “Há sempre ideias que eles tiram e que ela gosta muito de me pedir opinião (...) a gente aprende muito” E2; “Influencia às vezes no bom sentido, porque ela também aprende e ajuda-me” E10.

Categoria 2: Relação Negativa

A presente categoria expõe a percepção negativa das mães entrevistadas face à relação entre o tempo que os/as adolescentes despendem com tecnologias e a comunicação com a família.

Quadro 15 - Categoria 2: Relação Negativa

Subcategorias	UR	UC
Diminuição da Comunicação	3	3
Isolamento do/a Adolescente	1	1

O Quadro 15 - Categoria 2: Relação Negativa, comporta duas subcategorias: A subcategoria *Diminuição da Comunicação* surge da verbalização de três mães (UC=3) e apresenta-se como exemplo: “[As tecnologias] retiram, vão retirando um certo tempo” E11; “Se ele se calhar não passasse tanto tempo no computador, estava aqui mais presente a conversar com a mãe dele” E4. A subcategoria *Isolamento do/a Adolescente* surgiu da percepção de uma mãe (UC=1) que considera o facto de os/as adolescentes estarem com tecnologias torna-os/as isolados/as: “Muito, porque ele já era uma criança fechada sem a tecnologia e, agora então” E13.

Categoria 3: Relação Neutra

A Relação Neutra tem a ver com a percepção das mães sobre as tecnologias considerando que estas não influenciam positiva ou negativamente a comunicação que os/as adolescentes têm com a sua família.

Quadro 16 - Categoria 3: Relação Neutra

Categoria	UR	UC
Relação Neutra	6	6

Pelo que se constata no Quadro 16 - Categoria 3: Relação Neutra, esta categoria não possui subcategorias. Seis mães (UC=6) fizeram referência justificando o surgimento desta categoria com os seguintes exemplos: “Eu acho que não influencia muito (...) acabamos por ter tempo disponível para falar os dois, portanto não é as novas

tecnologias que nos barram a ligação ou a comunicação entre os dois” E6; “Eu acho que não influencia muito, ele não é de não comunicar connosco por estar a utilizar as tecnologias (...) não prejudica a nossa relação” E1.

Continuamente, as seguintes categorias dizem respeito à percepção das mães sobre como seria a comunicação com o/a filho/a caso as tecnologias fossem inexistentes. Aqui, surgiram duas categorias, a Comunicação Igual e a Comunicação Diferente face à possível inexistência de tecnologias.

Categoria 1: Comunicação Igual

A categoria 1- Comunicação Igual, expõe que, mesmo sem a existência das tecnologias, a comunicação entre as mães e seus/as filhos/as manter-se-ia igual.

Quadro 17 – Categoria 1: Comunicação Igual

Subcategorias	UR	UC
Comunicação Igual	4	4
Apenas Modificação de Hábitos	1	1

O Quadro 17- Categoria 1- Comunicação Igual, demonstra que, mesmo sem tecnologias, a comunicação entre as mães entrevistadas e seus/as filhos/as manter-se-ia igual. A subcategoria *Comunicação Igual* surge da percepção de quatro mães (UC=4), justificando-se pelas afirmações: “Eu acho que era a mesma coisa (...) eles têm estas coisas, já são criados nisto” E12; “Entre mim e ela não seria muito diferente (...) se não estivesse a mexer no computador ou no *Tablet*, ela estaria a fazer desenhos, a escrever, a ler” E8.

A subcategoria *Apenas Modificação de Hábitos* resulta da percepção de uma mãe (UC=1) exemplificada pela afirmação: “Devo reconhecer que aquilo que mudaria seria mais ao nível dos hábitos do que propriamente do grau de comunicação (...) mas eu não acho que a comunicação fosse melhor por causa disso” E7.

Categoria 2: Comunicação Diferente

A categoria 2 - Comunicação Diferente evidencia que, de acordo com a percepção das mães, haveria uma diferença na comunicação com os/as filhos/as adolescentes caso as tecnologias fossem inexistentes. A diferença na comunicação poderia ter um carácter positivo ou negativo, reunindo esta categoria duas subcategorias: Melhoria da Comunicação e Diminuição da Comunicação.

Quadro 18 – Categoria 2: Comunicação Diferente

Subcategorias	UR	UC
Melhoria da Comunicação	8	8
Diminuição da Comunicação	1	1

O Quadro 18 - Categoria 2: Comunicação Diferente, apresenta as duas subcategorias que resumem a opinião das mães sobre como seria diferente a comunicação com os/as filhos/as adolescentes em contexto de inexistência de tecnologias: *Melhoria da Comunicação* oito mães (UC=8) e *Diminuição da Comunicação* uma mãe (UC=1) justificada pela afirmação: “Se não houvesse telemóvel aquilo era uma coisa muito má, uma pessoa que entra para o trabalho logo cedo e só via o filho à tardinha, era muito complicado mesmo” E11;

Quanto à subcategoria *Melhoria da Comunicação* surgiu a necessidade de criar sub-subcategorias de modo a torná-la mais clara, reunindo deste modo quatro sub-subcategorias.

Quadro 19 – Sub-subcategorias da Subcategoria *Melhoria da Comunicação*

Sub-subcategorias	UR	UC
Aumento da Comunicação e da Interação Familiar	4	4
Alteração de Hábitos	1	1
Mais Atividades Fora de Casa	1	1
Reconhecimento de Outras Formas de Comunicar	2	2

No Quadro 19, a sub-subcategoria *Aumento da Comunicação e da Interação Familiar* reúne as perceções de quatro mães (UC=4), tendo como exemplo: “Talvez a gente conversasse mais ou fizéssemos mais outro tipo de jogos” E4; “Aqueles 12 ou 15 horas que ele fica no computador à noite até eu brigar com ele para ele ir dormir, se calhar estava na sala com o pai ou comigo vendo filme, vendo alguma coisa, falando” E13. A sub-subcategoria *Alteração de Hábitos* apresenta a perceção de uma mãe (UC=1), tendo como exemplo: “Tínhamos que cumprir certas coisas, mas, no fundo, não estávamos sempre a pensar que tínhamos ali alguém para telefonar ou para ir buscar, pronto. Era diferente” E9.

A sub-subcategoria *Mais Atividades Fora de Casa* apresenta a percepção de uma mãe (UC=1) exemplificada pela seguinte afirmação: “Se calhar era diferente, se calhar a gente dedicava-se a fazer mais atividades fora” E2. A subcategoria *Reconhecimento de Outras Formas de Comunicar* reúne a percepção de duas mães (UC=2) tendo como exemplo: “Se calhar eu tinha que arranjar outras formas, como os meus pais arranjaram comigo para me acompanhar e para estarem mais tempo também comigo” E3; “Se calhar tínhamos que escrever cartas, de vez em quando, quando ele não está cá” E5.

Objetivo 7: Opinião sobre a Frase “O Pai e a Mãe Utilizam os Média como Baby-Sitter”

O presente objetivo tem pretende conhecer a opinião das mães sobre a frase “O Pai e a Mãe Utilizam os Média como Baby-Sitter” tentando compreender qual a leitura que fazem da mesma. Do conteúdo das respostas obtidas surgiram duas categorias e oito subcategorias.

Categoria 1: Tecnologias (os Média) como Recurso Positivo

A categoria 1 - Tecnologias (os Média) como Recurso Positivo, reúne a percepção apresentada pelas mães entrevistadas sobre os média, enquanto recurso positivo. Os média são percebidos como um recurso positivo, na medida em que permitem monitorizar os movimentos dos/as filhos/as adolescentes e verificar se se encontram numa situação “segura” ao mesmo tempo que se mantêm entretidos/as. Desta categoria resultam duas subcategorias.

Quadro 20 - Categoria 1: Tecnologias (os Média) como Recurso Positivo

Subcategorias	UR	UC
Monitorização dos Movimentos	8	10
Entretenimento	6	6

Pelo que se verifica no Quadro 20 - Categoria 1: Tecnologias (os Média) como Recurso Positivo, os média parecem ser para as mães um/uma baby-sitter que presta alguns serviços. Na subcategoria *Monitorização dos Movimentos* estão reunidas as percepções de oito mães (UC=10) tendo como exemplo: “É uma maneira barata e segura de você ter os seus filhos em ordem e sem se intrometer muito (...) é uma maneira fácil de você ter os seus filhos sob o controlo” E13.

A subcategoria *Entretenimento* reúne opiniões de seis mães (UC=6), sendo suportada pelas afirmações: “Se houver um certo equilíbrio, quer dizer, não faz mal que

os pais utilizem a Internet como um entretenimento para os miúdos” E6; “Eles divertem-se com aquilo” E13.

Categoria 2: Tecnologias (os Média) como Recurso Negativo

A categoria 2: Tecnologias (os Média) como Recurso Negativo, apresenta a percepção das mães entrevistadas sobre os média, enquanto recurso negativo. De acordo com estas mães, os média são um recurso negativo, na medida em que resultam em alguns aspetos desfavoráveis à interação familiar e ao desenvolvimento equilibrado das crianças e dos/as adolescentes. Desta categoria resultam cinco subcategorias.

Quadro 21 - Categoria 2: Tecnologias (os Média) como Recurso Negativo

Subcategorias	UR	UC
Isolamento	3	3
Sedentarismo	1	1
Quebra na Comunicação Familiar	2	2
Influência dos Conteúdos	1	1
Impedimento da Participação em outras Brincadeiras	3	3

No Quadro 21 - Categoria 2: Tecnologias (os Média) como Recurso Negativo, estão reunidas 5 subcategorias: A subcategoria *Isolamento* agrupa a percepção de três mães (UC=3) tendo como exemplo: “Acho que não é bom estarem sozinhos assim” E12; “O miúdo fica refugiado só naquilo, só vive naquilo” E11. A subcategoria *Sedentarismo* com a verbalização de uma mãe (UC=1) justifica-se pela afirmação: “As crianças não fazem exercício físico e estão sentadas o dia todo, agarradas às tecnologias e, isso é muito mau, muito mau” E1. A subcategoria *Quebra na Comunicação Familiar* apresenta a percepção de duas mães (UC=2) tendo como exemplo: “Porque isso vai quebrar a comunicação entre eles [pai, mãe e filho]” E11; “Porque retira um bocadinho do afeto e da ligação que os pais têm que ter com eles” E2. A subcategoria *Influência dos Conteúdos* resulta da percepção de uma mãe (UC=1) e, é exemplificada pela afirmação: “Hoje, os desenhos animados são muito agressivos e, hoje, os gaiatos com seis, cinco anos, veem estes desenhos animados que são muito agressivos e, vão para a escola lutar uns com os outros, mas é lutar mesmo feio” E14. A subcategoria *Impedimento da Participação em outras Brincadeiras* resulta da percepção de três mães (UC=3) suportada nas afirmações: “Uma criança não pode estar a ocupar o seu dia à frente de uma televisão ou de um computador, (...) e perder outras coisas que são absolutamente essenciais para o desenvolvimento, como sair, como brincar com outras coisas, com

outras crianças, apanhar ar, fazer desporto” E9; “Eles têm de brincar, brincar mesmo na terra, no pó, à bola, não é Internet” E2.

À semelhança do procedimento seguido para a apresentação dos resultados das entrevistas às mães, seguidamente serão apresentados pela mesma ordem os objetivos, as categorias e as subcategorias relativas aos dados das entrevistas aos/às filhos/as das participantes no estudo. Num primeiro momento serão apresentados os resultados referentes à análise estatística de carácter informativo dos objetivos 3 e 5. Depois, passar-se-á para a exposição dos dados referentes à análise de conteúdo dos objetivos 4, 5, 6 e 7.

Objetivos 3 e 5

Conforme foi referido, seguidamente serão apresentados os resultados de carácter informativo referentes aos Objetivos 3 e 5 (extraídos das respostas dos/as adolescentes entrevistados/as). Os quadros com os resultados estatísticos encontram-se nos Anexos, estando nesta parte apenas a descrição dos mesmos.

Objetivo 3: Tecnologias Utilizadas pela Família

O objetivo 3, Tecnologias Utilizadas pela Família, tem como objetivo identificar as tecnologias existentes na casa dos/as adolescentes e a sua distribuição pelas diferentes divisões.

O Quadro 22 - As Tecnologias e a sua Distribuição nas Residências (Anexo X), apresenta quais as tecnologias existentes na residência dos/as adolescentes entrevistados/as e como estão distribuídas. De acordo com os/as adolescentes, a televisão está localizada maioritariamente na sala, o computador no seu quarto e o computador portátil circula pelas divisões da casa. Outras tecnologias como a *Playstation* encontram-se na sala, o *Tablet* pode estar igualmente no quarto dos/as adolescentes bem como em outras divisões, assim como o *iPad*. Por sua vez, o telemóvel do/a adolescente ou está no seu quarto ou acompanha-o/a diariamente.

Objetivo 5: Perceção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente

O objetivo 5, Perceção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente, tem como objetivo identificar e conhecer a perceção do/a adolescente, relativamente às tecnologias por estes/as utilizadas (tipo, grau de conhecimento e tempo despendido). Mais adiante, algumas das respostas dos/as adolescentes entrevistados/as serão alvo de uma análise de conteúdo.

O Quadro 23 - O Tipo de Tecnologia Utilizada pelo/a Adolescente, segundo os/as próprios/as adolescentes (Anexo XI), o telemóvel é a tecnologia mais importante (UR=10), seguida do computador (UR=4). Um/a adolescente considerou não existir uma tecnologia mais importante.

O Quadro 24 - Conhecimento sobre Tecnologias segundo os/as Adolescentes (Anexo XII), resume os dados sobre o grau de conhecimento dos/as adolescentes comparado com o do pai e o da mãe. Apenas uma adolescente afirmou ter o conhecimento equivalente ou parecido ao do pai e ao da mãe. Os restantes catorze adolescentes afirmaram ter um conhecimento superior ao da mãe e ao do pai, fundamentando: “A nível de computadores e como funciona, acho que tenho mais que os meus pais” J13.

O Quadro 25 - A Perceção dos/as Adolescentes relativamente ao Tempo Despendido com Tecnologias (Anexo XIII), apresenta a opinião dos/as adolescentes sobre o tempo que despendem com tecnologias. Cinco adolescentes declararam que despendem duas ou menos horas por dia com tecnologias: “Nos dias de semana, costuma ser uma, duas horas” J7. Nove adolescentes indicaram que utilizam as tecnologias durante um período superior a duas horas por dia: “Em dias de aulas, três horas, quatro” J11. Um/a adolescente fez referência ao horário que disponibiliza no fim-de-semana para tecnologias, perfazendo um total superior a duas horas: “Nos fins-de-semana é que costuma ser mais, cinco no máximo” J7.

Objetivos 4, 5, 6 e 7

De seguida serão apresentados os resultados da análise de conteúdo dos objetivos 4, 5, 6 e 7: 4 - Importância das Tecnologias pela Família e Importância da Internet no/a Adolescente, 5 - Perceção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente, 6 - As Novas Tecnologias na Interação Familiar e 7- Opinião sobre a Frase “*O Pai e a Mãe Utilizam os Média como Baby-Sitter*”.

Objetivo 4 – Importância das Tecnologias pela Família e Importância da Internet no/a Adolescente

O objetivo 4, Importância das Tecnologias pela Família e Importância da Internet no/a Adolescente, tem como objetivo identificar a importância e a utilização das tecnologias bem como a importância da Internet no/a adolescente. Segundo a perceção dos/as adolescentes relativamente à importância das tecnologias, da análise dos resultados emergiram 2 categorias (Formação e Informação; Lazer e Entretenimento).

Categoria 1: Formação e Informação

A presente categoria diz respeito ao acesso a conteúdos formativos e informativos, sendo a formação uma das possibilidades que as tecnologias proporcionam, segundo os/as adolescentes.

Quadro 26 – Categoria 1: Formação e Informação

Subcategorias	UR	UC
Pesquisa	1	2
Estudo e Trabalho	4	4

O Quadro 26 – Categoria 1: Formação e Informação, evidencia a subcategoria *Pesquisa* referenciada por um adolescente (UC=2) que considerou que esta é uma funcionalidade importante das tecnologias: “Às vezes faço pesquisa” J5. A subcategoria *Estudo e Trabalho* foi verbalizada por quatro adolescentes (UC=4) que fundamentaram: “Trabalhos” J10; “Estudar” J2.

Categoria 2: Lazer e Entretenimento

Esta categoria reúne as percepções dos/as adolescentes pelas quais tecnologias como a televisão, o computador e o telemóvel, são tidas como importantes, sendo estas importantes do ponto de vista dos/as adolescentes em atividades de lazer e de entretenimento. A categoria reúne 4 subcategorias: Visionamento de Conteúdos, Ligação a Redes Sociais, Jogos Online e Música.

Quadro 27 - Categoria 2: Lazer e Entretenimento

Subcategorias	UR	UC
Visionamento de Conteúdos	8	10
Ligação a Redes Sociais	7	7
Jogos <i>Online</i>	5	5
Música	3	4

No Quadro 27 - Categoria 2: Lazer e Entretenimento, é possível verificar que as tecnologias (televisão, computador e telemóvel) são importantes para os/as adolescentes porque permitem o desenvolvimento e a concretização de diversas atividades. Na subcategoria *Visionamento de Conteúdos* destacam-se as verbalizações de oito adolescentes (UC=10), tendo sido referido que as tecnologias permitem-lhes ver: “A maioria do tempo é mesmo a ver filmes ou séries” J6; “Ver vídeos no YouTube” J10.

A subcategoria *Ligação a Redes Sociais* reúne as percepções de sete adolescentes (UC=7): “Ir às redes sociais” J2; “Atualizar as redes sociais” J10. A subcategoria *Jogos Online* destaca as verbalizações de cinco adolescentes (UC=5) que exemplificaram: “Jogar” J7; “Jogo com os amigos” J11. A subcategoria *Música* emergiu das verbalizações de três adolescentes (UC=4): “De vez em quando o telemóvel, eu meto música” J11; “Oiço música” J3.

Ainda no objetivo 4, A Importância das Tecnologias pela Família e a Importância da Internet no/a Adolescente, quanto ao objetivo a importância da Internet no/a adolescente, estes/as, de acordo com as suas percepções, consideram que a Internet tem importância nas áreas social e académica, tendo sido identificadas as 3 seguintes categorias: Lazer e Entretenimento, Informação e Estudo e Comunicação.

Categoria 1: Lazer e Entretenimento

A presente categoria 1, Lazer e Entretenimento é percecionada pelos/as adolescentes participantes no estudo como uma das atividades importantes proporcionadas pela Internet. Esta categoria agrupa 2 subcategorias: *Ligação a Redes Sociais* e *Jogos Online*.

Quadro 28 - Categoria 1: Lazer e Entretenimento

Subcategorias	UR	UC
Ligação a Redes Sociais	4	5
Jogos <i>Online</i>	3	3

No Quadro 28 - Categoria 1: Lazer e Entretenimento, é possível verificar que segundo os/as adolescentes, a Internet detém importância por lhes possibilitar a ligação a redes sociais e a jogos *online*. Na subcategoria *Ligação a Redes Sociais* destacam-se as verbalizações de quatro adolescentes (UC=5): “Consigo ir às redes sociais” J14_2; “Uso bastante as redes sociais” J1. A subcategoria *Jogos Online* resulta das verbalizações de três adolescentes (UC=3): “É o que eu uso maioritariamente nas tecnologias é a Internet que é aí que eu jogo com os meus amigos” J7; “Jogos” J4.

Categoria 2: Informação e Estudo

A categoria 2, Informação e Estudo, revela que os/as adolescentes percecionam a Internet como sendo importante quando se trata de obter de informação para esclarecimento de dúvidas, bem como informação associada ao estudo.

Quadro 29 - Categoria 2: Informação e Estudo

Subcategorias	UR	UC
Pesquisa	3	3
Estudo	1	1

No Quadro 29 - Categoria 2: Informação e Estudo, apresenta a subcategoria *Pesquisa* emergida pelas verbalizações de três adolescentes (UC=3): “Eu tenho uma dúvida e vou ver à Internet quando não está num livro” J2; “É uma coisa importantíssima, dá para fazer muitas pesquisas sobre qualquer tema, que a Internet tem” J5. No que respeita à subcategoria *Estudo*, um/a adolescente (UC=1) referiu a indispensabilidade da Internet, fundamentando: “Nós precisamos dela para os nossos trabalhos de grupo, individuais e tudo” J3.

Categoria 3: Comunicação

A categoria Comunicação indica que, de acordo com as perceções dos/das adolescentes entrevistados/as, a Internet é fundamental ao nível da comunicação com os outros, na medida em que permite uma facilidade de contacto entre as pessoas.

Quadro 30 – Categoria 3: Comunicação

Subcategorias	UR	UC
Facilidade de Contacto entre as Pessoas	3	3

O Quadro 30 – Categoria 3: Comunicação, evidencia que esta categoria é constituída por uma subcategoria, *Facilidade de Contacto entre as Pessoas*, que resulta da perceção de três adolescentes (UC=3) apoiada nos exemplos: “Falo com os meus amigos através das aplicações” J7; “Seria também para estar conectada com os meus amigos, talvez pessoas que estejam mais longe” J8.

Objetivo 5: Perceção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente

O presente objetivo, Perceção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente, na entrevista com o/a adolescente, tem como propósito conhecer a sua perceção sobre a utilização que o/a próprio/a faz das tecnologias (tipo, grau de conhecimento e tempo despendido – resultados de carácter

informativo já apresentados anteriormente) Além desses dados, os/as adolescentes apresentam as suas respostas, mais concretamente, os seus comportamentos e sentimentos caso não pudessem aceder à Internet durante uma semana. As suas respostas foram reunidas em três categorias: Comportamentos; Sentimentos e Contexto.

Categoria 1: Comportamentos

A categoria 1, Comportamentos, põe em evidência a reação dos/as adolescentes face à possibilidade de não terem Internet durante uma semana pressupondo estes/as que iriam acomodar-se à situação.

Quadro 31 - Categoria 1: Comportamentos

Categoria	UR	UC
Adaptação	5	5

O Quadro 31 - Categoria 1: Comportamentos, possui uma subcategoria. Cinco adolescentes (UC=5) indicaram que, caso não tivessem Internet durante uma semana adaptar-se-iam: “Já tive e não é tão difícil (...) porque basicamente eu não estou sempre agarrada ao telemóvel” J3; “Ah, já aconteceu. Sente-se falta mas não é uma coisa obrigatória à vida” J11.

Categoria 2: Sentimentos

A categoria 2, Sentimentos, expõe os sentimentos, por parte dos/as adolescentes, que poderiam estar associados à impossibilidade de acederem à Internet durante uma semana. Nesta categoria, sobressaem 4 subcategorias de sentimentos (indiferença, aborrecimento, vazio e alívio)

Quadro 32 - Categoria 2: Sentimentos

Subcategoria	UR	UC
Indiferença	5	5
Aborrecimento	2	2
Vazio	1	1
Alívio	1	1

O Quadro 32 - Categoria 2: Sentimentos, apresenta 4 subcategorias: A subcategoria *Indiferença* expõe um tipo de sentimento por parte dos/as adolescentes

que evidencia que permaneceriam insensíveis face à impossibilidade de acederem à Internet durante uma semana. Cinco adolescentes (UC=5) fizeram referência justificando o surgimento desta subcategoria com os seguintes exemplos: “Acho que igual mas, um bocado desatualizada (...) mas igual. Não fazia diferença” J14_1; “Acho que não me ia fazer muita diferença” J2. A subcategoria *Aborrecimento* reúne a percepção de dois adolescentes (UC=2): “Aborrecimento talvez, muito provavelmente” J4; “Um bocado aborrecido porque chega a altura, apetece-me fazer alguma coisa no computador ou com outra (...) e, como não posso, fico aborrecido” J7; e, a subcategoria *Vazio*, um/a adolescente (UC=1) indicou este sentimento, fundamentando: “Sentia-me diferente, a faltar-me qualquer coisa e sempre à procura do telemóvel para ir ver, mas via que não dava e aí que era um caso muito complicado para mim” J10. Na subcategoria *Alívio*, uma adolescente (UC=1) explicou: “Acho que me sentiria mais aliviada do que eu pensava (...) mas acabaria por fazer bem à cabeça, para desanuviar um bocadinho” J9.

Categoria 3: Contexto

A categoria 5, Contexto, põe em evidência a resposta dos/as adolescentes face à ausência da Internet durante uma semana e, esta resposta estaria relacionada com o contexto em que se encontrassem.

Quadro 33 - Categoria 5: Contexto

Categoria	UR	UC
Contexto	2	2

O Quadro 33 - Categoria 3: Contexto, não apresenta subcategorias. A categoria *Contexto* indica que a reação à ausência de Internet dependeria da relevância do contexto e esta resultou das verbalizações de 2 adolescentes (UC=2): “Depende do que estivesse a fazer, de onde estivesse. Se estivesse em casa, ficava mal porque não tinha nada para fazer e pronto. Mas se estivesse de férias, isso não me importava” J14_2; “Quando vou para o Algarve, tenho Internet disponível no telemóvel, mas não a uso e não sinto grande necessidade disso” J6.

Objetivo 6: As Novas Tecnologias na Interação Familiar

O objetivo 6, As Novas Tecnologias na Interação Familiar tem por objetivo: (i) identificar a presença de tecnologias em momentos de interação familiar e (ii) identificar o modo como as tecnologias utilizadas pelo/a adolescente influenciam a interação da família.

Com vista a identificar a presença de tecnologia em momentos de interação familiar surgiram duas categorias: *Momentos em Família Sem Tecnologias* e *Momentos em Família Com Tecnologias*. De acordo com a percepção dos/as adolescentes entrevistados/as foi possível destacar duas categorias: *Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias* e *Momentos de Interação Familiar com Tecnologias*.

Categoria 1: Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias

A categoria 1, Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias agrupa as percepções dos/as adolescentes relativamente aos momentos de interação familiar que não incluem tecnologias.

Quadro 34 – Categoria 1: Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias

Subcategorias	UR	UC
Refeições	7	7
Lazer	10	10
Conversa	8	11

O Quadro 34 - Categoria 1: Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias apresenta as respetivas subcategorias: a subcategoria *Refeições* reúne as percepções de sete adolescentes (UC=7) ilustradas da seguinte forma: “Estamos tão pouco tempo juntos, são as refeições e mais nada” J5; “Quando estamos juntos é mais ao jantar, falamos, dizemos piadas” J8; a subcategoria *Lazer* apresenta as verbalizações de dez adolescentes (UC=10): “Vamos sair ou ficamos cá em casa” J12; “Jogamos um jogo juntos e, às vezes, vamos para fora” J3; e, a subcategoria *Conversa*, oito entrevistados/as (UC=11) justificaram a sua escolha dizendo: “Costumamos conversar, discutir sobre coisas que tenham acontecido durante o dia” J10; “Ficamos cá em casa a conversar” J14_1.

Categoria 2: Momentos de Interação Familiar Com Tecnologias

A categoria 2, Momentos de Interação Familiar com Tecnologias, refere-se aos momentos familiares em que, segundo as percepções dos/as adolescentes, a família está reunida e interage realizando atividades que incluem tecnologias.

Quadro 35 – Categoria 2: Momentos de Interação Familiar Com Tecnologias

Subcategorias	UR	UC
Refeições	12	12
Entretenimento	10	10

De acordo com o Quadro 35 - Categoria 2: Momentos de Interação Familiar Com Tecnologias, são identificadas duas subcategorias que fazem referência aos momentos de interação familiar em presença de tecnologias. Ao nível das refeições, as tecnologias utilizadas são a televisão e o telemóvel. Deste modo, a subcategoria *Refeições* surge das verbalizações de doze adolescentes (UC=12) que ilustraram: “Às vezes, o telemóvel ali por perto” J10; “Só a televisão na sala a fazer assim um barulho de fundo, caso esteja alguma notícia” J13; “A televisão, mas normalmente não lhe damos atenção” J4. A subcategoria *Entretenimento* reúne a perceção de dez adolescentes (UC=10): “Vemos filmes juntos” J9; “Às vezes, puxo por eles [pai e mãe], gosto que eles vejam o Quem Quer Ser Milionário comigo para ver se adquirimos alguma cultura geral” J11.

Ainda no objetivo 6 – As Novas Tecnologias na Interação Familiar, apresentam-se as categorias surgidas das respostas referentes ao objetivo: identificar o modo como as tecnologias utilizadas pelo/a adolescente influenciam a interação da família. As categorias identificadas resultam da perceção dos/as adolescentes relativamente à relação entre o tempo que despendem com novas tecnologias e a comunicação/interação destes/as com a família e, também perante a possibilidade da inexistência de tecnologias.

Quanto à relação entre o tempo que despendem com novas tecnologias e a comunicação/interação destes/as com a família foram identificadas duas categorias, nomeadamente, Relação Negativa e Relação Neutra.

Categoria 1: Relação Negativa

A presente categoria expõe a perceção negativa dos/as adolescentes face à relação entre o tempo que despendem com tecnologias e a comunicação/interação com a família, demonstrando que as tecnologias parecem dificultar a interação com a família.

Quadro 36 - Categoria 2: Relação Negativa

Subcategoria	UR	UC
Diminuição da Comunicação	7	7

Segundo o Quadro 36 - Categoria 1: Relação Negativa, esta comporta uma subcategoria: *Diminuição da Comunicação*, que surge da verbalização de sete adolescentes (UC=7) e apresenta-se como exemplo: “Se calhar corta um bocadinho (...) Às vezes, em vez de estar no telefone, podia estar mais tempo com eles [pai e mãe]” J9; “Influencia um bocado porque a televisão está ligada e porque às vezes, quando

estamos todos no sofá (...) ou o meu pai está a ver televisão e a minha mãe está no computador ou eu estou no telemóvel e não estamos a comunicar” J3.

Categoria 2: Relação Neutra

A categoria 2 - Relação Neutra reúne a percepção dos/as adolescentes sobre as tecnologias considerando que estas não influenciam positiva ou negativamente a comunicação que têm com a sua família.

Quadro 37 - Categoria 3: Relação Neutra

Categoria	UR	UC
Relação Neutra	8	8

Pelo que é visível no Quadro 37 - Categoria 2: Relação Neutra, esta categoria não possui subcategorias. Oito adolescentes (UC=8) fizeram referência justificando o surgimento desta categoria com os seguintes exemplos: “No meu caso, acho que não influencia muito porque, quando não ligava muito às tecnologias também não falava muito com eles [pai e mãe] J13; “Não influencia porque as pessoas que são viciadas nisso só vivem para essas coisas e, eu sei usar as coisas moderadamente e sei quando devo jogar e por quanto tempo e quando é que chega” J5.

Continuamente, as seguintes categorias dizem respeito à percepção dos/as adolescentes sobre como seria a comunicação com o pai e com a mãe caso as tecnologias fossem inexistentes. Aqui, emergiram duas categorias, a Comunicação Igual e a Comunicação Diferente face à possível inexistência de tecnologias.

Categoria 1: Comunicação Igual

A categoria 1, Comunicação Igual, evidencia que, mesmo sem a presença das tecnologias, a comunicação entre os/as adolescentes entrevistados/as e o seu pai e a sua mãe manter-se-ia igual.

Quadro 38 – Categoria 1: Comunicação Igual

Categoria	UR	UC
Comunicação Igual	4	4

O Quadro 38 - Categoria 1: Comunicação Igual, demonstra que, mesmo sem tecnologias, a comunicação entre os/as adolescentes e seu pai e sua mãe manter-se-ia

igual. Nesta categoria não existem subcategorias e a mesma surge da percepção de quatro adolescentes (UC=4): “Acho que seria praticamente igual, não sei, acho que sim, seria igual” J14_2; “Não dava para falar à distância, mas quando estamos perto, não seria muito diferente não” J6.

Categoria 2: Comunicação Diferente

A categoria 2, Comunicação Diferente, evidencia que, de acordo com a percepção dos/as adolescentes, haveria uma comunicação diferente entre os/as adolescentes e o seu pai e a sua mãe, caso as tecnologias fossem inexistentes. A diferença poderia revelar-se numa Melhoria na Comunicação ou numa Reorganização do Planeamento das Rotinas.

Quadro 39 – Categoria 2: Comunicação Diferente

Subcategorias	UR	UC
Melhoria da Comunicação (Maior Comunicação)	8	8
Reorganização do Planeamento das Rotinas	3	3

O Quadro 39 - Categoria 2: Comunicação Diferente, apresenta as duas subcategorias que resumem a opinião dos/as adolescentes sobre como seria diferente a comunicação com o pai e a com a mãe, em contexto de inexistência de tecnologias: A subcategoria *Melhoria da Comunicação* reúne as percepções de oito adolescentes (UC=8): “Era muito mais aberta, de certeza absoluta (...) se não tivesse o telemóvel provavelmente iria contar à minha mãe porque é a pessoa mais perto e não tinha assim um meio para falar com as amigas” J2; “Era boa porque assim, se não houvesse tecnologia, podia falar com os meus pais sempre, estar sempre a falar das coisas, em vez de estarmos a olhar para a televisão, podíamos estar a falar e dar passeios e isso tudo” J3. A subcategoria *Reorganização do Planeamento das Rotinas* apresenta verbalizações de três adolescentes (UC=3), sendo justificada pelas afirmações: “Em termos do meu dia teria que ser melhor planeado porque depois não ia fazer chamadas (...) e enviar mensagens a avisar que vou para ali. Tinha que planear logo tudo” J8; “Acho que a única diferença é que ficava mais tempo à porta da escola ou assim quando saía mais cedo, ou para avisar de qualquer coisa” J1.

Objetivo 7: Opinião sobre a Frase “O Pai e a Mãe Utilizam os Média como Baby-Sitter”

O presente objetivo pretende conhecer a opinião dos/as adolescentes sobre a frase “O Pai e a Mãe Utilizam os Média como Baby-Sitter” tentando compreender qual a leitura que fazem da mesma. Do conteúdo das respostas obtidas, surgiram duas categorias: Tecnologias (os Média) como Recurso Positivo e Tecnologias (os Média) como Recurso Negativo.

Categoria 1: Tecnologias (os Média) como Recurso Positivo

A categoria 1, Tecnologias (os Média) como Recurso Positivo, reúne a percepção dos/as adolescentes entrevistados/as sobre os média enquanto recurso positivo. Os média são percebidos como um recurso positivo na medida em que permitem monitorizar os movimentos dos/as filhos/as adolescentes e verificar se se encontram numa situação “segura” ao mesmo tempo que se mantêm entretidos/as. Desta categoria resulta uma única subcategoria.

Quadro 40 - Categoria 1: Tecnologias (os Média) como Recurso Positivo

Subcategoria	UR	UC
Monitorização dos Movimentos	2	2

Pelo que se constata no Quadro 40 - Categoria 1: Tecnologias (os Média) como Recurso Positivo, os média, pela percepção dos/as adolescentes, são um/uma baby-sitter que presta algum serviço aos/às pais/mães. Nesta *subcategoria Monitorização dos Movimentos* estão reunidas as percepções de dois adolescentes (UC=2) que afirmam: “O pai pode saber onde é que está o filho, pode falar com o filho a qualquer hora (...) e também [o pai e a mãe] podem saber como é que nós estamos, onde é que estamos, é mais fácil” J11.

Categoria 2: Tecnologias (os Média) como Recurso Negativo

A categoria 2, Tecnologias (os Média) como Recurso Negativo, apresenta a percepção dos/as adolescentes considerando que os média são um recurso negativo uma vez que resultam em alguns aspetos desfavoráveis à interação familiar e ao desenvolvimento equilibrado das crianças e dos adolescentes. Desta categoria resultam três subcategorias.

Quadro 41 - Categoria 2: Tecnologias (os Média) como Recurso Negativo

Subcategorias	UR	UC
Impacto Negativo nas Crianças e Adolescentes	8	8
Impacto Negativo na Comunicação Familiar	5	5
Regulação do Comportamento	5	5

No Quadro 41 - Categoria 2: Tecnologias (os Média) como Recurso Negativo, estão reunidas três subcategorias: a subcategoria *Impacto Negativo nas Crianças e Adolescentes* agrupa a percepção de oito adolescentes (UC=8): “Isso não gosto, acho que isso é mau porque na minha infância também não tive isso e acho que as crianças hoje em dia têm esse problema” J14_2; “Acho que as pessoas não deviam, por exemplo, desperdiçar a infância delas com tecnologias, mas sim com outras pessoas, a socializar com outras pessoas” J14_1. A segunda subcategoria, *Impacto na Comunicação Familiar*, integra as verbalizações de cinco adolescentes (UC=5): “Não falam com as pessoas, estão sempre ligadas aquele “coisinho” assim pequenino ali sempre a jogar e isso prejudica muito também na relação com os pais” J2; “Acho que a questão de haver informação e tudo, de alguma forma, os/as adolescentes perdem a necessidade de aprender com os pais porque as coisas já estão na Internet” J6. A subcategoria *Regulação do Comportamento* reúne a percepção de cinco adolescentes (UC=5) que ilustraram: “Temos vários amigos dos meus pais, quando vêm cá jantar (...) os filhos deles usam bastante (...) tecnologias para sossegar os filhos” J1; “As crianças estão no supermercado e fazem uma birra, o pai dá-lhe o telemóvel e a criança cala-se. Acho que isso é muito errado, poderiam ser através de palavras e não através de um telemóvel ou através de um *Tablet*” J10.

Após a apresentação dos resultados recolhidos através das entrevistas das mães e dos/as adolescentes, seguir-se-á para a análise e discussão dos mesmos, conciliando com a revisão da bibliografia.

Capítulo V: Análise e Discussão dos Resultados

No presente capítulo pretende-se analisar e interpretar os dados obtidos, considerando os objetivos formulados inicialmente, através da discussão dos mesmos. Proceder-se-á à confrontação dos resultados da investigação com a informação considerada no enquadramento teórico, permitindo uma melhor compreensão da mesma. A análise e a discussão dos resultados seguirá a ordem de apresentação dos objetivos tal como expostos no ponto anterior, o da apresentação dos resultados.

Objetivo 3 – Tecnologias Utilizadas pela Família

O presente objetivo, composto por resultados puramente estatísticos, tem como objetivo identificar as tecnologias utilizadas pela família bem como a sua distribuição, de modo a compreender até que ponto a interação familiar pode ser facilitada ou dificultada pelas tecnologias e a sua distribuição.

Ao nível das tecnologias presentes nas residências, as mães entrevistadas referiram ter em sua casa tecnologias como a televisão, o computador, a *Playstation*, a *Wii*, o *Tablet*, o *iPod* e o *iPad*. Em termos de distribuição, a maioria das mães referiu que as televisões encontram-se essencialmente nos quartos e na sala de estar; o computador fixo pode encontrar-se em várias divisões, especialmente nos quartos e no escritório; o computador portátil, devido à sua portabilidade, é a tecnologia que mais circula pela casa, bem como o *Tablet*, o *iPod* e o *iPad*; e, a *Playstation* e a *Wii* encontram-se preferencialmente na sala. Todavia, algumas mães indicaram a presença da *Playstation* no quarto do/a adolescente.

Relativamente à localização da televisão na sala, tal parece estar em concordância com a investigação de Rideout, Foehr e Roberts (2010) e Jordan, Hersey, McDivitt e Heitzler (2006, como citado em Villegas, 2013) onde se confirma que 98% das famílias têm televisão na sala de estar. A forte indicação da televisão pela maioria das mães entrevistadas pode relacionar-se com o facto de terem pertencido à *TvGeneration*, em que a televisão era e continua a ser a tecnologia por excelência que as acompanha desde há muito (Villegas, 2013). Segundo o mesmo autor, o número de televisões em casa e a própria localização destes aparelhos, possivelmente, molda a forma como os membros da família interagem (Villegas, 2013).

Quanto à *Playstation*, algumas mães declararam que esta tecnologia e outros jogos como a *Wii* estão fundamentalmente na sala, ou seja, num espaço comum em que a interação com os membros da família pode ser facilitada. Tal decisão pode dever-se à tentativa de impedir o isolamento dos/as adolescentes por parte da mãe e do pai, desenvolvendo em simultâneo a interação social entre a família (Redmont, 2010). Na

mesma linha, a Entertainment Software Association (2014) demonstra que os pais e as mães consideram que os videojogos encorajam a família a passar tempo junta, podendo corroborar a hipótese de que esta tecnologia é benéfica.

Quanto à identificação das tecnologias pelos/as adolescentes, estes/as apontaram as mesmas que as mães, acrescentando apenas o telemóvel. Ao nível da distribuição das tecnologias parece não existir convergência com os resultados das mães no que respeita à localização da televisão na sala e nos quartos, uma vez que poucos/as adolescentes a assinalaram nos mesmos espaços. Por seu lado, o número de adolescentes que referiu o computador fixo no quarto, o computador portátil e o *Tablet* a circular pela residência está em concordância com a identificação que as mães fizeram das mesmas tecnologias. Uma outra tecnologia que está igualmente no quarto de alguns/as adolescentes é a *Playstation*, que concorre com a informação mencionada pelas mães. O telemóvel do/a adolescente, ou está no seu quarto ou então acompanha-o/a para qualquer divisão.

Ao longo da análise dos resultados do objetivo 3, houve um aspeto que se destacou: a disparidade de perspetivas sobre a localização das tecnologias na residência dos/as entrevistados/as, ou seja, o número de participantes face à localização de tecnologias fixas não ser o mesmo. É natural que, no que respeita a tecnologias portáteis como o computador portátil, o *Tablet*, o *iPad* e o *iPod*, os resultados não sejam semelhantes devido à sua mobilidade. Contudo, tecnologias fixas como as televisões, a *Playstation* e o computador fixo costumam estar num só espaço, ainda assim, as respostas das mães e dos/as adolescentes divergem. Uma possibilidade que pode estar na base desta realidade é o facto de, no momento das entrevistas, as mães e os/as adolescentes não se terem lembrado de determinadas tecnologias presentes em casa, resultando na divergência de dados entre os/as entrevistados/as (mães e filhos/as). Adicionalmente, pode pensar-se sobre a possibilidade de os/as entrevistados/as não terem indicado determinadas tecnologias devido ao número elevado de tecnologias existentes nas residências.

Os resultados obtidos, que perspetivam os quartos como espaços repletos de tecnologias (e.g., computador, televisão, *Playstation*), vão de encontro ao fenómeno de “Cultura de Quarto” (Bovill & Livingstone, 2001), uma vez que este pode contribuir para o isolamento dos/as adolescentes durante o seu tempo de lazer, que poderia ser aproveitado juntamente com a família nuclear. Segundo Church, Weight, Berry e MacDonald (2010), com a introdução das tecnologias nas residências, a interação familiar pode estar condicionada pela disposição e portabilidade das mesmas e, o facto dos quartos das crianças e dos/as adolescentes europeus estarem cada vez mais equipados de tecnologias (Bovill & Livingstone, 2001) pode desencadear um isolamento

destes/as face à sua família, diminuindo a interação entre os seus membros. Pode ainda reforçar-se que para Livingstone (2006), enquanto a “Cultura de Quarto” ganhou terreno, a “Cultura de Rua” perdeu a importância que mantinha anteriormente, visto que os/as adolescentes passam mais tempo em casa do que na rua.

A presença de tecnologias nos quartos dos/as adolescentes pode contribuir para o isolamento destes/as face à interação com os restantes membros da família: (i) o computador fomenta uma atividade solitária que é percebida como prejudicial às relações familiares (Lanigan, Bold & Chenoweth, 2009); (ii) Vitalari, Venkatesh e Gronhaug (1985) determinam que, no que respeita à utilização do computador portátil, os/as adolescentes despendem de muito tempo sozinhos/as e de menos tempo com a família e amigos/as, uma vez que podem transportar o computador para o seu quarto e utilizá-lo quando desejam; (iii) face ao uso individualizado do telemóvel, Lueck (1998, como citado em Hameededdin, 2010) salienta o facto de esta tecnologia ter várias funcionalidades que podem ser prejudiciais por os/as adolescentes focarem intensamente a sua atenção nos telemóveis, conduzindo igualmente ao isolamento; (iv) e, para Redmont (2010), as horas passadas a jogar videojogos, especialmente os de carácter mais violento, podem ser associados a uma diminuição na comunicação dos/as adolescentes com os/as irmãos/ãs.

Deste modo, é evidente que as tecnologias e a sua distribuição nas residências podem ter um impacto significativo na forma como os membros de uma família se organizam e interagem no quotidiano, pois o local onde estão colocadas pode ser um fator determinante na forma como os/as adolescentes se relacionam com a família nuclear.

Objetivo 4 - Importância das Tecnologias Pela Família e a Importância da Internet no/a Adolescente

Este objetivo pressupõe identificar a importância e a utilização das tecnologias bem como a importância da Internet no/a adolescente segundo a perspectiva das mães e dos/as adolescentes entrevistados/as.

Numa primeira leitura e análise dos resultados, verifica-se que as categorias que reúnem as percepções das mães e dos/as adolescentes sobre o objetivo são semelhantes, ou seja, o lazer e entretenimento e a formação e informação, com exceção da categoria comunicação que emergiu apenas das percepções das mães. Primeiramente, no que se refere à importância que as mães atribuíram às tecnologias verificou-se que uma parte considerou que estas são essencialmente importantes ao nível da comunicação, por facilitarem o contacto entre as pessoas e facilitarem o acesso a informação pública. Moreno e Cataño (2010) revelam que as novas tecnologias têm

como principal propósito a comunicação e ajudam a manter as relações nas sociedades contemporâneas, onde as distâncias e os fusos horários não permitem a coexistência físico-espacial. Além disso, Leung (2007) e Arza (2010) referem que as tecnologias como a televisão, o computador e a Internet são tecnologias que possibilitam o acesso à informação mundial, sem ter que sair de casa. A título de exemplo, a entrevistada E12 refere que utiliza as tecnologias essencialmente para ver os telejornais.

No que respeita ao lazer e ao entretenimento, estes são para as mães e para os/as adolescentes atividades possibilitadas pelas tecnologias, essencialmente ao nível do visionamento de conteúdos, da ligação a redes sociais, de jogos *online* e da música. Para os/as participantes do estudo, as tecnologias são importantes por permitirem o visionamento de séries, de filmes e de novelas, resultados que estão em concordância com os autores Moreno e Cataño (2010) que afirmam que as tecnologias facilitam o acesso a séries, filmes, programas e publicidade. Além disso, esta atividade, através da televisão, do computador ou da Internet, poderá ser realizada conjuntamente com os membros da família, contribuindo para a interação familiar.

Hoje em dia, a ligação a redes sociais adquiriu uma importância fugaz para os/as seus/as utilizadores/as e, face aos resultados do estudo, é possível verificar que esta subcategoria resultou das percepções de metade das mães (UR=8) e dos/as adolescentes (UR=7), por oferecer, segundo Arza (2010), utilidades como procurar pessoas, criar grupos virtuais, ter um perfil, conversar no *chat* e criar e organizar eventos. De acordo com Lenhart e Madden (2007), para os/as adolescentes, as redes sociais são vantajosas por lhes permitirem a oportunidade se apresentarem ao grupo de pares, ter *feedback* e serem aceites através da informação que disponibilizam e, segundo autores/as como Alarcão (2000; 2006), Faria, Sousa Lima e Soares (2013) e outros, o grupo de pares é uma parte imprescindível e com uma importância notória durante a adolescência.

Os jogos *online* são uma outra forma de os/as adolescentes utilizarem diariamente as tecnologias e de interagirem com o seu grupo de pares, jogando em conjunto através do computador. Relativamente à música, a Common Sense Media (2015) conclui na sua investigação que os/as adolescentes ouvem música todos os dias, atribuindo-lhes uma importância significativa.

Para além da comunicação e do lazer e entretenimento, surgiu igualmente o acesso a conteúdos formativos e informativos advindos da importância das tecnologias quer para as mães quer para os/as adolescentes. Segundo as mães, as tecnologias permitem-lhes explorar matérias e ter conhecimento sobre temas que sejam do seu interesse, a nível profissional e/ou pessoal. Para os/as adolescentes entrevistados/as, as tecnologias facilitam a pesquisa, o acesso a matérias e ao conhecimento necessário

para o seu interesse pessoal e para as suas tarefas escolares, auxiliando no estudo e na realização de trabalhos.

Como se referiu anteriormente, a grande maioria das atividades possibilitadas pelas tecnologias referidas pelas mães e pelos/as adolescentes foram a comunicação, o lazer e entretenimento e a formação/informação e, em princípio, subentendem a participação direta da Internet para a sua execução, a quem os/participantes atribuíram importância. O segundo objetivo do objetivo 4 pretendeu conhecer a importância que a Internet tem no/a adolescente segundo a perspectiva das mães e dos/as próprios/as adolescentes. Para as mães, a Internet apresenta duas facetas no/a adolescente: por um lado é vantajosa ao nível da pesquisa e do conhecimento, do contacto e da proximidade entre pessoas, do estudo, da escolha da profissão do/a adolescente e também do lazer; por outro lado, é desvantajosa por ser acompanhada de perigos e por possivelmente contribuir para o desenvolvimento de uma dependência. Curiosamente, os/as adolescentes consideraram que a Internet é importante por possibilitar atividades semelhantes às que as mães referiram, isto é, comunicação, lazer e entretenimento e informação e estudo.

No âmbito da comunicação, as mães entrevistadas e os/as adolescentes consideraram que a Internet pode ser altamente facilitadora ao nível do contacto entre os membros de uma família e com outros indivíduos. Wellman, Haase, Witte e Hampton (2001) concluem que a Internet é importante no que diz respeito aos contactos sociais próximos e distantes com a família e com os/as amigos/as, tornando-se fundamental para uma comunicação imediata. Esta tecnologia também possibilita atividades de lazer e de entretenimento que, segundo Arza (2010) pode possibilitar o acesso a redes sociais e a jogos *online*. Por fim, as atividades de formação/informação e informação e estudo podem coincidir com a importância que Mesch (2003) atribui à Internet relativamente à aprendizagem e à pesquisa de conteúdos.

Na revisão da literatura, destacam-se autores/as como Lam, Peng, Mai e Jing (2009) que perspetivam a Internet como um modo de descontração face ao stresse e às experiências geradoras de tensão e, para Arza (2010) a Internet é vantajosa por permitir uma comunicação rápida, cómoda e simples com o grupo de amigos/as próximo e com pessoas que estejam em qualquer parte do mundo. Segundo Lenhart, Rainie e Lewis (2001), 87% dos pais e das mães, que participaram numa investigação sobre a Internet, revelaram que esta tecnologia ajuda os/as filhos/as na escola, ao nível do estudo e da pesquisa. Os/as mesmos/as autores/as confirmam que, para os/as adolescentes, a Internet é uma fonte de informação, sendo-lhes útil para o entretenimento e ainda como uma ferramenta para a comunicação social (Lenhart, Rainie e Lewis (2001)

Ainda, os resultados parecem estar enquadrados nas estatísticas nacionais, pois de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE) (2015), para os/as adolescentes a Internet adquire uma importância por permitir o acesso a jogos *online*, a programas de *downloads* de jogos, de imagens, de filmes ou de músicas, a gestão da conta bancária, a ligação a redes sociais e ao armazenamento de documentos.

Por outras palavras, a Internet parece apresentar um impacto positivo dentro da família nuclear e alargada por conceder um contacto mais próximo e frequente entre os seus membros (DiMaggio, Hargiyyai, Neuman & Robinson, 2001), sendo um complemento à comunicação entre a família, por possibilitar a concretização de atividades como a pesquisa e a aprendizagem de conteúdos (Mesch, 2003) e a integração dos membros da família em atividades de lazer e de entretenimento (Kiesler, Zdaniuk, Lundmark & Kraut, 2000).

Apesar de ser vantajosa em diversas atividades dos/as filhos/as, para as mães participantes no presente estudo, a Internet pode ser altamente desvantajosa por viabilizar o acesso a perigos e por os/as adolescentes poderem desenvolver uma dependência à mesma. Apesar de não ter sido especificado neste estudo, alguns dos perigos da Internet podem passar pela solicitação sexual, pelo *ciber-bullying* e pela adição à Internet (Whitaker & Bushman, 2009). A solicitação sexual é uma das preocupações maiores dos pais e das mães relativamente ao uso da Internet por parte dos/as filhos/as e, a investigação de Mitchell, Wolak e Finkelhor (2007) demonstra que 13% a 19% dos/as adolescentes que usam Internet, já experienciaram alguma forma de solicitação sexual. Quanto ao *ciber-bullying*, este inclui assédio através de mensagens instantâneas e de emails, publicação de falsos rumores em espaços virtuais como redes sociais e a criação de *websites* insultuosos (Whitaker & Bushman, 2009). Relativamente à adição à Internet, Xu et al., (2014), definem-na como a incapacidade para controlar o uso da Internet, em que o indivíduo apresenta uma dependência em estar frequentemente *online* ou então estar dependente de algo mais concreto, como uma funcionalidade *online* específica, tal como assistir a pornografia, a jogos *online* e ainda o jogo compulsivo (Whitaker & Bushman, 2009). Para Xu et al., (2014) esta adição pode apresentar sintomas como a abstinência, a preocupação, a intolerância e os prejuízos funcionais significativos.

Ao analisar os resultados deste segundo objetivo, é possível averiguar que, para as mães e para os/as adolescentes, as tecnologias permitem a execução de atividades em vários âmbitos como a comunicação, o lazer e entretenimento e a formação/informação. Por sua vez, a Internet revela uma importância significativa no/a adolescente por ser a força motriz de muitas das atividades anteriormente referidas pelos/as participantes. O facto de as mães e dos/as adolescentes terem indicado as

mesmas atividades realizadas pelas tecnologias pode relacionar-se com a possibilidade de os interesses de ambos serem semelhantes, originando-se portanto um espaço de interação entre eles/as. Outra hipótese a considerar pode ser o facto de as mães usarem as tecnologias tanto ou mais do que os/as próprios/as adolescentes, sendo a partir daí que estes/as iniciaram e aprenderam o contacto com tecnologias. De acordo com o estudo de Lenhart, Rainie e Lewis (2001), os pais e mães declaram que sentiriam muita falta da Internet, caso esta lhe fosse negada. Hoje em dia, as mães do século XXI são designadas “Mães Milénio” por uma das suas características ser encarar as tecnologias como algo natural, “(...) quase intrínseco a si próprias” (Pais, 2015, p.2). No que respeita à Internet, para estas mães, estar *online* é algo fundamental à sua rotina e à gestão diária da mesma, tornando-se a Internet uma ferramenta que as ajuda a manter o controlo das suas vidas (Pais, 2015). Numa tentativa de ilustrar esta realidade, a entrevistada E7 referiu na sua entrevista: “(...) custa-me dizer “o meu melhor amigo é o Google”, o ter uma dúvida e poder chegar ali e explorá-la, ou seja, para mim, a internet é uma grande fonte de enriquecimento cultural”.

Em suma, as tecnologias desempenham um papel fundamental nas atividades diárias de comunicação, de lazer e entretenimento e de formação/informação das mães e dos/as adolescentes entrevistados/as. Associado a estas atividades está a Internet que funciona como uma força motriz e, que atualmente detém um carácter indispensável, apesar das vantagens e das desvantagens que comporta no/a adolescente.

Objetivo 5 - Perceção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente

Neste objetivo objetivou-se conhecer a perceção das mães e dos/as adolescentes acerca da utilização de tecnologias pelo/a filho/a adolescente (tipo, grau de conhecimento e tempo despendido), a comparação que as mães e os/as adolescentes fazem acerca do conhecimento de ambos sobre as tecnologias, a perceção das mães e dos/as adolescentes face ao tempo destes/as últimos/as com tecnologias, bem como a opinião dos/as adolescentes sobre como seria estar uma semana sem Internet.

Um dos objetivos deste objetivo relacionou-se com o interesse em conhecer qual a tecnologia mais utilizada para os/as adolescentes entrevistados/as e, na perspetiva das mães, qual a tecnologia mais utilizada pelo/a filho/a adolescente numa tentativa de perceber se existe conformidade. Pelo que é visível no Quadro 4 – Anexo VII, as tecnologias preferencialmente utilizadas pelo/a filho/a adolescente de acordo com as

mães são o telemóvel, o computador, a televisão, a *Playstation* e o *Tablet*, seguindo esta ordem de importância. Quando se questionou os/as adolescentes sobre o tipo de tecnologia utilizada, a maioria respondeu o telemóvel, seguido do computador que foi mencionado por um número reduzido de adolescentes (Quadro 23 – Anexo XI). Através da comparação destes dois quadros, é possível verificar que existem semelhanças pois o telemóvel e o computador são as tecnologias que mais se destacam; além disso, pode significar que as mães conhecem os gostos dos/as filhos/as bem como as tecnologias maioritariamente utilizadas por estes/as.

Para Howkins (1987 como citado em Morisson & Krugman, 2001) os resultados apresentados podem justificar-se por o telemóvel e o computador serem tecnologias que entretêm e facilitam a privatização de atividades sociais, longe da supervisão parental. Numa tentativa de ilustrar a importância atribuída ao telemóvel como tecnologia mais utilizada, a adolescente J10 comentou que passa muitas horas ao telemóvel, tornando-se uma atividade “muito viciante”. Partindo desta afirmação, é possível inferir que esta adolescente parece ter uma relação muito importante com o seu telemóvel, admitindo que pode revelar-se num vício.

Os resultados dos Quadros 4 e 23 parecem não estar em concordância com os de um conjunto de autores/as que considera que atualmente a televisão ainda é a “rainha” das tecnologias para os/as adolescentes. Pode verificar-se através dos resultados do presente estudo que atualmente a televisão tem perdido importância em comparação com outras tecnologias como o telemóvel, o computador e a Internet, contrariando o autor Villegas (2013) que, na revisão da literatura, enfatiza ser a televisão a tecnologia predileta dos/as adolescentes no seu tempo de lazer. Na mesma linha, Aran, Barata, Busquet, Medin e Moron (2003) referem que a televisão é a tecnologia com a qual os/as adolescentes ocupam uma parte significativa do seu tempo, bem como a Common Sense Media (2015) que indica na sua investigação que a televisão é uma das tecnologias eleitas pelos/as adolescentes, seguida do computador que permite o acesso a variadíssimos conteúdos, desde que exista Internet (Rideout, Foehr & Roberts, 2010). Para estes/as autores/as parece que a televisão é a tecnologia por excelência para os/as adolescentes, contudo os resultados deste estudo demonstram que o telemóvel e o computador (associados à Internet) são as tecnologias preferidas e mais utilizadas.

Uma possibilidade que pode estar na base do desencontro de perceções dos/as autores supramencionados/as com os resultados do presente estudo pode relacionar-se com o facto de, nos últimos anos, as tecnologias terem adquirido um significado e funções essenciais à rotina dos/as adolescentes, que anteriormente não se verificava (Arza, 2010). As tecnologias são essenciais nos domínios social e académico dos/as

adolescentes atuais, onde o computador é utilizado para a pesquisa e para o estudo e o telemóvel para a comunicação com o grupo de pares e com a família (Prados, Vicent & Estebán, 2014). Enquanto para os/as adolescentes de outras gerações, mais concretamente da *TvGeneration* (Cardoso, Espanha & Lapa, 2008), a televisão era a tecnologia que permitia conhecer o mundo e proporcionava momentos de entretenimento como o assistir a programas televisivos e, a “Cultura de Rua” facilitava os contactos sociais com o grupo de pares e os demais (Prados, Vicent & Estebán, 2014).

No enquadramento teórico do presente estudo é referido que, hoje em dia, a televisão perdeu alguma importância junto dos/as adolescentes e, autores/as como Rideout, Foehr e Roberts, (2010) foram mais precisos/as e relatam que cerca de 48% dos/as adolescentes dizem ver televisão online e, que no *YouTube* podem encontrar cenas retiradas de programas ou séries e fazer *downloads* de numerosos conteúdos já emitidos na televisão. Isto sugere que a televisão não é tão relevante para os/as adolescentes entrevistados/as, visto existirem alternativas à mesma através de outras tecnologias (e.g., ver televisão na Internet) (Arza, 2010). Para além de ser possível assistir a conteúdos televisivos em outras tecnologias, a televisão obteve um decréscimo do seu consumo por parte dos/as adolescentes que se pode fundamentar pelo crescente desinteresse que estes/as têm vindo a atribuir a esta tecnologia. Ao nível do ciclo de desenvolvimento, Arza (2010) infere que não é, necessariamente, durante a adolescência que se assiste mais televisão, observando-se uma ligeira diminuição do consumo e, posteriormente, com o decorrer da idade, evidencia-se um crescimento significativo do uso desta tecnologia.

No que concerne à comparação do conhecimento sobre tecnologias entre as mães e os/as adolescentes entrevistados/as (Anexos VIII e XII), revelou-se que ambos/as concordam serem os/as adolescentes quem detém maior conhecimento. A literatura que suporta estes resultados expõe o fenómeno de “Divisão Digital” que, segundo Aarsand (2007) e Segatto e Dal Ben (2013) corresponde à diferença entre aqueles/as que sabem e aqueles/as que não sabem como agir num ambiente digital. A investigação de Lenhart, Rainie e Lewis (2001) indica que os/as adolescentes referem que sabem muito mais sobre a Internet do que o pai e a mãe, sendo que 66% dos pais e das mães entrevistados/as concordam com os/as adolescentes. Segundo Aarsand (2007), na “Divisão Digital”, os/as mais novos/as são considerados/as especialistas no mundo das tecnologias, enquanto os adultos como alguém menos experiente. Adicionalmente, Tapscott (1998, como citado em Aarsand, 2007) declara que, neste contexto, existe um conhecimento assimétrico entre pais, mães e filhos/as, em que os/as progenitores/as parecem não ser capazes de lidar com as novas tecnologias do mesmo

modo que a população mais nova. Como ilustração, o/a entrevistado/a J1 alegou que sabe mais que o pai e que a mãe uma vez que os telemóveis surgiram na sua “era” e, em sua casa, é ele o especialista de tecnologias que auxilia o pai e a mãe quando existem dificuldades na lidação com estas.

Para além das mães e dos/as adolescentes terem admitido que os/as mais novos/as detêm um maior conhecimento sobre tecnologias, houve um número reduzido de mães que acrescentou ter um conhecimento semelhante ao do/a filho/a, que se pode justificar por o/a adolescente mostrar pouco interesse sobre tecnologias. O mesmo aconteceu com um/a dos/as adolescentes entrevistados/as que declarou ter um conhecimento equivalente ao do pai e ao da mãe por não possuir muito interesse nas tecnologias.

No que diz respeito à perceção das mães e dos/as adolescentes sobre o tempo que estes/as despendem com tecnologias, parecem haver opiniões distintas (Anexo IX), pois os resultados das mães são de natureza qualitativa, enquanto os resultados dos/as adolescentes são de natureza quantitativa. Para a maioria das mães, o/a filho/a depende de muito tempo com tecnologias, justificando que esse tempo poderia ser aproveitado com outras atividades ou com outras pessoas, nomeadamente com elas próprias. De acordo com autores/as como Lanigan, Bold e Chenoweth (2009), o uso do computador é prejudicial por retirar tempo ao subsistema parental, bem como obrigar os/as usuários/as a modificarem as suas atividades (Vitalari, Venkatesh & Gronhaug, 1985). Face ao telemóvel, Hameededdin (2010) conclui que os/as seus/as utilizadores/as tornam-se mais isolados/as e despendem de algum tempo com esta tecnologia. Ainda, Mesch (2003) alude que a Internet é uma tecnologia igualmente dispendiosa ao nível do tempo de consumo, podendo prejudicar as relações familiares. Uma pequena parte das mães não foi da mesma opinião e, por isso, julgaram que o tempo que os/as adolescentes despendem com tecnologias é adequado, o que se pode justificar por haver uma delimitação do tempo de utilização das tecnologias por parte dos/as pais e das mães. Ainda, houve uma mãe que referiu a importância do contexto, do momento ou do estado meteorológico como um fator preponderante no tempo despendido pelos/as adolescentes com tecnologias. Para esta mãe o consumo de tecnologias pelo/a filho/a é superior nas férias, comparativamente ao período de aulas.

Quanto à perceção dos/as adolescentes sobre o tempo despendido com tecnologias (Anexo XIII), a maioria respondeu que gasta mais do que duas horas por dia. Rideout, Foehr e Roberts (2010) relatam que crianças e adolescentes, entre os oito e os dezoito anos, passam em média sete horas e meia por dia, sete dias por semana com tecnologias. Alguns/as adolescentes referiram passar duas horas, no máximo, ao computador, enquanto uma minoria afirmou despende menos de duas horas com

tecnologias por dia. Perante os resultados, há que considerar uma série de fatores: no que concerne à utilização de mais de duas horas diárias com tecnologias, pode sugerir que o ano escolar em que os/as adolescentes se encontram exige trabalhos de pesquisa aprofundados e complexos, obrigando-os/as a estar mais tempo com tecnologias, nomeadamente, com o computador e com a Internet. Contudo, a utilização demorada das tecnologias também pode ter a ver com uma maior tolerância parental, onde não existe uma delimitação acentuada do tempo de utilização de tecnologias definidas pelo pai e pela mãe.

No que respeita aos/às adolescentes que despendem de duas ou menos horas por dia com tecnologias, pode inferir-se que estes/as poderão ter um horário de utilização mais restrito, ou por participarem em atividades extracurriculares ou por haver uma delimitação parental maior, que não lhes permite consumir muito tempo com tecnologias. Pode também acrescentar-se a esta lista de possibilidades o facto de os/as entrevistados/as considerarem que o seu tempo pode ser antes despendido com outras atividades, não investindo muito em tecnologias. Sabe-se que grande parte dos/as adolescentes tem atividades extracurriculares, daí ponderar-se uma relação entre o tempo que as mesmas exigem e uma diminuição do tempo com tecnologias. Apenas um/a adolescente referiu que o tempo passado com tecnologias é superior ao fim-de-semana, mais concretamente cinco horas diárias, o que pode relacionar-se com uma maior liberdade de horário para tal, isto é, durante a semana o pai e a mãe podem restringir-lhe o horário com tecnologias devido às atividades escolares e extracurriculares; porém, ao fim-de-semana, parece haver mais disponibilidade para estar com as tecnologias.

Neste objetivo procurou-se também conhecer os comportamentos e sentimentos dos/as adolescentes caso não tivessem Internet durante uma semana e, curiosamente, surgiram comportamentos, sentimentos e condições relativas ao contexto como resposta a este objetivo. Face aos comportamentos, revelou-se que a adaptação seria um dos comportamentos de uma parte dos/as adolescentes relativamente à ausência da Internet durante uma semana. Para Watt e White (1999), Lenhart, Rainie e Lewis (2001) e Mesch (2003), a Internet é uma tecnologia fundamental aos/às adolescentes por lhes permitir a concretização de atividades em diversos âmbitos (i.e., comunicação, informação e estudo e lazer e entretenimento) podendo tornar-se indispensável. Analisando os resultados relativos ao comportamento de adaptação de uma parte dos/as adolescentes entrevistados/as e a revisão de literatura, parece não haver concordância quanto à importância fundamental da Internet referida pelos autores/as acima referidos/as, pois as perceções dos/as adolescentes relevaram que se adaptariam caso não tivessem Internet durante uma semana. Pode associar-se esta

reação dos/as adolescentes entrevistados/as a um uso equilibrado da Internet que lhes permite adaptarem-se adequadamente à sua ausência. Adicionalmente, os resultados do presente estudo também não estão em concordância com uma investigação orientada por Lenhart, Rainie e Lewis (2001), que revela que 65% dos/as adolescentes sentiriam falta da Internet caso deixassem de a usufruir, mesmo que o seu uso fosse pouco frequente.

No que se refere aos sentimentos dos/as adolescentes face à hipotética ausência da Internet, emergiram sentimentos como a indiferença, o aborrecimento, um sentimento de vazio e de alívio que resultaram das verbalizações de alguns/as adolescentes. Apesar de alguns/algumas adolescentes na presente investigação terem mencionado a indiferença, houve quem tivesse referido um sentimento de vazio com a presumível ausência da Internet, vivenciando a sensação de que lhe faltaria qualquer coisa, procurando incessantemente o telemóvel para poder aceder à Internet. A ausência da Internet pode ser uma situação muito difícil para os/as adolescentes que estão em constante contacto com esta tecnologia, fazendo com que sintam falta de estar *online* (Lenhart, Rainie & Lewis, 2001), que por sua vez se pode associar aos sentimentos de vazio relatados pelos/as adolescentes entrevistados/as.

O sentimento de aborrecimento destacou-se igualmente das verbalizações de dois/as adolescentes que consideraram que sem a Internet a sua vida seria aborrecida e, tal pode ser justificado por aquilo que Moreno e Cataño (2010) referem quanto à Internet ser uma ferramenta necessária para os/as seus/as utilizadores/as no âmbito profissional, escolar, da comunicação, do entretenimento e da pesquisa. Arza (2010) considera que para os/as adolescentes a Internet foi integrada nas suas vidas desde muito cedo. Nascidos num mundo em que esta tecnologia já existia, não faz sentido entender a sua existência sem a sua presença. Relativamente ao alívio que foi referido, pode refletir-se sobre a possibilidade do/a adolescente que verbalizou este sentimento ter necessidade de se “desligar” da Internet por algum tempo, provavelmente por estar em constante contacto com a mesma. Talvez por isso, sentiria alívio caso estivesse sem Internet durante uma semana.

Para além destes sentimentos, verificou-se também que, consoante o contexto, o momento ou o estado meteorológico, a ausência da Internet seria experienciada de diferentes formas. Por outras palavras, caso os/as adolescentes estivessem de férias fora de casa, a ausência da Internet não seria tão notada, contrariamente às férias passadas em casa, em que os/as adolescentes teriam de se ocupar com outras atividades que não esta tecnologia.

Através deste objetivo foi possível observar: (i) que as tecnologias “forçam” os/as adolescentes a despendem de algum do seu tempo que poderia ser empregue com outras atividades ou pessoas; (ii) que os/as adolescentes apresentam um conhecimento sobre tecnologias superior ao dos/as seus/as progenitores/as contribuindo para a chamada “Divisão Digital”; (iii) que, face à possibilidade de não terem Internet durante uma semana, os/as adolescentes não reagiriam tão negativamente como seria expectável, tendo em consideração o contexto em que se encontravam.

Objetivo 6 - As Novas Tecnologias na Interação Familiar

Este objetivo pretende identificar, na perspetiva das mães e dos/as adolescentes, a presença das novas tecnologias em momentos de interação familiar e identificar o modo como as tecnologias utilizadas pelo/a adolescente influenciam a interação da família.

Com o propósito de responder ao primeiro objetivo deste objetivo, surgiram duas categorias relativas aos momentos de interação familiar que incluem e que não incluem tecnologias, quer para as mães quer para os/as adolescentes. De acordo com Hofferth e Sandberg (2001) os momentos familiares apresentam-se como forças que ajudam na clarificação e fortalecimento dos limites da família, uma vez que criam oportunidades de interação, comunicação e memórias que colaboram para a perceção de identidade e singularidade.

No que concerne aos momentos de interação sem tecnologias, das verbalizações das mães e dos/as adolescentes destacaram-se as atividades de lazer como as mais concretizadas pela família, seguidas das refeições e dos momentos de conversa. De acordo com Paolicchi (2013) as atividades de lazer devem ser perspetivadas como algo que fortalece os laços familiares, melhora a performance académica das crianças e adolescentes, ajuda os/as mais novos/as a envolverem-se em menos conflitos e promove a comunicação. As refeições são, para a Ericsson ConsumerLab (2015) um momento diário que favorece a comunicação entre a família, onde os seus membros podem interagir pessoalmente, partilhando o seu quotidiano e as atividades desenvolvidas.

De acordo com Cerqueira (2016), 32,9% de inquiridos/as, através de um questionário *online*, afirmaram que as refeições são um momento social partilhado com as pessoas de quem mais se gosta, tornando-se num ritual fundamental de convívio e degustação. No que respeita aos momentos de conversa, Mesch (2006a) defende que, para se alcançar uma boa qualidade da comunicação familiar, é necessário que as famílias partilhem atividades que facilitem a discussão com convergência e a divergência de ideias. Deste modo, atividades como as Refeições, podem proporcionar

momentos de conversa e serem consideradas como promotoras de comunicação, quando não são acompanhadas de tecnologias, permitindo que as pessoas se foquem exclusivamente umas nas outras.

Comparando os resultados das mães e dos/as adolescentes relativos aos momentos de interação familiar sem tecnologias, os quadros 12 (Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias das mães) e 34 (Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias dos/as adolescentes) respetivamente, destacam que aquilo que os distingue é a subcategoria *Hobbies*. Esta subcategoria revela, para as mães, os Hobbies enquanto momentos de interação familiar sem tecnologias, elucidando que os jogos de tabuleiro e a prática de desporto são igualmente momentos de interação familiar que não incluem tecnologias.

Relativamente aos momentos de interação familiar que incluem tecnologias, o entretenimento surgiu na maioria das verbalizações das mães e dos/as adolescentes entrevistados/as. Nos períodos de entretenimento, assistem-se programas de televisão, filmes e/ou séries e, segundo a Ericsson ConsumerLab (2015), este período de entretenimento é chamado “tempo de família”, em que as famílias costumam ver televisão como uma forma de passar algum tempo junta, algumas vezes por semana. Esta realidade pode ser ilustrada pelas verbalizações da entrevistada E9 e o adolescente J9 que referiram nas suas entrevistas que, em família, veem muitos filmes. Para além do entretenimento, algumas mães que referiram ouvir música e estar ao computador com o/a filho/a como momentos de interação com tecnologias e, neste caso, as tecnologias podem funcionar como uma ponte para a comunicação e interação entre ambos.

Além do entretenimento, as refeições foram momentos de interação com tecnologias associadas apontadas exclusivamente pelos/as adolescentes, em que a maioria dos/as participantes afirmou usar ou ter tecnologias ligadas no momento das refeições. A televisão e o telemóvel foram as tecnologias integradas nas refeições, tendo a televisão maior preponderância e, Rideout, Foehr e Roberts (2010) referem que a gestão doméstica das residências pode incluir tecnologias nas diferentes atividades, incluindo nas refeições que, neste caso em concreto, parece ser o mais provável. Estes/as autores/as referem que, numa investigação, 64% dos/as adolescentes declaram que a televisão está ligada durante as refeições (Rideout et al., 2010) e, outros, como Moreno e Cataño (2010) referem que, em Espanha, 70% da população adolescente vê televisão à hora da refeição.

Foi possível verificar que a presença do telemóvel nas refeições parece estar em conformidade com Cerqueira (2016) que conclui, através de um inquérito, que 70% das pessoas inquiridas utilizam aparelhos móveis durante as refeições, sabendo que é uma

prática desaconselhável, mas que não conseguem cessar. Respeitante à definição de regras, são o pai e a mãe que impõem as regras aos/às filhos/as sobre a utilização de telemóveis durante a refeição, contudo, tem-se atualmente comprovado que são os/as próprios/as quem não respeitam a regra anteriormente definida (Cerqueira, 2016).

Para além da presença da televisão e do telemóvel nas refeições, houve alguns/as adolescentes que admitiram que a presença de tecnologias durante as refeições é totalmente proibida pelo pai e pela mãe que, segundo Villegas (2013) pode moldar a forma como os membros da família interagem uns com os outros. Em consequência, poderá supor-se que os/as adolescentes que referiram a não existência de tecnologias aquando das refeições familiares, são quem detém uma maior possibilidade de estabelecer melhor interação com a sua família nuclear.

Apesar dos resultados indicarem que só os/as adolescentes referiram a presença de tecnologias às refeições, este dado surge um aspeto curioso: as mães não fizeram referência à mesma realidade. Segundo estas, só existem tecnologias ligadas nos momentos de entretenimento, de música e de uso do computador, o que contrasta com a informação dos/as adolescentes. Uma hipótese que pode justificar tal incongruência é o facto de muitas famílias terem pelo menos uma televisão em casa, fazendo esta parte da vida doméstica das famílias, tornando-se uma tecnologia indispensável. Jordan, Hersey, McDivitt e Heitzler (2006, como citado em Villegas, 2013) referem que 98% das famílias tem televisão na sala de estar e 46% tem televisão na sala de jantar. Deste modo, é natural que a televisão esteja presente no momento das refeições, passando despercebida, pelas mães enquanto tecnologia. Ou, ainda outra hipótese a colocar pode ser o receio das mães em revelar a presença de tecnologias durante as refeições, incluindo as tecnologias das próprias (e.g., o telemóvel). E, ao comparar as informações fornecidas pelos/as adolescentes e estas, pode inferir-se que são mais as famílias que utilizam tecnologias durante as refeições, do que aquelas que proíbem o seu uso. Assim e, tendo em consideração as perceções dos/as adolescentes sobre a presença de tecnologias nos momentos de interação familiar tais como as refeições, então pode colocar-se a possibilidade da interação destas famílias correr o risco de se tornar frágil.

Na perspetiva de Pindado (1998), a televisão pode impactar positivamente as refeições por promover a comunicação entre os membros de uma família, onde se podem gerar debates e discussões. Porém, existem outras opiniões que defendem que a presença da televisão durante as refeições pode contribuir para uma redução da socialização com os outros (Kraut et al., 1998), em que não se dialoga, não se partilham projetos e todos os membros da família podem converter-se em espetadores intensos (Quintas, 1998). Logo, a presença da televisão durante o horário das refeições pode ser

simultaneamente favorável e desfavorável, por poder facilitar ou impedir a comunicação familiar respetivamente.

Ainda neste mesmo objetivo das Novas Tecnologias na Interação Familiar procurou-se identificar o modo como as tecnologias utilizadas pelo/a adolescente influenciam a interação da família. A percepção quer das mães, quer dos/as adolescentes resultou da relação entre o tempo que despendem com novas tecnologias e a comunicação/interação destes/as com a família e, também perante a possibilidade da inexistência de tecnologias. Relativamente aos resultados, foi possível identificar que as mães apresentam a percepção da existência de três tipos de relação: positiva, negativa e neutra, isto é, que a utilização das tecnologias pode facilitar a comunicação e interação familiares (Lanigan, Bold & Chenoweth, 2009; Saxbe, Graesh & Alvik, 2011; Prados, Vicent & Esteban, 2014), pode prejudicar a comunicação e a interação familiares por retirar tempo que os/as adolescentes poderiam dedicar às mães, aos pais e a outros elementos da família (Quintas, 1998; Subrahmanyam, Kraut, Greenfield & Gross, 2000; Morisson & Krugman, 2001; Redmont, 2010) ou, pode não ter qualquer influência sobre a comunicação e a interação familiares, não se verificando diferenças ao nível da relação entre adolescentes e o seu pai e a sua mãe. Por sua vez, os/as adolescentes têm a percepção de haver uma relação negativa e uma relação neutra no que respeita ao tempo utilizado com tecnologias e a comunicação e interação que têm com o pai e com a mãe.

A relação positiva resultante das percepções das mães focou-se essencialmente na facilidade de contacto entre as mesmas e seu/a filho/a e na aprendizagem de conteúdos, onde os/as mais novos/as podem ensiná-las e auxiliá-las em tarefas que envolvam tecnologias. A título de exemplo, a entrevistada E10 indicou que a filha aprende muito com as tecnologias e, posteriormente, ensina a mãe quando esta precisa.

A relação negativa que resulta das percepções das mães e dos/as adolescentes foca-se principalmente na diminuição da comunicação, em que para estes/as o tempo que os/as adolescentes despendem com tecnologias revela ser prejudicial ao nível da comunicação entre membros da família. A título de exemplo, a entrevistada E4 refere que, caso o filho não passasse tanto tempo com tecnologias, o seu tempo poderia ser aproveitado para estar com a família. Por sua vez, o/a entrevistado/a J9 refere que o tempo que despende com tecnologias, principalmente com o telemóvel, diminui a interação com o pai e com a mãe. Além disso, a diminuição da comunicação entre o/a adolescente e a família surgiu como resultado do isolamento deste/a e, como exemplo, uma mãe verbalizou que o/a seu/a filho/a passa mais tempo sozinho no seu quarto, possivelmente, com as tecnologias.

Por fim, a relação neutra resultou das percepções das mães e dos/as adolescentes sobre o tempo que estes/as despendem com tecnologias, notando-se que, para a maioria dos/as adolescentes e para algumas mães, as tecnologias não influenciam positiva ou negativamente a comunicação e interação com a família nuclear. Os/as adolescentes entrevistados/as verbalizaram a sua capacidade de utilizar as tecnologias equilibradamente sem interferir na comunicação que mantêm com o pai e com a mãe. Por sua vez, as mães associaram o facto de os/as filhos/as não serem naturalmente muito faladores/as, sugerindo que não são as tecnologias quem interfere ou diminui a comunicação e interação entre os/as adolescentes e a família.

A percepção da não interferência das tecnologias na comunicação/interação da família demonstra que a “domesticação” das tecnologias (definida por Mesch, 2003) como sendo a introdução das tecnologias como auxílio ao funcionamento na residência familiar não provocou alterações significativas na dinâmica familiar, revelando que os/as entrevistados/as conseguem conjugar o tempo utilizado com tecnologias e a família. Exemplos desta realidade são as verbalizações do entrevistado J13 que referiu que não comunica menos com o pai e com a mãe porque, mesmo quando não se interessava por tecnologias, a comunicação com ambos não era muito evidente.

Fazendo uma comparação entre as percepções das mães e dos/as adolescentes entrevistados/as sobre a influência que as tecnologias têm na comunicação e interação familiar, verifica-se nos Quadros 16 (Relação Neutra, resultante das percepções das mães) e 37 (Relação Neutra, resultante das percepções dos/as adolescentes) que a maioria dos/as adolescentes percebe que as tecnologias não afetam a comunicação que têm com o pai e com a mãe, bem como seis mães que partilham a mesma percepção. No que respeita à comparação entre a relação negativa resultante das percepções das mães (Quadro 15) e dos/as adolescentes (Quadro 36) sobre a influência que as tecnologias têm na comunicação e interação familiar, sete adolescentes consideraram que as tecnologias afetam negativamente a comunicação familiar, bem como um número reduzido de mães (N=4). Tal pode significar que os/as adolescentes parecem ser mais conscientes sobre o efeito negativo que o tempo despendido com tecnologias tem sobre a comunicação e a interação com os/as progenitores/as.

Ainda se confrontou as mães e os/as adolescentes sobre como seria a comunicação na família nuclear caso não existissem tecnologias e, as percepções dos/as participantes deram origem a duas grandes categorias, a comunicação igual e a comunicação diferente. No que concerne à comunicação igual, as percepções de algumas mães e adolescentes revelaram que a comunicação entre eles/as se manteria, verificando-se apenas a modificação de alguns hábitos. Face às percepções das mães, pode pensar-se que, mesmo sem tecnologias, a comunicação que mantêm com o/a

filho/a seria igual, resultado que demonstra que as tecnologias parecem não influenciar a comunicação entre ambos, convergindo na relação neutra exibida no Quadro 16 (Relação Neutra resultante das percepções das mães entrevistadas).

Além disso, comparando os resultados do Quadro 15 (Relação Negativa resultante das percepções das mães sobre a influência das tecnologias na comunicação e interação familiar) e do Quadro 17 (Comunicação Igual resultante das percepções das mães sobre a comunicação com o/a adolescente caso não existissem tecnologias), é de notar que, apesar das mães referirem que as tecnologias retiram tempo aos/às adolescentes que estes/as poderiam despende com a família, perceberam que mesmo sem as tecnologias, a comunicação com o/a adolescente manter-se-ia igual. Esta última percepção pode justificar-se por aquilo que Rodríguez e López (1999) referem sobre a interação entre pai, mãe e filho/a durante a adolescência, que se caracteriza por uma pobre comunicação e uma expressão emocional negativa. Talvez seja por isso que as mães julgam que, mesmo sem tecnologias, a comunicação com os/as filhos seria igual, porque a pouca comunicação entre o subsistema parental e o subsistema filial parece ser algo que faz parte do processo natural da adolescência.

Quanto aos/às adolescentes, algumas das suas percepções sobre a comunicação que manteriam com o pai e com a mãe caso não existissem tecnologias (Quadro 38) estão em concordância com os resultados do Quadro 37 (Relação Neutra resultante das percepções dos/as adolescentes face à influência das tecnologias na comunicação e interação familiar), onde se evidencia que para a maioria dos/as adolescentes (N=8) as tecnologias não influenciam a comunicação e a interação com o pai e com a mãe, não sendo as tecnologias consideradas um fator de mudança.

Relativamente à comunicação ser diferente, as percepções das mães revelaram que, para a maioria (N=8) poderia melhorar a comunicação com o/a filho/a, enquanto uma mãe percebeu que a ausência das tecnologias seria prejudicial por dificultar a comunicação entre ela e o/a seu/a filho/a, pois só conseguiria comunicar com ele/a no final do dia. Ao nível do melhoramento da comunicação, as mães indicaram que a ausência das tecnologias permitiria: i) o aumento da comunicação e da interação familiar, em que o adolescente procuraria frequentemente o pai e a mãe para conversar; ii) conduziria a uma alteração dos hábitos diários, em que teriam de reorganizar as suas rotinas visto não estarem sempre contactáveis; iii) contribuiria para a realização de mais atividades fora de casa; iv) e, também conduziria à necessidade de encontrar outras formas de comunicar, como por exemplo a utilização de correio terrestre. Diehl (2010) refere que, sem as tecnologias, as pessoas voltariam a ler jornais impressos e utilizariam cartas postais para a comunicação à distância com os outros, entre outros meios rudimentares muito pouco utilizados ou extintos.

Os resultados do Quadro 19 evidenciam que, na perspetiva das mães, a vida familiar gozaria de mais momentos de interação e de comunicação na ausência das tecnologias, que por sua vez estão em concordância com a avaliação negativa que fazem da relação entre o tempo que os/as adolescentes despendem com tecnologias e a comunicação que mantêm com o pai e com a mãe. Nesta linha, os/as adolescentes passariam mais tempo em família do que sozinhos/as com tecnologias.

No que respeita à perceção dos/as adolescentes, a maioria referiu que, sem tecnologias, a comunicação com o pai e com a mãe melhoraria e, numa tentativa de ilustrar esta realidade, o/a adolescente J3 verbalizou que, na ausência das tecnologias, poderia falar frequentemente com o pai e com a mãe em vez de despende tempo com tecnologias. Ao analisar e comparar estes resultados com os do Quadro 36 (Relação Negativa resultante das perceções dos/as adolescentes sobre a influência das tecnologias na comunicação e interação familiar) salienta-se que os/as adolescentes parecem considerar que as tecnologias retiram tempo que poderia ser aproveitado para a família. Face a esta perceção, pode-se inferir que, apesar de gostarem de estar com o seu grupo de pares, os/as adolescentes entendem que a comunicação com os seus pai e mãe lhe são essenciais para que possam manter-se equilibrados os vários sistemas em que se inserem. Na literatura, Fonseca (2012) refere que o/a adolescente, por ser inexperiente na sua atividade social, pode procurar orientação, auxílio e proteção junto dos/as progenitores/as. Adicionalmente, os/as adolescentes podem estar conscientes da influência que as tecnologias detêm sobre a comunicação familiar, daí terem referido que sem as tecnologias, a comunicação com o pai e com a mãe melhoraria. A título de exemplo, a adolescente J12 disse, caso não houvessem tecnologias, dedicaria mais tempo à avó (encarregada de educação).

Além disso, os/as adolescentes ainda percecionaram que a sua rotina teria que ser reorganizada, pois sem o acesso a tecnologias, não poderiam contactar facilmente o pai, a mãe ou outras pessoas, sendo necessário um planeamento prévio do dia.

Ainda no objetivo As Novas Tecnologias na Interação Familiar no decorrer da entrevista, como curiosidade, questionaram-se os/as adolescentes sobre a companhia que têm na utilização das tecnologias e, a grande maioria afirmou estar sozinho/a, isto é, sem a companhia de membros da família nuclear. Para estes/as adolescentes, a utilização de tecnologias, por exemplo através de jogos *online* é realizada essencialmente com o grupo de pares. Todavia, três adolescentes referiram estar acompanhados/as por pessoas da sua família, nomeadamente, o/a(s) irmão/ã(s), o pai e a mãe aquando da utilização de tecnologias.

Segundo estas respostas dos/as adolescentes, é possível inferir sobre o impacto das características de cada tecnologia, uma vez que devido à sua portabilidade,

contribuem para que os/as utilizadores/as as usem isolados/as. Neste sentido, parece razoável relembrar o Quadro 22, que demonstra a distribuição das tecnologias em casa dos/as adolescentes entrevistados/as e, certas tecnologias como o telemóvel e o computador portátil, ao circularem pela residência, possibilitam o estacionamento das mesmas em qualquer divisão, podendo promover aos/às adolescentes atividades e momentos solitários longe dos outros membros da família.

Apesar das tecnologias serem consideradas como promotoras da interação social com outros, podem simultaneamente ser um obstáculo à socialização. Existem vários/as autores/as (Daly, 1996 como citado e, Mesch, 2006a; Mesch, 2006; McGrath, 2012; Rideout, Foehr & Roberts, 2010) que comentam que as tecnologias reduzem a comunicação com a família. A literatura suporta a hipótese de que, nos/as adolescentes entrevistados/as, parece verificar-se um certo grau de isolamento no que respeita à utilização das tecnologias, uma vez que a maioria dos/as entrevistados/as alegou estar sozinha nesses momentos.

Em suma, é de notar que neste objetivo as tecnologias têm uma forte presença nos momentos familiares dos/as entrevistados/as, influenciando a forma de comunicarem e de interagirem uns com os/as outros/as. Esta ideia é reforçada principalmente quando os/as mesmos/as afirmaram que sem as tecnologias a comunicação/interação entre eles/as seria mais frequente e de melhor qualidade.

Objetivo 7 - Opinião sobre a Frase “O Pai e a Mãe Utilizam as Tecnologias (os Média) como *Baby-Sitter*”

Com a recolha da opinião sobre a expressão “O Pai e a Mãe Utilizam as Tecnologias (os Média) como *Baby-Sitter*”, pretendeu-se compreender a leitura que as mães e os/as adolescentes fazem sobre a frase supramencionada, uma vez que envolve a utilização das tecnologias (os média).

A este respeito, as perceções das mães e dos/as adolescentes originaram categorias caracterizadas por dois pontos de vista, em que num se considerou as tecnologias como um recurso positivo e, no outro as tecnologias foram consideradas um recurso negativo. No primeiro, as perceções das mães revelaram as tecnologias como um meio de monitorização dos movimentos dos filhos/as e um entretenimento para os/as mesmos/as. Para muitos pais e mães, a televisão e outras tecnologias ajudam a monitorizar as crianças, principalmente as crianças mais pequenas (Beyens & Eggermont, 2014). Literatura mais antiga (Gantz, 1982 como citado em Beyens & Eggermont, 2014; Gantz & Masland, 1986 como citado em Beyens & Eggermont, 2014)

demonstra que as crianças mais novas estão provavelmente mais sujeitas a ter a televisão como a sua *baby-sitter*. As verbalizações das mães remetem para a vantagem de ter tecnologias como *baby-sitter* por exigirem pouco esforço, estarem sempre disponíveis quando existem, serem mais baratas e mais fáceis de usar. Além disso, são uma forma de entretenimento para os/as filhos/as, onde estes/as podem despende algum tempo. Autores/as como Götz, Bachmann e Hofmann (2007) referem que, por exemplo, a televisão permite várias funções enquanto *baby-sitter*: (i) estar disponível num momento de emergência (e.g., quando as crianças não podem ir para a rua por causa da chuva), (ii) permitir ao pai e à mãe terem tempo livre (e.g., os/as progenitores/as precisam desse tempo livre para fazer outras tarefas), (iii) ser um suporte ao cuidado parental (e.g., em que a televisão ajuda a “tomar conta” das crianças quando estas estão a recuperar de algum problema de saúde) ou (iv) até ajudar a controlar o humor das crianças (e.g., a televisão ajuda na regulação das emoções das crianças). Acresce que esta realidade torna-se mais comum por, hoje em dia, haver poucos familiares disponíveis que possam ajudar a tomar conta das crianças.

Por sua vez, quanto às tecnologias (os média) como um recurso positivo, algumas perceções dos/as adolescentes relacionaram a monitorização dos movimentos dos/as filhos/as com as tecnologias, tornando possível supervisioná-los ou pelo telemóvel (quando estes/as já o têm), ou pelo Facebook, quando os/as filhos/as já têm idade para poder ter um perfil numa rede social. Arza (2010) explica que o telemóvel é uma das tecnologias que apresenta uma função de segurança e de controlo parental face aos/as filhos/as, permitindo ao pai e à mãe saberem a localização física, manterem um contacto diário e inteirarem-se do bem-estar dos/as filhos/as quando estes estão fora de casa (GSM Association, 2013).

Relativamente às tecnologias (os média) enquanto recurso negativo, as perceções de algumas mães indicaram o isolamento dos/as filhos/as, a quebra na comunicação familiar e o impedimento da participação das crianças em outras brincadeiras como as consequências mais impactantes. Para Evans, Jordan e Horner (2011) o visionamento da televisão como *baby-sitter* pode retirar tempo dos/as filhos/as junto do pai e da mãe, por estarem muito tempo isolados/as com tecnologias. Esta observação é reforçada por Guerra (2012), ao referir que as crianças dos dias de hoje deixaram de brincar frequentemente na rua, deixaram de aprender a escrever o nome através de um papel e lápis, mas antes nas teclas de um computador, deixaram de brincar no espaço exterior com outras crianças para passarem a jogar *online* com os/as amigos/as e, optam por jogar videojogos em vez de terem brincadeiras realmente físicas, que envolvem exercícios como correr e pular.

Outras mães apontaram também o sedentarismo e a conseqüente falta de exercício físico que podem originar problemas de saúde nas crianças e adolescentes como a obesidade (Subrahmanyam, Kraut, Greenfield & Gross, 2000) e, os próprios conteúdos das tecnologias serem excessivos (e.g., as crianças verem desenhos animados ou jogarem jogos muito violentos pode repercutir-se nos seus comportamentos e atitudes) (Vanderwater, Lee & Shim, 2005).

Na categoria tecnologias (os média) como recurso negativo, uma parte considerável (N=11) das percepções dos/as adolescentes revelou que as tecnologias como *baby-sitter* apresentam um impacto negativo nas crianças e adolescentes, visto que pode estar a cultivar-se uma infância muito “tecnologizada” (McGrath, 2012), desperdiçada e acompanhada por um isolamento social dentro das habitações. As percepções de outros/as adolescentes (N=6) fizeram referência a novas formas que os pais e as mães utilizam para regular o comportamento dos/as filhos/as quando estes são mais novos, aproveitando-se das tecnologias para os/as sossegar (Vergé, 2016). Por fim, em menor número, as percepções de alguns/as adolescentes assinalaram o impacto que as tecnologias têm na comunicação familiar, em que se verifica que as crianças e adolescentes comunicam, verbalmente, cada vez menos com as pessoas em seu redor, perdendo a necessidade de se relacionarem e conversarem com os pais e com as mães.

Através das percepções das mães e dos/as adolescentes é possível verificar que, apesar de ser uma realidade comum, os/as entrevistados/as têm noção dos riscos que a utilização das tecnologias (os média) como *baby-sitter* comporta para os/as filhos/as e para os próprios pais e mães. Em suma, para as mães e para os/as adolescentes desta investigação, parecem haver mais desvantagens do que vantagens na utilização de tecnologias como *baby-sitter*, podendo justificar-se por ambos/as (mães e filhos/as) terem vivido infâncias diferentes, sem terem sido repletas de dispositivos eletrónicos e, também por sentirem que as crianças de hoje estão a perder momentos familiares e sociais que deveriam ser melhor aproveitados.

Posto isto, observa-se que as tecnologias vieram modificar as dinâmicas familiares atuais, desde os seus interesses, atividades, momentos familiares, comunicação e interação e até mesmo a forma como se toma conta dos/as filhos/as. E, mesmo com a presença de duas visões, uma positiva e outra negativa sobre uma mesma temática, parece haver um equilíbrio entre o que as mães e os/as adolescentes concordam e discordam, pois há que ter em consideração que, para além de serem pessoas de gerações diferentes, o impacto das tecnologias nas mesmas também é diferente, daí ser natural a variedade de perspetivas.

Conclusão

Apesar de ter muitas definições, para Alarcão (2000), a família deve ser considerada como um todo, una e única, sendo o vínculo de base de qualquer indivíduo, apresentando características que a distinguem de outros grupos. A sua constituição alterou-se significativamente dando lugar a famílias com uma organização bem diferente da conhecida família tradicional: a família nuclear, a família extensa, a família recasada, a família de facto, a família monoparental, a família comunitária, a família em série, a família composta, a família em coabitação e a família homossexual (Caniço, Bairrada, Rodríguez e Carvalho, 2010; Galvin, Braithwaite & Bylund, 2016). Na família, a comunicação verbal e não-verbal desempenha um papel significativo na interação constante entre e com os demais, revelando-se numa componente inata e gradual que se reflete num processo de partilha de significados (Galvin & Brommel, 1982 como citado em Smith, Freeman & Zabriskie, 2009), principalmente com a família e seus membros.

Segundo Fonseca (2012), a adolescência caracteriza-se por ser um período onde ocorrem transformações de ordem biológica, cognitiva, psicológica e social e, é igualmente neste período em que as relações familiares se transformam, em que o/a adolescente deixa de ser a criança calma, disponível e estável para passar a ser alguém provavelmente mais instável, irritado/a e questionador/a (Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002), notando-se uma discrepância de interesses, de expectativas ou de aspirações dos/as adolescentes face aos/às progenitores/as (Ramos & Martínez, 2015). Durante esta fase de desenvolvimento, Rodríguez e López (1999) consideram que a comunicação e a interação entre o subsistema parental e o dos filhos, apresenta uma pobre comunicação e uma expressão emocional sentida como negativa e, estas dificuldades de comunicação estão na base de inúmeros desentendimentos entre estes dois subsistemas (Fonseca, 2012). Todavia, Rodríguez e López (1999) referem que esta é uma característica inerente à adolescência e, pode agravar-se devido ao confronto entre várias influências a que o/a adolescente está sujeito/a, mais concretamente o grupo de pares e os média.

As tecnologias, como a televisão, o telemóvel, o computador, os videojogos e a Internet têm-se revelado componentes indispensáveis e de grande influência no dia-a-dia das famílias (Villegas, 2013) por permitirem comunicar, informar, “educar”, transmitir, entreter, formar opinião, ensinar e controlar (Moreno & Cataño, 2010). Tal pode justificar-se por se ter evidenciado uma multiplicação e diversificação destes aparelhos, facilitando a sua entrada nas famílias (Livingstone, 2006), originando a “domesticação”

(Mesch, 2006a). Este fenómeno relaciona o facto de as residências terem sido, ao longo tempo, preenchidas por uma infinidade de tecnologias tornando-as parte integrante das rotinas e da gestão doméstica. Associado à “domesticação” está a “Cultura de Quarto”, fenómeno que se caracteriza por os/as adolescentes optarem por passar mais tempo de lazer no seu quarto, rodeados de tecnologias, em vez de o passarem juntamente com a sua família. Como consequência, podem surgir dois grandes resultados: as tecnologias influenciam positivamente a interação e comunicação familiares por possibilitarem os momentos em família, permitindo que os seus membros interajam mais tempo juntos (Mesch, 2006a), promovendo a interação social (McGrath, 2012; Villegas, 2013); ou podem conduzir os indivíduos a envolverem-se em atividades tecnológicas solitárias (Daly, 1996 como citado em Mesch, 2006a), como assistir televisão (Quintas, 1998), estar ao telemóvel (Hamededdin, 2010), jogar videojogos (Redmont, 2010) e navegar na Internet (Kraut et al., 1998).

Neste sentido, autores/as como Prados, Vicent e Estéban (2014) referem que o processo educativo e relacional tem sofrido com a intromissão das tecnologias pois pode correr-se o risco de se originar uma brecha na relação entre o/a adolescente e o subsistema parental, diminuindo a comunicação e promovendo o isolamento dos seus membros, principalmente entre os/as adolescentes e suas mães, tendo Wagner, Falcke, Silveira e Mosmann (2002) referido que a comunicação entre ambos/as costuma ser mais próxima.

A presente investigação teve como objetivo investigar de que modo o uso das novas tecnologias influenciam as interações familiares em famílias com adolescentes, especialmente entre mães e filhos/as adolescentes no seu quotidiano.

Segundo a análise de dados realizada, destacaram-se dois polos, em que num encontram-se os resultados provenientes de uma análise estatística e de uma análise de conteúdo das entrevistas das mães; e, no outro, os resultados provenientes da análise estatística e de conteúdo das entrevistas dos/as adolescentes. Tal justifica-se por ambos terem apresentado perspectivas diferentes ao longo do estudo e, também por pertencerem a gerações distintas, originando uma leitura e interpretação distintas sobre a temática.

A primeira conclusão do estudo e, que responde ao objetivo geral, é que as tecnologias influenciam as relações familiares entre mães e filhos/as adolescentes no seu quotidiano. Mas, ao longo da investigação é possível notar que a perspectiva das mães e dos/as adolescentes diverge quanto à influência das tecnologias, pois evidencia-se que, para as mães, as tecnologias influenciam negativamente a interação que têm com os/as filhos, visto que exigem que os/as adolescentes despendam de mais tempo que poderia ser aproveitado com as mães e com a restante família. Na literatura,

Rideout, Foehr e Roberts (2010) suportam esta realidade ao afirmarem que crianças e adolescentes passam muito tempo (em média, sete horas e meia por dia) com tecnologias.

Na perspectiva dos/as adolescentes, as tecnologias parecem não deter uma influência tão negativa na interação que têm com as mães e com os pais, chegando a ser considerada uma influência neutra, tendo estes/as referido que conseguem equilibrar o tempo que despendem com tecnologias e o tempo que dedicam à família, não preterindo ninguém.

Relativamente às conclusões provenientes dos objetivos 3 a 7, salienta-se que no primeiro, Tecnologias Utilizadas pela Família, conclui-se que, para além de se verificar o fenómeno de “domesticação”, existe ainda o fenómeno de “Cultura de Quarto” (Bovill & Livingstone, 2001) presente na residência de todas as mães uma vez que tecnologias como a televisão, o computador, a *Playstation* e outras estão localizadas nos quartos, incluindo no quarto dos/as adolescentes. Neste sentido e como resultado, é natural que estes/as passem mais tempo no quarto e menos tempo com a família. Tal justifica-se pela possibilidade do uso isolado de tecnologias nos momentos de lazer e de entretenimento (Saxbe, Graesh & Alvik, 2011) longe da supervisão parental, realidade que as mães não perspetivam positivamente. Quanto às conclusões dos/as adolescentes, estes/as referiram as mesmas tecnologias que as mães apesar de a sua distribuição não ser semelhante à distribuição apontada pelas mães, demonstrando a divergência de opiniões. Não obstante, pode concluir-se também a presença da “Cultura de Quarto” nas informações disponibilizadas pelo/as adolescentes.

No objetivo 4, Importância das Tecnologias pela Família e Importância da Internet no/a Adolescente, conclui-se que, para as mães, as atividades principais proporcionadas pelas tecnologias no/a adolescente são a comunicação, o lazer e entretenimento e a formação/informação; enquanto para os/as adolescente apenas o lazer e entretenimento e a informação/estudo são as atividades mais importantes das tecnologias. Também se conclui que, para as mães, a Internet no/a adolescente pode ser simultaneamente vantajosa por possibilitar o acesso a diversas ferramentas e, desvantajosa por ser acompanhada de perigos e do possível desenvolvimento de uma dependência. Por sua vez, os/as adolescentes consideraram que a Internet é-lhes importante nos três âmbitos anteriormente referidos: comunicação, lazer e entretenimento e informação/estudo.

Ainda neste objetivo, relativamente à ausência da Internet no/a adolescente, conclui-se que esta seria experienciada através: do comportamento de adaptação para alguns/as adolescentes; de sentimentos como a indiferença, o aborrecimento, o vazio e o alívio; bem como o próprio contexto que poderá determinar os comportamentos e

sentimentos dos/as adolescentes face à ausência da Internet (se estão de férias em casa ou fora de casa). Conclui-se igualmente que, através das reações supramencionadas, os/as adolescentes não ficariam significativamente afetados/as, demonstrando que a Internet pode não ser uma ferramenta indispensável às suas vidas, como seria expectável.

Face ao objetivo 5, Percepção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente, conclui-se que, na perspetiva das mães, o telemóvel é a tecnologia mais utilizada pelo/a adolescente, conclusão que converge com a tecnologia preferida da grande maioria (N=10) dos/as adolescentes, o telemóvel. Seguidamente, conclui-se que, face à comparação entre o conhecimento das mães e dos/as adolescentes sobre tecnologias, os/as mais novos/as são quem detém maior conhecimento, resultados que estão em concordância com o fenómeno de “Divisão Digital” defendido por Aarsand (2007) e Segatto e Dal Ben (2013). Outra conclusão que emergiu deste objetivo é o facto de a grande maioria das mães ter considerado que os/as adolescentes despendem muito tempo com tecnologias; por sua vez, a maioria dos/as adolescentes especificou que passam mais de duas horas diárias com tecnologias, o que pode comprovar a perspetiva das mães sobre o tempo despendido com tecnologias.

O objetivo 6, As Novas Tecnologias na Interação Familiar, conclui que, tanto para as mães como para os/as adolescentes, existem momentos específicos de interação familiar em que não existem tecnologias (e.g., refeições, *hobbies*, lazer e conversa) e outros em que existem tecnologias (e.g., entretenimento, refeições, música e o uso do computador em conjunto). Através destes resultados, infere-se que, em momentos familiares sem tecnologias associadas, a interação entre a família é maior, uma vez que os membros podem focar exclusivamente a sua atenção nos/as outros/as. No que diz respeito aos momentos familiares que incluem tecnologias, conclui-se que estas são passadas em casa, mais concretamente, em momentos de entretenimento onde se visionam televisão, séries ou filmes, ou se ouve música e até usar o computador em família. Neste caso, nestes momentos a interação pode ser mediada se não mesmo governada pelas tecnologias utilizadas, podendo diminuir ou até mesmo promover comunicação entre os membros de uma família.

Também se conclui a existência de incongruências na informação anteriormente referida, especificamente nas refeições, visto que para os/as adolescentes existem tecnologias ligadas nestes momentos familiares, diferindo da opinião das mães que consideraram que as refeições são momentos familiares sem tecnologias. A presença de tecnologias como a televisão ou o telemóvel às refeições pode influenciar a comunicação e interação familiares. Para Plowman, McPake e Stephen (2010), as

tecnologias, ao serem inseridas nos momentos em família, são percebidas negativamente por reduzirem as oportunidades para a interação. Conclui-se igualmente que, em momentos de lazer, os/as adolescentes admitem estar maioritariamente sozinhos/as aquando do uso das tecnologias, o que mais uma vez, vem corroborar a hipótese de que as tecnologias promovem o isolamento entre membros da família.

Relativamente à questão hipotética de como seria a comunicação entre mães e filhos/as caso não houvessem tecnologias, emergiram duas conclusões: uma, em que mães e filhos/as consideraram que a comunicação manter-se-ia igual pois comunicariam o mesmo; a outra, para algumas mães a comunicação com os/as filhos/as seria diferente positiva ou negativamente. Positivamente porque haveria uma melhoria na comunicação e poderiam comunicar durante mais tempo sem ter as tecnologias como distração. Negativamente por ser mais difícil de contactar diariamente os/as filhos/as. Para os/as adolescentes, a comunicação seria diferente caso não existissem tecnologias pois haveria uma melhoria na comunicação com o pai e com a mãe, em que fariam mais tempo e poderiam ter mais oportunidades para comunicar. Consequentemente, teriam que reorganizar a sua rotina de modo a combinarem com o pai e com a mãe horários e lugares específicos para não se desentendarem.

No objetivo 7, em que se propôs conhecer a leitura de todos/as os/as entrevistados/as sobre a frase “*O Pai e a Mãe Utilizam as Tecnologias (os Média) como Baby-sitter*”, conclui-se que esta é uma medida que pode ser utilizada como uma forma de monitorização das crianças e adolescentes, sendo em simultâneo um meio de entretenimento para estes/as e uma tranquilização para os pais e mães. Todavia, os/as participantes afirmaram que a utilização das tecnologias (média) como *baby-sitter* é prejudicial ao nível individual e familiar pois isola as crianças e adolescentes, torna-os/as sedentários, quebra a comunicação familiar e “invade” a infância das crianças, não lhes permitindo ter uma infância menos tecnológica.

Em suma, para responder ao objetivo geral do estudo, pode concluir-se que as tecnologias influenciam sim as relações familiares, mais concretamente, a relação entre mães e filhos/as adolescentes pois, ao entrarem nas famílias, as tecnologias alteraram a interação entre os seus membros (McGrath, 2012), dando origem a uma nova configuração familiar, em que a comunicação está, simultaneamente, mais facilitada por favorecer a interação social mas também mais dificultada por conduzir ao isolamento do/a adolescente. Através desta investigação não se conclui se a influência das tecnologias na interação entre mães e adolescentes é totalmente negativa ou positiva, pois parece haver um equilíbrio entre a literatura e as percepções dos/as participantes. Uma resposta mais precisa dependeria do estudo mais aprofundado de cada família,

incluindo na investigação todos os membros desta de modo a conhecer como estes reagiriam e alterariam a comunicação e interação em presença de tecnologias.

Quanto aos objetivos definidos, foi possível a sua concretização devido à natureza do estudo, tendo-se conseguido obter a informação necessária sobre as tecnologias e a interação familiar através das entrevistas realizadas, permitindo assim ter uma noção específica de como as tecnologias influenciam a relação entre mães e filhos/as adolescentes.

A partir da investigação realizada, é evidente que a continuação deste estudo sobre a influência das tecnologias na relação entre os membros da família é fundamental porque: (i) existem poucas investigações portuguesas que abordem esta temática e, as que existem focam-se unicamente na família, não aprofundando especificamente a relação entre os seus membros; e (ii) seria igualmente importante conhecer a perspetiva do pai e do/a irmão/ã (caso exista) porque, como é uma realidade que afeta toda a família, seria interessante conhecer as suas opiniões e, perceber se os mesmos consideram que as tecnologias influenciam ou não a comunicação familiar. Assim, a integração de todos membros da família no estudo teria como objetivo conhecer aprofundadamente a perspetiva de todos e, conseqüentemente, confrontar as informações disponíveis e, concluir de que modo as tecnologias têm impactado positiva ou negativamente a comunicação e interação das famílias. Adicionalmente e, face à importância da Internet exibida nos resultados da investigação, seria pertinente fazer uma investigação sobre a presença da Internet na família e como se influenciariam as suas dinâmicas caso os indivíduos fossem privados da mesma.

Em termos de intervenção psicológica seria pertinente em famílias, cuja influência das tecnologias fosse considerada excessiva e alarmante, propor sessões de terapia familiar onde se pudesse trabalhar as dinâmicas familiares e se fomentasse a diminuição do consumo de tecnologias e a promoção da interação pessoal entre os membros da família. Há que também considerar o possível desenvolvimento de uma adição de tecnologias nos/as adolescentes como uma problemática que atualmente tem ganho destaque perante os profissionais de saúde mental e que requer intervenção urgente. Para Kar e Agarwal (2015) o uso excessivo, não criterioso e desnecessário de tecnologias, juntamente com a apresentação de reações como a preocupação, a irritação ou o desespero face à ausência de tecnologias, podem conduzir ao desenvolvimento de adição às tecnologias nos/as adolescentes. Segundo os mesmos autores, adolescentes com adição às tecnologias podem apresentar comportamentos como: verificar regularmente o telemóvel ou a Internet por causa do email, mandar mensagens desnecessariamente, jogar ou interromper atividades importantes como as aulas, desporto e até uma conversa com um/a amigo/a para falar ao telefone ou mandar

mensagens a alguém (Kar & Agarwal, 2015). Deste modo, é fundamental que se aposte na prevenção e/ou intervenção psicológica a nível individual e familiar, porque para além da adição às tecnologias ser uma realidade que afeta precocemente os indivíduos, tem de se auxiliar as famílias a encontrarem ferramentas que impeçam as tecnologias de serem a força que as domina.

No que respeita às limitações do presente estudo, é de notar que um dos objetivos iniciais da Dissertação era entrevistar mães e pais e um filho/a adolescente, todavia, devido à indisponibilidade dos pais, este objetivo não foi concretizável, daí que se optou apenas pelas entrevistas às mães e aos/às respetivos/as filhos/as adolescentes. Outra limitação do estudo tem que ver com a falta de exatidão quanto à informação que as mães disponibilizaram sobre o tempo que os/as filhos/as despendem com tecnologias. Ou seja, o facto de terem apenas referido «muito tempo» ou «pouco tempo» não permite ter um conhecimento mais preciso do tempo utilizado pelos/as adolescentes, impedindo a comparação desses dados.

Uma dificuldade sentida ao longo do estudo foi o pouco à vontade que alguns/as adolescentes demonstraram ao longo da entrevista, fazendo com que facultassem respostas menos desenvolvidas, o que complexificou a categorização da informação na análise de conteúdo.

Quanto à possibilidade de se realizar um estudo futuro, seria pertinente e bastante útil a concretização de um estudo sobre a relação entre as dinâmicas familiares e o consumo de tecnologias pelos/as adolescentes, na medida em que se tentaria conhecer se a natureza ou a dinâmica da relação familiar estaria relacionada com o elevado ou o reduzido consumo de tecnologias pela população adolescente.

Em síntese, é crucial que se apostem em mais estudos sobre as tecnologias e o seu impacto nas relações familiares e não só, com o objetivo de conhecer e compreender aprofundadamente os efeitos das mesmas e a forma como podem contribuir para a alteração das relações sociais. Tal pode permitir uma intervenção precoce e eficaz, auxiliando na diminuição do impacto negativo das tecnologias na comunicação e interação na família em particular e, na sociedade em geral.

Bibliografia

- Aarsand, P. (2007). Computer and Video Games in Family Life – The Digital Divide as a Resource in Intergenerational Interactions. *SAGE Publications*, 14(2), 235-256.
- Abreu, C. (2012). La Teoría de los Grupos de Referencia. *Ágora – Papeles de Filosofía*, 31(2), 287-309.
- Alarcão, M. (2000). *(Des) Equilíbrios Familiares*. (1ª Ed.), Coimbra: Quarteto Editora.
- Alarcão, M. (2006). *(Des) Equilíbrios Familiares*. 3ª Ed.), Coimbra: Quarteto Editora.
- Almeida, L. & Freire, T. (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. (5ª Ed.), Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Anderson-McNamee, J. & Bailey, S. (2010). The Importance of Play in Early Childhood Development. *MontGuide*. Bozeman, MT: *Montana State University Extension*.
Retirado de
<http://store.msuextension.org/publications/HomeHealthandFamily/MT201003HR.pdf>
- American Psychological Association. (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association*. (6ª Ed.), Washington: American Psychological Association.
- Aran, S., Barata, F., Busquet, J., Medina, P. & Moron, S. (2003). Infancia, violência y televisión: usos televisivos y percepción infantil de la violencia en la televisión. *Quaderns del CAC*, 17, 23-31.
- Arza, J. (2010). *Familia y nuevas tecnologías. Cómo ayudar a los menores para que hagan un buen uso de la televisión, el teléfono móvil, los videojuegos e Internet* – Guía para padres y madres.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, LDA.

- Beja, M. & Franco, M. (2013). O Adolescente e a Família: Autonomia ou Autonomias?. In Teresa Medeiros. (1ª Ed.), *Adolescência: Desafios e Riscos* (pp. 269-284). Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Bernal, A. (2012). Funcionamento Familiar, Conflictos con los Padres y Satisfacción com la Vida de Família en Adolescentes Bachilleres. *Acta Colombiana de Psicología*, 15(1), 77-85.
- Beyens, I. & Eggermont, S. (2014). Putting Young Children in Front of the Television: Antecedents and Outcomes of Parents' Use of Television as a Babysitter. *Communication Quarterly*, 62(1), 57-74.
- Bovill, Moira and Livingstone, Sonia. (2001). Bedroom culture and the privatization of media use. In Sonia Livingstone and Moira Bovill. (Eds.) *Children and Their Changing Media Environment : a European Comparative Study* (pp.179-200).
- Branje, S., Van Doorn, M., Van Der Valk, I. & Meeus, W. (2009). Parent-adolescent conflicts, conflict resolution types and adolescent adjustment. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30, 195-204.
- Caníço, H., Bairrada, P., Rodríguez, E. & Carvalho, A. (2010). Tipos de Família. In Imprensa da Universidade de Coimbra (1ª Ed.), *Novos Tipos de Família: Plano de Cuidados*.
- Cardoso, G., Espanha, R. & Lapa, T. (2008). Dinâmica Familiar e Interação em Torno dos Media: Autonomia dos Jovens, Autoridade e Controlo Parental Sobre os Media em Portugal. *Comunicação e Sociedade*, 13, 31-53.
- Cerqueira, M. (2016, 25 de Fevereiro). Refeições: Comemos Cada Vez Mais Rápido e na Companhia do Telemóvel. *Jornal I*, p.1. Retirado de <http://ionline.sapo.pt/497464>
- Church, K., Weight, J., Berry, M. & MacDonald, H. (2010). At Home with Media Technology. *Home Cultures*, 7(3), 263-286.
- Claes, M. (1985). *Os Problemas da Adolescência*. Lisboa: Editorial Verbo.

- Comesaña, J. (2011). Bases para contruir una comunicación positiva en la familia. *Revista de Investigación en Educación*, 9(2), 91-98.
- Common Sense Media. (2015). *The Common Sense Census: Media Use by Tweens and Teens*. Retirado de http://static1.1.sqspcdn.com/static/f/1083077/26645197/1446492628567/CSM_TeenTween_MediaCensus_FinalWebVersion_1.pdf?token=DyqCzLrJhC4AG9hCITczCD9uJyE%3D
- De Goede, I., Branje, S. & Meeus, W. (2009). Development Changes in Adolescent's Perceptions of Relationships with Their Parents. *Journal of Youth Adolescence*, 38, 75-88.
- Dias, M. (2011). Um Olhar sobre a Família na Perspetiva Sistémica: O Processo de Comunicação no Sistema Familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Díazgranados, F. (2007). Los niños y las familias frente a las tecnologías de la información y las comunicaciones (TIC). *Psicología desde el Caribe*, 20, 208-224.
- Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [consult. 2016-07-22 15:11:23].
- Diehl, R. (2010, Setembro 15). O Que Seria do Mundo da Comunicação sem Tecnologia? [Publicação de Blog Online]. Retirado de <https://ricardodiehl.wordpress.com/2010/09/15/o-que-seria-do-mundo-da-comunicacao-sem-tecnologia/>
- Entertainmnet Software Association. (2014). *Essential Facts About the Computer and Video Game Industry*. Retirado de http://www.theesa.com/wp-content/uploads/2014/10/ESA_EF_2014.pdf
- Ericsson Consumerlab. (2015). *Bringing Families Closer- The impact of communication technology on families in the US*. Retirado de <http://www.ericsson.com/res/docs/2015/consumerlab/ericsson-consumerlab-bringing-families-closer.pdf>

- Evans, C., Jordan, A. & Horner, J. (2011). Only Two Hours? A Qualitative Study of the Challenges Parents Perceive in Restricting Child Television Time. *Journal of Family Issues*, 32(9), 1223-1244.
- Faria, C., Sousa Lima, V. & Soares, I. (2013). Relações de Vinculação na Adolescência. In Teresa Medeiros (1ª Ed.), *Adolescência: Desafios e Riscos* (pp. 237-267). Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e Autonomia – O Desenvolvimento Psicológico e a Relação com os Pais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fonseca, H. (2012). *Compreender os Adolescentes: Um Desafio para Pais e Educadores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Fortin, M. (1999). *O Processo de Investigação: Da Conceção à Realização*. Loures: Lusociência.
- Fulkerson, J., Neumark-Sztainer, D. & Story, M. (2006). Adolescent and Parent Views of Family Meals. *Journal of the American Dietetic Association*, 106 (4), 526-532.
- Gaete, V. (2015). Desarrollo psicosocial del adolescente. *Revista Chilena de Pediatría*, 86(6), 436-443.
- Galvin, K., Braithwaite, D. & Bylund, C. (2016). *Family Communication: Cohesion and Change*. (9ª Ed). Nova Iorque: Routledge.
- Goldenstein, J. (2012). *Play in Children's Development, Health and Well-Being*. Retirado de <http://www.ornes.nl/wp-content/uploads/2010/08/Play-in-children-s-development-health-and-well-being-feb-2012.pdf>
- Gonçalves, V. (2012). *Conciliação da Vida Privada com a Vida Profissional dos Enfermeiros Portugueses*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra.
- Götz, M. Bachmann, S. & Hofmann, O. (2007). Just a Babysitter? *Television*, 20, 35-30.

- GSM Association. (2013). *Children's Use of Mobile Phones – An International Comparison 2012*. Retirado de http://www.gsma.com/publicpolicy/wp-content/uploads/2012/03/GSMA_ChildrensMobilePhones2012WEB.pdf
- Guamán, M. & Guamán, M. (2010). *Disfuncionalidad familiar en niñas y su incidências en el rendimiento escolar*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Cuenca.
- Guan, S. & Subrahmanyam, K. (2009). Youth Internet Use: Risks and Opportunities. *Child and Adolescent Psychiatry*, 22, 351-356.
- Guerra, R. (2012, Novembro 14). Até que Ponto a Tecnologia Faz Mal À Infância? [Fórum Online]. Retirado de <http://www.tecmundo.com.br/estilo-de-vida/32723-ate-que-ponto-a-tecnologia-faz-mal-na-infancia-.htm>
- Hameededdin, N. (2010). *New Communication Technologies and Social Change: Cell Phone Effects on the Saudi Family*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Americana.
- Hintz, H. (2001). Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. *Pensando Famílias*, 3, 8-19.
- Hofferth, S. & Sandberg, J. (2001). How American Children Spend Their Time. *Journal of Marriage and Family*, 63, 295 - 308.
- Houses of Parliament – Parliamentary Office of Science & Technology. (2012). *Impacts of Video Games* (POSTnote nº 405). Retirado de <http://www.pds.org.uk/assets/Uploads/Bounce-Impacts-of-Video-Games-a-Parliamentary-paper-2012.pdf>
- Instituto Nacional de Estatística. (2015). Sociedade da Informação e do Conhecimento: Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da comunicação pelas Famílias. *Destaque – Informação à Comunicação Social*.
- Ives, L. (2014). La Identidad del Adolescente: Como se Construye. *Revista de Formación Continuada de la Sociedad Española de Medicina de la Adolescencia*, 2(2).

- Jiménez, A. & Delgado, A. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de Psicología*, 18(2), 215-231.
- Jólluskin, G. (2011). *A Televisão e os Jovens: Uma Aproximação aos Hábitos de Consumo, Opiniões e Sentimentos relativamente à Violência Observada na Televisão*, 93-105.
- Jornal de Notícias. (2012). Os Portugueses não largam o telemóvel, nem ao jantar. Retirado de <http://www.jn.pt/inovacao/interior/portugueses-nao-largam-telemovel-nem-ao-jantar-2392461.html>
- Kar, S. & Agarwal, V. (2015). Technology Addiction in Adolescents. *Journal of Indian Association for Child and Adolescent Mental Health*, 11(3), 170-174.
- Kirchler, E., Palmonari, A., & Pombeni, M. L. (1993). Developmental Tasks and Adolescents' Relationships with Their Peers and Their Family. In S. Jackson & H. Rodriguez-Tomé (Eds.), *Adolescence and Its Social Worlds* (pp. 145-167). Reino Unido: Lawrence Erlbaum Associates.
- Kraut, R., Patterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay & Scherlis, W. (1998). A Social Technology That Reduces Social Involvement and Psychological Well-Being?. *American Psychological Association*, 53(9), 1017-1031.
- Krippendorff, K. (2013). *Content Analysis: An Introduction to Its Methodology*. (3ª Ed.), California: SAGE Publications.
- Lam, L., Peng, Z., Mai, J. & Jing, J. (2009). Factors Associated with Internet Addiction among Adolescents. *CyberPsychology & Behavior*, 12(5), 551-557.
- Lanigan, J., Bold, M. & Chenoweth, L. (2009). Computers in the Family Context: Perceived Impact on Family Time and Relationships. *Family Science Review*, 14, 17-32.

- Legendre, S., De Coster, L. & Duret, I. (2011). Une Jeunesse Comblée dan l'Impasse: Étude des Enjeux Individuels et Familiaux de l'Autonomisation en Milieux Aisés. *Cahiers Critiques de Thérapie Familiale et de Pratiques de Réseaux*, 47, 129-144.
- Lenhart, A., Rainie, L. & Lewis, O. (2001). *Teenage Life Online – The Rise of the Instant-Message Generation and the Internet's Impact on Friendship and Family Relationships*. Retirado de: http://www.pewinternet.org/files/old-media/Files/Reports/2001/PIP_Teens_Report.pdf.pdf
- Lenhart, A. & Madden, M. (2007). *Teens, Privacy & Online Networks: How Teens Manage their Online Identities and Personal Information in the Age of MySpace*. Pew Internet & American Life Project. Retirado de http://www.pewinternet.org/files/old-media/Files/Reports/2007/PIP_Teens_Privacy_SNS_Report_Final.pdf.pdf
- Leung, L. (2007). Stressful Life Events, Motives for Internet Use and Social Support Among Digital Kids. *CyberPsychology & Behavior*, 10 (2), 204-214.
- Livingstone, S. (2002). *Children's Use of the Internet: A Review of the Research Literature*. 1-28.
- Livingstone, S. (2006). From Family Television to Bedroom Culture: Young People's Media at Home. In E. Devereux, *Media Studies: Key Issues and Debates* (302-321). Londres: Sage Publications.
- Livingstone, S. (2007). From Family Television to Bedroom Culture: Young People's Media at Home. In E. Devereux (Ed.), *Media Studies: Key Issues and Debates* (302-321). Londres: Sage Publications.
- Livingstone, S. & Das, R. (2010). *Existential Field 8: Media, Communication and Information Technologies in the European Family – Working Reports: Existential Fields, EF8*. Family Platform Project.
- Manning, S. (1977). *O Desenvolvimento da Criança e do Adolescente: Guia Básico para Auto-Instrução*. São Paulo: Editora Cultrix.

- Martins, D. (2013). *Adolescentes Internautas, Família e Depressão: Estudo da Relação entre a Utilização de Internet e das Redes Sociais, o Ambiente Familiar e a Sintomatologia Depressiva*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa.
- McGrath, S. (2012). The impact of new media technologies on social interaction in the household. *Electronic Culture and Social Change*. Retirado de <https://www.maynoothuniversity.ie/sites/default/files/assets/document/SiobhanMcGrath.pdf>
- McNeely, C. & Blanchard, J. (2009). *The Teen Years Explained: A Guide to Healthy Adolescent Development*. Johns Hopkins Bloomberg School of Public Health, Center for Adolescent Health. Retirado de <http://www.jhsph.edu/research/centers-and-institutes/center-for-adolescent-health/includes/pre-redesign/Interactive%20Guide.pdf>
- Mesch, G. (2003). The Family and the Internet: The Israeli Case. *Social Science Quarterly*, 84(4), 1038-1050.
- Mesch, G. (2006). Family Characteristics and Intergeneration Conflicts Over the Internet. *Information, Communication & Society*, 9(4), 473-495.
- Mesch, G. (2006a). Family Relations and the Internet: Exploring a Family Boundaries Approach. *Journal of Family Communication*, 6(2), 199-138.
- Mesch, G. (2006b). Family Characteristics and Intergenerational Conflicts over the Internet. *Information, Communication & Society*, 9(4), 473-495.
- Milteer, R. & Ginsburg, K. (2012). The Importance of Play in Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child Bond: Focus on Children in Poverty. *Pediatrics*, 129(1), 204-213.
- Mitchell, K., Wolak, J. & Finkelhor, D. (2007). Trend in Youth Reports of Sexual Solicitations, Harassment and Unwanted Exposure to Pornography on the Internet. *Journal of Adolescent Health*, 40, 116-126.

- Moed, A., Gershoff, E., Eisenberg, N., Hofer, C., Losoya, S., Spinrad, T & Liew, J. (2015). Parent- Adolescent Conflict as Sequences of Reciprocal Negative Emotion: Links Conflict Resolution and Adolescent's Behavior Problem. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(8), 1607-1622.
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32.
- Moreno, M. & Cataño, E. (2010). *Relaciones Familiares y Nuevas Tecnologías en el siglo XXI*.
- Morrison, M. & Krugman, D. (2001). A Look at Mass and Computer Mediated Technologies: Understanding the Roles of Television and Computers in the Home. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 45(1), 135-161.
- Mota, C. & Rocha, M. (2012). Adolescência e Jovem Adultícia: Crescimento Pessoal, Separação-Individuação e o Jogo das Relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-366.
- Nascimento, C., Araujo, E. & Miguéis, M. (2009). O Jogo como Atividade: Contribuições da Teoria Histórico-Cultural. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, 13(2), 293-302.
- Neto, C. (1997). *Jogo e Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Neuenschwander, M. (2002). *Desenvolvimento e Identidade na Adolescência*. Coimbra : Livraria Almedina.
- Özdemir, Y. & Çok, F. (2011). Autonomy Development in Adolescence. *Turkish Psychological Counseling and Guidance Journal*, 4 (36), 152-164.
- Pais. (2015, Junho 30). "Mães Milênio": Instruídas e Dependentes das Tecnologias. *Banco da Saúde*. Retirado de <http://www.bancodasaude.com/noticias/maes-milenio-instruidas-e-dependentes-das-tecnologias/>

- Paolicchi, S. (2013, Fevereiro 9). 6 Benefits of Family Time. [Publicação de Blog Online]. Retirado de <http://familyfocusblog.com/6-benefits-of-spending-time-together-as-a-family/>
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. Amadora: Editora McGraw-Hill de Portugal.
- Pappámikai, L. (2013). *Adolescência e Autonomia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Peterson, R. & Green, S. (2009). Families First: Keys to Successful Family Functioning Family Roles. *Virginia Cooperative Extension*.
- Pindado, J. (1998). A Propósito de las Relaciones Familia-Televisión. *Comunicar*, 10, 61-67.
- Pirocca, C. (2012). *Dependência de Internet, Definição e Tratamentos: Revisão Sistemática da Literatura*. Monografia de Pós-Graduação, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto-Alegre.
- Plowman, L., McPake, J. & Stephen, C. (2008). Just picking it up? Young children learning with technology at home. *Cambridge Journal of Education*, 38(3), 303-319.
- Prados, M., Vicent, P. & Esteban, S. (2014). La Comunicación en la familia a través de las TIC. Percepción de los adolescentes. *Puls*, 37, 35-38.
- Priberam Dicionário. (2016). [25-07-2016]. Retirado de <https://www.priberam.pt/DLPO/media>
- Priberam Dicionário. (2017). [06-02-2017]. Retirado de <https://www.priberam.pt/DLPO/tecnologias>
- Prot, S., Anderson, C. A., Gentile, D. A., Brown, S. C., & Swing, E. L. (2014). The positive and negative effects of video game play. In A. Jordan & D. Romer. *Media and the Well-Being of Children and Adolescents*, 109-128.

- Quintas, S. (1998). Familia y Medios de Comunicación. *Comunicar*, 10, 21-26.
- Ramos, M. & Martínez, C. (2015). Los Estilos Parentales: Su Relación en la Negociación y el Conflicto entre Padres y Adolescentes. *Acta de Investigación Psicológica*, 5(2), 1972-1983.
- Redmont, D. (2010). The Effect of Video Games on Family Communication and Interaction. *Graduate Theses and Dissertations*, 1-88.
- Relvas, A. (2000). *Por Detrás do Espelho*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Reymond-Rivier, B. (1965). *O Desenvolvimento Social da Criança e do Adolescente*. (2ª Ed.), Lisboa: Editorial Aster.
- Ribeiro, J. (2010). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde*. (2ª Ed.), Lisboa: Placebo Editora Lda.
- Rideout, V., Foehr, U. & Roberts, D. (2010). *Generation M2: Media in the Lives of 8- to 18-Year-Olds*. Henry J. Kaiser Family Foundation. Retirado de <https://kaiserfamilyfoundation.files.wordpress.com/2013/01/8010.pdf>
- Rodríguez, J. & López, B. (1999). La familia y el adolescente. *Revista Médica del Hospital General de México*, 62(3), 191-197.
- Ruzany, M., Pepe, C., Aquino, J., Cantinho, H., Leis, L., Silva, R. & Amaral de Lima, R. (2008). Comunicação entre a família e seus filhos adolescentes: construindo uma relação dialógica. *Adolescência e Saúde*, 5(1), 29-38.
- Salaff, J. (2002). *Where Home is the Office: The New Form of Flexible Work*. In B. Wellman & C. Haythornthwaite (Eds.), *The Internet in everyday life* (pp. 464-495). Oxford: Reino Unido: Blackwell.
- Sallés, C. & Ger, S. (2011). Las Competencias Parentales en la Familia Contemporánea: Descripción, Promoción y Evaluación. *Educación Social*, 49, 25-47.

- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o Mar – Um Novo Olhar sobre o Relacionamento entre Pais e Filhos*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Saxbe, D., Graesh, A. & Alvik, M. Television as a Social or Solo Activity: Understanding Families' Everyday Television Viewing Patterns. *Communication Research Reports*, 28(2), 180-189.
- Segatto, B. & Dal Ben, A. (2013). The family digital divide: self-taught adolescents and difficulties in parental control. *Italian Journal of Sociology of Education*, 5(1), 101-118.
- Silva, G. (2010). *O Método Científico na Psicologia: Abordagem Qualitativa e Quantitativa*. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Retirado de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0539.pdf>
- Smith, K., Freeman, P. & Zabriskie, R. (2009). An Examination of Family Communication Within the Core and Balance Model of Family Leisure Functioning. *Family Relation*, 58, 79-90.
- Subrahmanyam, K., Reich, S., Waetcher, N. & Espinoza, G. (2008). Online and Offline Social Networks: Use of Social Networking Sites by Emerging Adults. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29, 420-433.
- Teixeira, A., Froes, R. & Zago, E. (2006). A Comunicação e o Relacionamento da Família Atual em Virtude dos Novos Tempos. *Revista Eletrónica de Comunicação*, 1(1), 1-7.
- Turtiainen, P., Karvonen, S. & Rahkonen, O. (2007). All in the Family? The Structure and Meaning of Family Life among Young People. *Journal of Youth Studies*, 10(4), 477-493.
- Vanderwater, E., Lee, J. & Shim, M. (2005). Family Conflict and Violent Electronic Media Use in School-Aged Children. *Media Psychology*, 7(1), 73-86.
- Vergé, J. (2016, Fevereiro, 12). Deixar Crianças de 8 anos com Tablets? Cuidado. *Jornal Público*. Retirado de <https://www.publico.pt/tecnologia/noticia/quando-criancas-brincam-com-tablets-1723069>

- Villegas, A. (2013). The influence of technology on family Dynamics. *Proceedings of the New York State Communication Association*, 2012(10).
- Vitalari, N., Venkatesh, A. & Gronhaug, K. (1985). Computing in the Home: Shifts in the Time Allocation Patterns of Households. *Research Contributions*, 28(5), 512-522.
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L. & Mosmann, C. (2002). A Comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 75-80.
- Watt, D. & White, J. (1999). Computers and the Family Life: A Family Development Perspective. *Journal of Comparative Family Studies*, 1-15.
- Watzlawick, P., Beavin, J. & Jackson, D. (1967). *Pragmática da Comunicação Humana – Um Estudo dos Padrões, Patologias e Paradoxos da Interação*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Wellman, B., Haase, A., Witte, J. & Hampton, K. (2001). Does the Internet Increase, Decrease or Supplement Social Capital – Social Networks, Participation and Community Commitment. *American Behavioral Scientist*, 45 (3), 436-455.
- Weinstein, A. & Lejoureux, M. (2010). Internet Addiction or Excessive Internet Use. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 36, 277-283.
- Whitaker, J. & Bushman, B. (2009). Online Dangers: Keeping Children and Adolescents Safe. *Washington & Lee University School of Law Scholarly*, 66, 1053-1063.
- Yoo, Y., Cho, C. & Cha, K. (2014). Association between Overuse of the Internet and Mental Health in Adolescents. *Nursing and Health Sciences*, 16, 193-200.
- Xu, J., Shen, L., Yan, C., Hu, H., Yang, F., Wang, L., ... & Shen, X. (2014). Parent-adolescent Interaction and Risk of Adolescent Internet Addiction: A Population-based Study in Shanghai. *BMC Psychiatry*, 14(112).

Anexos

Anexo I - Guião de Entrevista Semiestruturada das Mães

Blocos Temáticos	Objetivos específicos	Questões
<p>Objetivo1: Legitimar a Entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Legitimar a entrevista. ❖ Justificar o objetivo e a entrevista. ❖ Incentivar a colaboração do/a entrevistado/a. ❖ Preenchimento do Questionário Sociodemográfico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da entrevistadora. • Informar o/a entrevistado/a sobre: <ul style="list-style-type: none"> - Objetivos do estudo; - Responsáveis; - Metodologia; -Apresentação/divulgação dos dados; • Solicitar a colaboração do/a entrevistado/a para a concretização do estudo. • Assegurar a confidencialidade e o anonimato. • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista. • Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.
<p>Objetivo 2: Caracterizar Sociodemograficamente os/as Participantes</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar o/a entrevistado/a 	<ul style="list-style-type: none"> • Preenchimento do Questionário Sociodemográfico – Caracterização do/a entrevistado/a.
<p>Objetivo 3: Tecnologias Utilizadas pela Família</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar as tecnologias existentes em casa das participantes e a sua distribuição pelas diferentes divisões 	<p>Questões 1 e 2</p>

<p>Objetivo 4: Importância das Tecnologias pela Família e a Importância da Internet no/a Adolescente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar a importância e a utilização das tecnologias ❖ Identificar a importância atribuída à Internet no/a adolescente 	<p>Questões 3, 4 e 5</p>
<p>Objetivo 5: Percepção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar a percepção do/a adolescente sobre as tecnologias utilizadas pelo/a adolescente (tipo, grau de conhecimento e tempo despendido) 	<p>Questão 6, 7 e 8</p>
<p>Objetivo 6: As Novas Tecnologias na Interação Familiar</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar a presença de tecnologias em momentos de interação familiar ❖ Identificar o modo como as tecnologias utilizadas pelo/a adolescentes influenciam a interação da família 	<p>Questões 9, 10 e 11</p>
<p>Objetivo 7: Opinião sobre a frase “O Pai e a Mãe Utilizam as Novas Tecnologias (os Média) como Baby-sitter”</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Conhecer a opinião das mães sobre a afirmação, tentando compreender que leitura fazem as participantes da mesma 	<p>Questão 12</p>
<p>Objetivo 8: Agradecimento aos/às participantes pela participação na investigação</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Agradecer pela participação e renovar o compromisso de confidencialidade e anonimato assim como a disponibilidade de se colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a 	

Questões para as mães:

1. Quais as tecnologias que tem em casa?
2. Como estão as tecnologias distribuídas pela casa?
3. Qual a função diária das tecnologias utilizadas?
4. Que lugar ocupam as tecnologias na comunicação com a sua família?
5. Como avalia o uso da internet na vida do/a seu/a filho/a?
6. Que tecnologias o/a seu/a filho/a usa?
7. O que acha do conhecimento que o/a seu/a filho/a tem das tecnologias, comparativamente ao seu?
8. Que ideia tem do tempo que o/a seu/a filho/a despende com tecnologias?
9. O que é que a família costuma fazer quando está junta?
10. Como avalia a relação entre o tempo que o/a seu/a filho/a utiliza com as novas tecnologias e a vossa comunicação?
11. Imagine como seria a comunicação com o/a seu/a filho/a, se não houvessem tecnologias?
12. Qual a sua opinião sobre a frase “*O pai e a mãe utilizam as tecnologias como baby-sitter*”?

Anexo II - Guião de Entrevista Semiestruturada dos/as Adolescentes

Blocos Temáticos	Objetivos específicos	Questões
<p style="text-align: center;">Objetivo 1: Legitimar a Entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Legitimar a entrevista. ❖ Justificar o objetivo e a entrevista. ❖ Incentivar a colaboração do/a entrevistado/a. ❖ Preenchimento do Questionário Sociodemográfico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da entrevistadora. • Informar o/a entrevistado/a sobre: <ul style="list-style-type: none"> - Objetivos do estudo; - Responsáveis; - Metodologia; - Apresentação/divulgação dos dados; • Solicitar a colaboração do/a entrevistado/a para a concretização do estudo. • Assegurar a confidencialidade e o anonimato. • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista. • Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.
<p style="text-align: center;">Objetivo 2: Caracterizar Sociodemograficamente os/as Participantes</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar o/a entrevistado/a 	<ul style="list-style-type: none"> • Preenchimento do Questionário Sociodemográfico – Caracterização do/a entrevistado/a.
<p style="text-align: center;">Objetivo 3: Tecnologias Utilizadas pela Família</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar as tecnologias existentes em casa dos/as participantes e a sua distribuição pelas diferentes divisões da residência 	<p style="text-align: center;">Questões 1 e 2</p>

<p>Objetivo 4: Importância das Tecnologias pela Família e a Importância da Internet no/a Adolescente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar a importância e a utilização das tecnologias ❖ Identificar a importância atribuída à Internet no/a adolescente 	<p>Questões 3, 4, 5 e 6</p>
<p>Objetivo 5: Percepção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar a percepção do/a adolescente sobre as tecnologias utilizadas pelo/a adolescente (tipo, grau de conhecimento e tempo despendido) 	<p>Questões 7 e 8</p>
<p>Objetivo 6: As Novas Tecnologias na Interação Familiar</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Identificar a presença de tecnologias em momentos de interação familiar ❖ Identificar o modo como as tecnologias utilizadas pelo/a adolescentes influenciam a interação da família 	<p>Questões 9, 10, 11, 12 e 13</p>
<p>Objetivo 7: Opinião sobre a frase “O Pai e a Mãe Utilizam as Novas Tecnologias (os Média) como Baby-sitter”</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Conhecer a opinião dos/as adolescentes sobre a afirmação, tentando compreender que leitura fazem os/as participantes da mesma 	<p>Questões 14</p>
<p>Objetivo 8: Agradecimento aos/às participantes pela participação na investigação</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Agradecer pela participação e renovar o compromisso de confidencialidade e anonimato assim como a disponibilidade de se colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a 	

Questões para os/as adolescentes:

1. Quais são as tecnologias que tens em casa?
2. Onde é que, em tua casa, estão as tecnologias que mais utilizas?
3. Quais as funções das tecnologias que usas?
4. Qual a tecnologia mais importante para ti?
5. Que uso fazes da internet?
6. Se não tivesses internet durante uma semana, como te sentirias?
7. Qual é a perceção que tens do tempo que utilizas com tecnologias? (uma estimativa).
8. O que achas do conhecimento que tens sobre as tecnologias, comparativamente ao conhecimento do teu pai e da tua mãe?
9. O que é que a tua família costuma fazer quando está junta?
10. Às horas da refeição, existe alguma tecnologia ligada? (e.g., a televisão, o computador)
11. Quando estás a utilizar alguma tecnologia, fá-lo em conjunto com alguém da tua família nuclear?
12. Como avalias a relação entre o tempo que utilizas com as novas tecnologias e a comunicação com o teu pai e a tua mãe?
13. Imagina como seria a comunicação entre ti e os teus pais se não houvesse tecnologias?
14. Qual é a tua opinião sobre a frase “*O pai e a mãe utilizam as tecnologias como baby-sitter*”?

Anexo III – Consentimento Informado

Consentimento Informado – Pais e/ou Encarregados de Educação

Eu, Rita Isabel Passinhas Martinho, aluna do 2º ano do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade de Évora, sob a orientação da Professora Doutora Heldemerina Samutelela Pires, venho por este meio solicitar a participação de Vossa Excelência e do seu educando a participarem num estudo integrado no âmbito da minha dissertação de mestrado, intitulada “O Domínio das Novas Tecnologias e a Interação entre Mães e Filhos/as Adolescentes”.

Este estudo tem como objetivo conhecer de que modo o uso das Novas Tecnologias, isto é, telemóveis, *tablets*, computadores, influenciam as relações familiares em famílias com filhos/as adolescentes, no seu quotidiano.

Será utilizada uma entrevista semiestruturada, sendo que uma se destina aos pais e outra ao jovem. A entrevista será guardada para posterior transcrição e análise.

Os procedimentos desta investigação não resultarão em nenhum dano físico ou psicológico aos/às participantes, ficando salvaguardado o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados.

A participação não implicará nenhum custo financeiro e será voluntária, pelo que poderá proceder à sua interrupção se assim o desejar, em qualquer momento.

A Mestranda

(Rita Martinho)

Eu _____ autorizo o/a
meu/minha educando/a _____ a
participar no estudo.

Anexo IV – Excerto da Entrevista de uma Mãe

Legenda:

E: Entrevistadora

I: Entrevistada

E: Relativamente à internet, como é que avalia a importância da internet na vida do seu filho?

I: É fundamental [risos]. Estar online é fundamental, se por acaso aquela coisinha que “tá” ali por cima da televisão não funciona um segundo já é um drama e tem que se telefonar [risos]. Quando vamos para o Fundão, o meu pai não tem acesso à internet e ele até costuma levar o computador e, então nós temos NOS e há aquela free-zone da internet, só que aquela coisa funciona dois segundos e depois vai abaixo. Esta páscoa resolveu levar a guitarra dele, então fomos de autocarro, tinha que ter alguma coisa para fazer e, de vez em quando, lá se punha a tocar guitarra, porque realmente “tar” muitos dias sem internet é complicado. Houve um ano, que íamos todos os dias à biblioteca pública lá do Fundão para ele ir lá jogar uma horinha no computador, tinha que matar o vício [risos].

E: Considera que é um fator muito importante?

I: É muito importante e, quando a gente vai para qualquer lado, em que ele não tenha acesso, ali o primeiro dia ou dois, se não houver outro tipo de coisas que lhe ocupem o pensamento ou que lhe ocupem assim o dia-a-dia, “tar” sem internet é uma coisa que o perturba bastante.

E: O que é que acha do conhecimento que o seu filho tem das tecnologias comparativamente ao seu?

I: É muito superior, embora ele não goste de informática. Ele gosta da parte dos jogos e daquilo que a informática lhe proporciona, daquilo que a via eletrónica lhe proporciona, não da parte de como funcionam os equipamentos, essa parte não. Agora em termos de dominar tudo, ele domina muito mais do que eu, mas entretanto não sabe trabalhar com o Word, praticamente, que nem Word no computador dele tem.

E: O que é que acha do tempo que o seu filho despende com tecnologias atualmente?

I: Às vezes acho um bocadinho desperdiçado.

E: Acha que poderia ser aproveitado com outras coisas?

I: Acho, acho. Acho que poderia ser aproveitado com outras coisas, nem que fosse para eles saírem, conviverem mais, sei lá, fazerem outras coisas, andarem de bicicleta, para fazerem...não sei, outras coisas, para lerem. O G gostava muito de ler e lia muito bem quando era miúdo e agora perdeu o interesse por completo pela leitura e, acho que às vezes poderia fazer outro tipo de coisas fora de casa, praticar mais desporto ou...mas pronto, ele não quer não o vou obrigar, não me parece que seja...

E: Obrigado que se consiga nalguma coisa.

I: Não, eu não acredito que a gente mude os nossos filhos adolescentes [risos], pronto haverá outras pessoas que pensem de outra forma, mas eu nunca os criei assim nem um nem outro, não vou obrigá-lo. Já tentei, já falo com ele, de vez em quando passo-me, também me zango, também ralho, mas não adianta nada. Ele, naquele dia, até é capaz de me dizer que sim e tal, mas logo a seguir faz como ele pensava, mais nada. Como ele também não pensa assim tão mal, não “tou” a dizer isso por ser um miúdo com muitos problemas, nada disso, pronto.

E: Tem a opinião dele.

I: Tem a opinião dele.

E: O que é que a sua família costuma fazer quando está junta?

I: Olhe vemos televisão, outras vezes saímos, atualmente não saímos muito, mas às vezes íamos de férias juntos, íamos às vezes a espetáculos. Atualmente, pronto andamos um bocado mais assim por aqui em casa e não passamos muito tempo juntos. Ele passa no espaço dele e eu passo no meu e encontramos-nos às refeições.

E: E nesses momentos em que estão juntos, existe alguma tecnologia associada ou presente?

I: Sei lá, a televisão em minha casa sempre foi uma coisa muito presente. A televisão e a música. Eu sou um bocadinho aqui como o Vasco que anda com o radiozinho dele e, eu ando com telemóvel tem umas músicas gravadas, costumo dizer que sou como a pretinha do rádio [risos]. Isso é que sim, a música acompanha-me mesmo muito e então, vou passar a ferro, ainda hoje de manhã estive a passar a ferro na garagem levo o telemóvel; vou fazer a limpeza da casa, ligo a aparelhagem que está no quarto da minha filha e oiço outro tipo de música; chegamos ao carro, está sempre a música presente no carro. Pronto, a música é uma coisa que nos acompanha e a televisão.

E: Como é que avalia a relação entre o tempo que o seu filho utiliza com novas tecnologias influencia a vossa comunicação?

I: Se ele se calhar não passasse tanto tempo no computador, “tava” aqui mais presente a conversar com a mãe dele, mas o que é que a mãe dele, a dada altura também não tem os mesmos interesses que o filho adolescente, temos que ser realistas. Podemos falar um pouco de temas em comum, eu também gosto de música, conversamos sobre música; mas, por exemplo, conversava muito com a minha filha doutras coisas, mas são coisas pelas quais ele não tem interesse, é normal. Ela é rapariga, gostava muito de moda, de decoração. Ele não, gosta de outras coisas, realmente, muitas delas não as domino, nem tenho muito interesse.

E: Imagine como é que seria a comunicação com o seu filho se não houvessem tecnologias.

I: Não sou capaz de imaginar nesse sentido porque elas sempre “tiveram” muito presentes, talvez a gente conversasse mais ou fizéssemos mais outro tipo de jogos, não sei.

E: Mas acha que seria mais vantajosa ou menos vantajosa?

I: Acho que seria diferente. Quando ele era mais pequeno, a tecnologia não estava tão presente, está mais presente há uns quatro ou cinco anos para cá, mas isso tudo foi um conjunto também de fatores até da dinâmica da vida familiar que também levou aí. Quando ele era mais pequeno, por exemplo, ele tinha televisão no quarto, mas ele nunca via televisão à noite no quarto, “tava” muito aqui, brincava aqui na sala, muito com a nossa presença, andava sempre aqui de roda de nós, fazíamos os jogos, as brincadeiras; depois, começou a crescer começou a ter vontade de fazer outras coisas e isso fez com que a gente se afastasse, mas se calhar se não houvesse as tecnologias, a gente afastava-se também. Tem a ver com o processo natural, pelo menos vejo assim.

E: Não é a melhor. Última pergunta, qual é a sua opinião sobre a frase “os pais utilizam as novas tecnologias como baby-sitter”?

I: É um bocadinho verdadeira, sem dúvida, eu também utilizei quando ele era pequeno. A televisão esteve sempre presente, é uma forma de os entreter e acho que é cada vez mais habitual, mais cedo, por exemplo, agora as crianças de três anos, muitas delas têm Tablets. Não vejo porque é que uma criança de três anos precise de um Tablet, a criança precisa de mexer, de rasgar. Mas é verdade, cada vez mais, a vida dos pais é cada vez mais complicada e isto acaba por ser um roubo; as pessoas têm muito pouco tempo em casa para gerir a casa, para fazer um determinado número de tarefas e estar

com os filhos. Parece-me que, em termos de estudos que eles às vezes dão aí na televisão e nas revistas, que os pais portugueses usam e abusam da tecnologia para tomar conta dos filhos, mas acho que é um bocado verdade. Não me demitindo também da culpa do meu lado, mas é verdade.

E: Obrigada P. Já terminei.

I: De nada.

Anexo V – Excerto da Entrevista de um/a Adolescente

Legenda:

E: Entrevistadora

I: Entrevistada

E: Que uso fazes da Internet?

I: Bastante, porque gosto de estar atualizado em relação à informação, não só de basquete, mas também do resto do mundo e, das redes sociais, por isso a internet é fundamental na minha vida.

E: A questão que eu coloco é: se não tivesses internet durante uma semana, como é que te sentirias?

I: Acho que no princípio ia estar com o hábito de pegar no telemóvel e tentar ir às redes sociais e à aplicação de basquete, mas eu por acaso já experimentei isso e, ao fim de algum tempo, consigo-me habituar e, às vezes, perco uma novidade ou uma notícia, que oiço mais tarde. Mas, consigo fazê-lo, não tem assim um efeito secundário.

E: Qual é a perceção que tens do tempo que utilizas com tecnologias?

I: O telemóvel é constante, acho eu. Mesmo que não esteja sempre, mas qualquer coisa posso sempre utilizar e é frequente. O computador é mais em casa para fazer trabalhos e isso, portanto, se calhar, umas duas horas por dia. A televisão, uma vez de vez em quando, mais nas férias, não é muito frequente. Passo semanas sem ver televisão.

E: O que é achas do conhecimento que tens sobre as tecnologias, comparativamente ao conhecimento que os teus pais têm das tecnologias?

I: Acho que o meu conhecimento é muito superior.

E: É?

I: Sim.

E: E achas que isso pode criar algum tipo de conflitos entre vocês ou algum tipo de desentendimentos ou achas que não?

I: Ah, não, eu acho que ajudo-os quando eles precisam de ajuda e isso. Os meus pais não são muito ligados a tecnologias. O meu pai não tem Facebook, a minha mãe tem mas usa muito raramente. Não são pessoas muito ligadas, portanto eles não terem...o meu pai tem algum conhecimento de tecnologias, mais do que a minha mãe, mas

mesmo assim é menor que o meu. Acho que eles não terem conhecimento sobre tecnologias não os afeta muito, não são pessoas muito ligadas a isso. Mas acho que não cria nada de eu saber mais, que eles a até os ajuda.

E: O que é que a tua família costuma fazer quando está junta?

I: Ah... principalmente estamos juntos às refeições, por isso é isso que fazemos principalmente juntos, as refeições.

E: E existe algum tipo de tecnologia ligada ou incluída nessa interação?

I: Não, isso é completamente proibido.

E: Quando estás a utilizar alguma tecnologia, tu fá-lo em conjunto com alguém ou estás completamente sozinho?

I: Com a minha família é muito raro. Com amigos é frequente, vemos a mesma coisa no telemóvel, no Twitter. Mas com a família não, quando estou cá em casa é sempre sozinho.

E: Ok. Como é que avalias o tempo que utilizas com as novas tecnologias e a comunicação que tens com os teus pais?

I: Acho que não alterou. Acho que até melhorou, que nós com as tecnologias percebemos até que temos de comunicar, assim pessoalmente e acho que não prejudicou, como em alguns casos. Nas nossas conversas, por telemóvel, são sempre coisas de “vem-me buscar” ou “já saí”, ou qualquer coisa assim. Não é nada de... as conversas mais a sério fazemos pessoalmente, mas acho que não afeta muito.

E: Imagina como é que seria a comunicação entre ti e os teus pais se não houvessem tecnologias.

I: Ah, acho que a única diferença é que ficava mais tempo à porta da escola ou assim [risos] quando saía mais cedo, ou para avisar de qualquer coisa. Acho que na maior parte dos casos não ia afetar.

E: Relativamente à frase que eu te vou ler “O Pai e a Mãe utilizam as tecnologias como baby-sitter”, qual é a tua opinião sobre a frase?

I: Acho que não, os meus pais sempre, como eu já lhe disse, nas refeições não podemos usar tecnologias e eles não são daqueles pais que compram os iPads aos filhos para os calar. Os meus pais dizem “vai ler um livro” ou “podes fazer barulho”, não se importam de os chatear, não usam as tecnologias como substituição, de forma nenhuma.

E: E no geral, nos restantes pais?

I: Acontece muito, bastante, sim. Temos vários amigos dos meus pais, quando vêm cá jantar ou marcamos qualquer coisa, os filhos deles... usam bastante e eu vejo que é uma coisa cada vez mais generalizada, com o uso das tecnologias para sossegar os filhos.

E: E achas que isso tem algum impacto nas pessoas e, nas futuras crianças?

I: Tem. Acho que se perde várias habilidades de comunicação, brincar. Perde-se muito o brincar em criança, porque estar em frente de um iPad não é a mesma coisa que estar a brincar às escondidas com as outras pessoas. Acho que se perde muito essa vertente, que é fundamental na educação.

E: Já terminei. Muito obrigado.

I: De nada.

Anexo VI

Quadro 3: As Tecnologias e a sua Distribuição na Residência segundo as Mães Entrevistadas

Tecnologias	Distribuição das Tecnologias	Participantes
Televisão	Quartos	13
Televisão	Sala	12
Televisão	Cozinha	2
Computador	Quarto	6
Computador	Sala	3
Computador	Escritório	4
Playstation	Quarto do/a Jovem	4
Playstation e Jogos	Sala	7
Tablet	Sala	2
Computador Portátil	Circula	12
Tablet	Circula	2
iPod	Circula	2
iPad	Circula	1

Anexo VII

Quadro 4: As Tecnologias Utilizadas pelos/as Filhos/as segundo as Mães

Tecnologias Usadas	Participantes
Telemóvel	14
Computador	11
Televisão	5
<i>Playstation</i>	4
<i>Tablet</i>	4

Anexo VIII

Quadro 5: Conhecimento sobre Tecnologias dos/as Adolescentes segundo as Mães

Conhecimento sobre Tecnologias	Participantes
Conhecimento Inferior que o do/a Adolescente	12
Conhecimento Semelhante ao do/a Adolescente	2

Anexo IX

Quadro 6: A Percepção das Mães relativamente ao Tempo Despendido do/a Filho/a com Tecnologias

Tempo Despendido	Participantes
Muito Tempo	10
Tempo Adequado	3
Relevância do Contexto, do Momento ou do Estado Meteorológico	1

Anexo X

Quadro 22: As Tecnologias e a sua Distribuição nas Residências segundo os/as Adolescentes

Tecnologias	Distribuição das Tecnologias	Participantes
Televisão	Quartos	3
Televisão	Sala	5
Televisão	Cozinha	1
Computador	Quarto do/a Jovem	6
Computador	Sala	1
Computador	Escritório	2
Computador	Quarto da mãe	1
Computador Portátil	Circula	12
Playstation	Quarto do/a Jovem	2
Playstation e Wii	Sala	2
Tablet	Sala	1
Tablet	Circula	2
Tablet	Quarto do/a adolescente	1
iPad	Circula	1
Telemóvel	Quarto do/a jovem	1
Telemóvel	Sempre com o/a adolescente	6

Anexo XI

Quadro 23: O Tipo de Tecnologia Utilizada pelo/a Adolescente

Tecnologia Mais Importante	Participantes
Computador	4
Telemóvel	10
Nenhuma	1

Anexo XII

Quadro 24: Conhecimento sobre Tecnologias segundo os/as Adolescentes

Conhecimento sobre Tecnologias	Participantes
Conhecimento Superior que o do Pai e da Mãe	14
Conhecimento Semelhante ao do Pai e à da Mãe	1

Anexo XIII

Quadro 25: A Percepção dos/as Adolescentes relativamente ao Tempo Despendido com Tecnologias

Tempo Despendido	Participantes
Duas ou Menos de Duas Horas por Dia	5
Mais de Duas Horas por Dia	9
Mais de Duas Horas no Fim-de-Semana	1

Anexo XIV – Grelha de Análise Categorical das Mães Entrevistadas

Objetivo 4 Importância das Tecnologias pela Família e Importância da Internet no/a Adolescente					
Categorias	Subcategorias	Sub- subcategorias	UR “Verbalizações”	Participantes	
Comunicação	Facilidade de Contacto entre as Pessoas		“Manter contactos com as pessoas”	E2; E3; E6; E7	
			“Quando ele sai à noite, ali à meia-noite mando-lhe um SMS a perguntar se está tudo bem e fico mais descansada”	E1, E9	
	Informação Pública		“Eu gosto de ver os telejornais”	E12	
			“Vemos o que se passa no mundo no dia-a-dia e abre	E14	

		fronteiras e a gente fica a saber”	
Lazer e Entretenimento	Visionamento de Conteúdos	“Também gosto de ver filmes (...) e a novela”	E3; E14
	Ligação a Redes Sociais	“Vou ao Facebook”	E2; E5; E6; E7; E8; E13
Formação e Informação	Pesquisa	“Vou [ao computador] quando preciso de pesquisar alguma coisa”	E6
		“Pesquisar coisas na net”	E3
		“Fazer pequenas pesquisas”	E4
Vantajosa	Pesquisa e Conhecimento	“Facilita o acesso ao conhecimento”	E5; E8
		“Ele faz muita pesquisa”	E11; E14
	Contacto e Proximidade	“Possibilita o estar em contacto com os amigos”	E1; E7; E11

	Estudo	“Ele já não conseguiria fazer os trabalhos da escola”	E1; E5; E6; E11
	Escolha da Profissão	“Agora quer fazer até engenharia informática”	E6
	Lazer	“Para ouvir música sobretudo”	E5
Desvantajosa	Perigos	“Ela tem que ter cuidado com tudo o que é pesquisa, com quem fala, tudo aquilo que posta nessas redes sociais”	E3
	Dependência da Internet	“Ele é viciado na Internet” “Sem Internet é muito complicado, qualquer sítio que ela vá e que não tenha	E13 E4; E9

		Internet, que não tenha Wi-Fi, é um stresse”	
Objetivo 6 As Novas Tecnologias na Interação Familiar			
Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias	Refeições	“Juntamos às refeições”	E1; E4; E5; E10; E11; E12; E13
	<i>Hobbies</i>	“Jogamos jogos de tabuleiro”	E8
		“Fazer desporto”	E9
	Lazer	“Damos um passeio”	E1; E2; E4; E5; E7 E9; E11; E13; E14
		“Vamos às lojas, a algumas lojas, aos hipermercados, fórus”	E3
Conversa	“Costumamos conversar”	E5; E6; E7; E10; E11; E12	

Momentos de Interação Familiar Com Tecnologias	Entretenimento	“Vemos televisão, vemos filmes”	E3; E4; E7; E8; E9; E11; E14;
	Música	“Costumamos ouvir música”	E6
	Usar Computador	“Utilizamos realmente o computador muito os dois”	E6
Relação Positiva	Facilidade de Contacto	“É bom porque ela está contactável”	E9
		“Esse tempo que ela ocupa tenho sempre tendência para lhe perguntar ‘o que é que estiveste a fazer? ‘então o que é que pesquisaste?’”	E3
	Aprendizagem de Conteúdos	“A gente aprende muito” “Ela também aprende e ajuda-me”	E2; E3 E10

Relação Negativa	Diminuição da Comunicação	“[As tecnologias] retiram, vão retirando um certo tempo”	E11
		“Se ele se calhar não passasse tanto tempo no computador, estava aqui mais presente a falar com a mãe dele”	E4; E12
	Isolamento do/a Adolescente	“Porque ele já era uma criança fechada sem a tecnologia e agora então”	E13
Relação Neutra		“Não é as novas tecnologias que nos barram a ligação”	E1; E5; E6; E8; E10; E14;
Comunicação Igual	Comunicação Igual	“Eu acho que era a mesma coisa”	E1; E12
		“Entre mim e ela não seria muito diferente”	E8; E10
	Apenas Modificação de Hábitos	“Aquilo que mudaria seria mais ao nível dos hábitos	E7

			do que propriamente do grau de comunicação”	
Comunicação Diferente	Diminuição da Comunicação		“Se não houvesse telemóvel aquilo era uma coisa muito má, uma pessoa que entra para o trabalho logo cedo só via o filho à tardinha”	E11
	Melhoria da Comunicação	Aumento da Comunicação e da Interação Familiar	“Talvez a gente conversasse mais ou fizéssemos mais outro tipo de jogos”	E4; E6
			“Se calhar estava na sala com o pai ou comigo vendo filme, vendo alguma coisa, falando”	E13; E14
		Alteração de Hábitos	“Não estávamos sempre a pensar que tínhamos ali alguém para telefonar ou para ir buscar”	E9

		Mais Atividades Fora de Casa	“Se calhar a gente dedicava-se a fazer mais atividades fora”	E2
		Reconhecimento de Outras Formas de Comunicar	“Tinha que arranjar outras formas, como os meus pais arranjaram comigo para me acompanhar e estarem mais tempo comigo” “Tínhamos que escrever cartas”	E3 E5
Objetivo 7	Opinião sobre a Frase “ O Pai e a Mãe Utilizam os Média como Baby-Sitter”			
	Tecnologias (os Média) como Recurso Positivo	Monitorização dos Movimentos	“É uma maneira barata e segura de você ter os seus filhos em ordem”	E1; E3; E4; E5; E6; E7; E12; E13
		Entretenimento	“Não faz mal os pais utilizarem a Internet como	E2; E6; E8; E9; E13; E14

		um entretenimento para os miúdos”	
		“Eles divertem-se com aquilo”	
Tecnologias (os Média) como Recurso Negativo	Isolamento	“Acho que não é bom estarem sozinhos”	E12
		“O miúdo fica refugiado só naquilo”	E9; E11
	Sedentarismo	“As crianças não fazem exercício físico e estão sentadas o dia todo, agarradas às tecnologias”	E11
			E1
	Quebra na Comunicação Familiar	“Isso vai quebrar a comunicação entre eles [pai, mãe e filho]”	E11
		“Porque retira um bocadinho do afeto e da ligação que os pais têm que ter com eles”	E2

Influência dos Conteúdos	“Os desenhos animados são muito agressivos e, hoje, os gaitos (...) vão para a escola lutar uns com os outros”	E14
Impedimento da Participação em Outras Brincadeiras	“Uma criança não pode estar a ocupar o seu dia à frente de uma televisão ou computador (...) e perder outras coisas que são absolutamente essenciais para o desenvolvimento” “Eles têm de brincar, brincar mesmo na terra, no pó, à bola”	E9 E2; E14

Anexo XV – Grelha de Análise Categorical dos/as Adolescentes Entrevistados/as

Objetivo 4 Importância das Tecnologias pela Família e Importância da Internet no/a Adolescente				
Categorias	Subcategorias	Sub-subcategorias	UR “Verbalizações”	Participantes
Formação e Informação	Pesquisa		“Às vezes faço pesquisa”	J5
		Estudo e Trabalho	“Trabalhos”	J8; J9; J10
			“Estudar”	J2
Lazer e Entretenimento	Visionamento de Conteúdos		“Ver filmes ou séries”	J6; J8; J9; J14_1; J14_2
			“Ver vídeos no YouTube”	J3; J10; J11
	Ligação a Redes Sociais		“Ir às redes sociais”	J1; J2; J6; J8; J10; J14_1; J14_2

	Jogos Online	“Jogar”	J4; J7; J11; J12; J13;
	Música	“Oioço música”	J3; J4; J11
Lazer e Entretenimento	Ligação a Redes Sociais	“Uso bastante as redes sociais”	J1; J4; J10; J14_2
	Jogos Online	“É a Internet, que é aí que eu jogo com os meus amigos”	J4; J7; J11
Informação e Estudo	Pesquisa	“Eu tenho uma dúvida e vou ver à Internet quando não está num livro”	J2
		“Dá para fazer muitas pesquisas sobre qualquer tema”	J3; J5
	Estudo	“Nós precisamos dela [Internet] para os nossos	J3

			trabalhos de grupo, individuais e tudo”	
	Comunicação	Facilidade de Contacto entre as Pessoas	“Falo com os meus amigos” “Seria também para estar conectada com os meus amigos, talvez pessoas que estejam mais longe”	J7; J10 J8
Objetivo 5	Perceção das Mães e dos/as Adolescentes quanto à Utilização de Tecnologias pelo/a Adolescente			
	Comportamentos	Adaptação	“Já tive e não é tão difícil” “Sente-se falta mas não é uma coisa obrigatória à vida” “Consigo viver sem essas coisas”	J3; J4 J11 J1; J6
	Sentimentos	Indiferença	“Acho que igual (...) não fazia diferença”	J2; J3; J5; J12; J14_1

		“Acho que me aguentava bem”	J13
	Aborrecimento	“Aborrecimento talvez”	J4; J7
	Vazio	“Sentia-me diferente, a faltarme qualquer coisa e sempre à procurad o telemóvel para ir ver”	J10
	Alívio	“Acho que me sentiria mais aliviada do que eu pensava”	J9
Contexto		“ Depende do que estivesse a fazer, de onde estivesse”	J14_2
		“Quando vou para o Algarve, tenho Internet disponível no telemóvel, mas não a uso e não sinto grande necessidade”	J6

**Objetivo 6 As Novas Tecnologias na
Interação Familiar**

Momentos de Interação Familiar Sem Tecnologias	Refeições	“São as refeições”	J1; J4; J5; J6; J8; J13; J14_1
	Lazer	“Passeios”	J2; J3; J7; J9; J11; J12
		“Ficamos cá em casa” “Jogamos um jogo juntos”	J12; J13 J3; J8
	Conversa	“Costumamos conversar”	J6; J7; J8; J9; J10; J12; J14_1; J14_2
Momentos de Interação Familiar Com Tecnologias	Refeições	“Às vezes, o telemóvel ali por perto”	J2; J3; J10; J14_2
		“Só a televisão na sala a fazer assim um barulho de fundo”	J4; J5; J6; J7; J9; J11; J13; J14_1

	Entretenimento	“Ver televisão”	J4; J6; J7; J8; J10; J11; J14_2
		“Vemos filmes juntos”	J3; J6; J9
Relação Negativa	Diminuição da Comunicação	“Em vez de estar no telefone, podia estar mais tempo com eles [pai e mãe]”	J8; J9; J14_1
		“Quando estamos todos no sofá (...) ou o meu pai está a ver televisão e a minha mãe está no computador ou eu estou no telemóvel e não estamos a comunicar”	J3; J13
		“Influencia no tempo em que nós comunicamos (...) não temos tanto tempo juntos”	J11; J12
Relação Neutra		“Não influencia muito porque quando não ligava muito às	J1; J7; J10; J13; J14_2

		tecnologias também não falava muito com eles [pai e mãe]”	
		“Não influencia (...) e eu sei usar as coisas moderadamente e sei quando devo jogar e por quanto tempo e quando é que chega”	J5
		“Posso estar no computador, mas estou a falar com ela [mãe] na mesma (...) acho que não afeta negativamente”	J4; J6
Comunicação Igual		“Acho que seria praticamente igual”	J5; J14_1; J14_2
		“Não seria muito diferente”	J6
Comunicação Diferente	Melhoria da Comunicação	“Era muito mais aberta”	J2
		“Era boa, porque assim se não houvesse tecnologia, podia falar com os meus pais sempre”	J3; J4; J11

			“Se calhar seria melhor (...) porque as conversas que nós temos, podíamos ter mais”	J9; J10; J12; J13
	Reorganização do Planeamento das Rotinas		“Em termos do meu dia teria que ser melhor planeado”	J8
			“Acho que a única diferença é que ficava mais tempo à porta da escola quando saía mais cedo	J1; J7
Objetivo 7 Opinião sobre a Frase “ O Pai e a Mãe Utilizam os Média como Baby-Sitter”				
	Tecnologias (os Média) como Recurso Positivo	Monitorização dos Movimentos	“O pai pode saber onde é que está o filho, pode falar com o filho a qualquer hora”	J5; J11
	Tecnologias (os Média) como Recurso Negativo	Impacto Negativo nas	“Acho que isso é mau (...) e aco que as crianças hoje em dia têm esse problema”	J1; J2; J9; 14_2

Crianças e Adolescentes	<p>“Acho que as pessoas não deviam (...) desperdiçar a infância delas com tecnologias”</p> <p>“Acho que não é muito saudável mas acho que é melhor brincar normalmente”</p>	<p>J12; J13; 14_1</p> <p>J4</p>
Impacto Negativo na Comunicação Familiar	<p>“Não falam com as pessoas, estão sempre ligadas aquele coisinho (...) e isso prejudica muito a relação com os pais”</p> <p>“Os adolescentes perdem a necessidade de aprender com os pais porque as coisas já estão na Internet”</p>	<p>J2; J12; J14_2</p> <p>J6; J8</p>
Regulação do Comportamento	<p>“Temos vários amigos dos meus pais (...) tecnologias para sossegar os filhos”</p> <p>“As crianças estão no supermercado e fazem uma</p>	<p>J1</p> <p>J10</p>

birra, o pai dá-lhe o telemóvel e a criança a cala-se”	
“Os pais muitas vezes fazem um controlo muito excessivo daquilo que os filhos fazem (...) e acho que não é saudável para ninguém”	J5
“Há muitos bebés a brincarem com tablets e a jogarem”	J4
“(...) desde pequeninos estão a educa-los ‘isto é o que tu deves fazer”	J9

